

ALANA MARA ALVES GONÇALVES

**FUTEBOL AMADOR:**  
Campo Emergente de Sociabilidade

MESTRADO EM SOCIOLOGIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC  
UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA  
FORTALEZA - CE

2002

ALANA MARA ALVES GONÇALVES

# **FUTEBOL AMADOR:** Campo Emergente de Sociabilidade

MESTRADO EM SOCIOLOGIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como exigência parcial, para a obtenção do título de Mestre em Sociologia, sob a orientação da Professora Doutora Glória Diógenes.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC  
UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA  
FORTALEZA - CE

2002

Página de Avaliação

Futebol Amador: Campo Emergente de Sociabilidade

Mestrado em Sociologia

Alana Mara Alves Gonçalves

Dissertação aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Banca examinadora :

---

Professora Doutora Glória Maria dos Santos Diógenes (Universidade Federal do Ceará)  
Presidente Orientador

---

Professora Doutora Irllys Alencar Firmo Barreira (Universidade Federal do Ceará)

---

Professora Doutora Maria Inês Detsi de Andrade Santos (Universidade de Fortaleza)

Para Gabriela,  
com amor.

## Agradecimentos

À minha família, especialmente a minha mãe.

Aos meus colegas do Mestrado.

Aos companheiros de Educação Física da URCA.

À FUNCAP e a CAPES pela bolsa concedida.

Aos professores do Mestrado, especialmente a professora Auxiliadora Lemenhe.

A minha orientadora Glória Diógenes.

A vocês que fazem a festa, jogando futebol.

Bola de Meia, Bola de Gude  
(Milton Nascimento, Fernando Brandt)

Há um menino, há um moleque  
Morando sempre no meu coração  
Toda vez que o adulto balança  
Ele vem pra me dar a mão

Há um passado no meu presente  
Um sol bem quente lá no meu quintal  
Toda vez que a bruxa me assombra  
O menino me dá a mão

E me fala de coisas bonitas  
Que eu acredito que não deixarão de existir  
Amizade, palavra, respeito, caráter, bondade  
Alegria e amor

Pois não posso, não devo, não quero  
Viver como toda essa gente insiste em viver  
E não posso aceitar sossegado  
Qualquer sacanagem ser coisa normal

Bola de meia, bola de gude  
O solidário não quer solidão  
Toda vez que a tristeza me alcança  
O menino me dá a mão.

## RELAÇÃO DOS MAPAS E CROQUIS

### • MAPAS

01.	Mapa Nº 01- CRAJUBAR- Contexto Regional.....	99
02.	Mapa Nº 02 – Evolução Urbana de Juazeiro do Norte.....	100
03.	Mapa Nº 03 – Evolução Urbana de Juazeiro do Norte/Campos de Futebol Soterrados.....	102
04.	Mapa Nº 04 - Os Campos de Futebol na Zona Urbana de Juazeiro do Norte.....	103
05.	Mapa Nº 05 - Os campos de Futebol na Zona Rural de Juazeiro do Norte. ....	104

### • CROQUIS

01.	Croquis Nº 01 – Evolução Urbana.....	98
02.	Croquis Nº 02 – Mancha Urbana Atual de Juazeiro do Norte.....	101

## RELAÇÃO DAS TABELAS

### • TABELAS

01.	Tabela Nº 01 – Incremento Populacional.....	31
02.	Tabela Nº 02 – Campos de Futebol Soterrados - depois de Romeirão.....	37
03.	Tabela Nº 03 – Classificação dos Nomes dos Times de Futebol. ....	40
04.	Tabela Nº 04 – Relação de Tempo no Jogo Fechado.....	78

## SUMÁRIO

<b>Apresentação.....</b>	<b>11</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>12</b>
<b>I - Batendo Bola, Batendo Cabeça</b>	
<b>Narrações sobre a Memória do Futebol em Juazeiro do Norte.....</b>	<b>16</b>
1. Os Narradores.....	16
2. Da Bola de Meia a Bola de Couro.....	18
3. Memórias do Futebol.....	19
<b>II - Campos Soterrados e Campos Emergentes</b>	
<b>Cartografia do Futebol em Juazeiro do Norte.....</b>	<b>27</b>
1. História, Evolução Urbana e Dinâmica Populacional em Juazeiro do Norte.....	28
2. Os Campos Soterrados.....	32
2.1. Os Campos Soterrados - antes do "Romeirão".....	32
2.2. Os Campos Soterrados - depois do "Romeirão".....	36
2.3. Os Campos Emergentes.....	38
3. Análise dos nomes dos times de futebol em Juazeiro do Norte.....	40
<b>III - Etnografia do Futebol Amador.....</b>	<b>43</b>
1. O Futebol amador em Juazeiro do Norte: descrição geral.....	43
2. Caracterização dos Sujeitos.....	48
<b>IV - Etnografia dos Processos de Sociabilidade.....</b>	<b>65</b>
1. O "Racha" dos malucos: Um caso exemplar de jogo "aberto".....	65
2. Um exemplo de jogo "fechado": Bragantino X Fortaleza.....	70
3. O Treino do Vila Alta e do Vasco do Horto: Jogo "aberto" e jogo "fechado" ....	80
<b>V - Futebol Amador: Lazer, Estilo de Vida e Campo Social.....</b>	<b>82</b>
<b>VI - Referências Bibliográficas.....</b>	<b>89</b>
<b>VII – Anexos.....</b>	<b>93</b>

## RESUMO

Esta dissertação tem como objeto de estudo o futebol amador, não-profissional. O campo empírico escolhido abrange a cidade de Juazeiro do Norte - Ceará. Considero que um estudo sociológico sobre o futebol amador deve ser orientado pela perspectiva de que, menos que uma modalidade de esporte, ele é uma prática social, um fato da vida coletiva, e como tal supõe, para existir, padrões de condutas e valores recorrentes, participados pelos sujeitos envolvidos. Assim pensando, a investigação partiu de duas indagações principais: a) Como se expressa o cotidiano do futebol amador no que diz respeito a processos de interação social vividos pelos sujeitos no interior das equipes ? b) Que sujeitos pertencentes a outros grupos sociais se relacionam com participantes e equipes do futebol amador ? A pesquisa qualitativa apresentou-se como a mais adequada para as questões colocadas nesta investigação. A orientação antropológica é fruto da própria escolha do objeto de estudo, uma vez que é "muito difícil separar o que fazer do como fazer". (Gondim, 1999, p.19). "Batendo Bola, Batendo Cabeça. Narrações sobre a Memória do Futebol em Juazeiro do Norte" é o título do primeiro capítulo. Nele são abordados aspectos relacionados à gênese desta prática social, tal como ela é narrada por dois sujeitos singulares, utilizando a memória como recurso metodológico. No segundo capítulo, "Campos Soterrados e Campos Emergentes. Cartografia do Futebol em Juazeiro do Norte", apresento alguns aspectos da história, da evolução urbana e da dinâmica populacional da referida cidade como forma de auxiliar na compreensão do mapa traçado pelos campos de futebol. Assim, apresento os campos soterrados e os campos emergentes. Como também, uma análise dos nomes dos times de futebol, identificados durante a pesquisa e que se encontravam em atividade neste período. No terceiro capítulo, intitulado "Etnografia do Futebol Amador", desenvolvo uma descrição geral do futebol amador em Juazeiro do Norte e para facilitar a reflexão sobre o tema apresento o futebol amador dividido em duas categorias, são elas: jogos "abertos" e jogos "fechados". Nesse capítulo, apresento também uma caracterização dos sujeitos envolvidos nesta atividade. "Etnografia dos Processos de Sociabilidade" é o título do quarto capítulo. Nele apresento um registro etnográfico de três dinâmicas de jogos que foram escolhidas a partir da classificação do futebol amador nas categorias citadas acima. O quinto e último capítulo, "Futebol Amador: Lazer, Estilo de Vida e Campo Social", vem reafirmar que o futebol é um jogo social, ou seja, o futebol adquiri outras dimensões, para os sujeitos envolvidos, para além das quatro linhas do campo.

## ABSTRACT

This dissertation aims at the amateur non-professional soccer practice as its object of study. The empirical field chosen includes the city of Juazeiro do Norte, State of Ceara. It is my belief that a sociological study about amateur soccer must be directed according to the perspective that the game is first a sociological practice, a fact of collective life, then a sport activity and as such claims as tenets of its existence, behavior patterns and recurrent values, expressed by the individual involved. From this point of view, the investigation starts by formulating two main questions: a) How do daily activities of amateur soccer are expressed if one is to consider social interaction processes as experienced by individuals within the teams? B) Which individuals belonging to other social groups relate to players and teams of amateur soccer? The qualitative research proved to be the most adequate tool to answer the questions above. The anthropological directive stems from the choice of the object of study itself since *it is very difficult to separate "the what to do" from "the how to do"* (Gondim, 1999, p. 19). The first chapter is titled *Kicking a ball, banging heads. Tales about the memory of soccer in Juazeiro do Norte*. In this chapter, I evaluate aspects related to the origin of this social practice, as told by two persons who resort to memory as a methodological tool. In the second chapter, *Buried fields, emerging fields. A chart to soccer in Juazeiro do Norte*, I present some historical aspects of the city including urban development and human mobility as an auxiliary tool to help understanding the map drawn by soccer fields. In this way I present the bury fields and the emerging fields as well as an analysis of names given to the teams as identified during the research and which were in activity at the time. In the third chapter, titled *Amateur soccer ethnography*, I develop a general description of amateur soccer in Juazeiro do Norte and to help reflecting about the theme I divide amateur soccer in two categories, namely, "open" games and "closed" games. In this chapter I present as well a characterization of the individuals involved in this activity. The fourth chapter is titled *An Ethnography of sociability processes*. In this chapter I present an ethnographical record of three game dynamics that were chosen in view of the amateur soccer qualifying for the three categories above-mentioned. The fifth and last chapter, *Amateur soccer: leisure, life style and social environment*, reaffirms that soccer is a social game, that is, soccer is empowered by other dimensions that tackle individuals involved in its practice beyond the four field lines.

## **Apresentação**

Hoje tem Jogo!!!

Pulei da cama num salto só e em poucos minutos já estava no colégio. É sábado, dia de jogo de voleibol, de basquete, futebol, carimba, barra-bandeira ... Ao voltar para casa no final da manhã, sentia-me exausta, plena, feliz. A minha vida de estudante em Juazeiro do Norte foi marcada por esse ritual. E o jogo era uma brincadeira gostosa, sem cobranças, sem importar tanto o resultado final. Porque, afinal, bom mesmo era jogar, rir dos passes errados, meus e dos colegas também. Conversar, paquerar, fazer fofoca e esperar o próximo sábado.

Ao ter que optar por uma profissão, não tive dúvidas, queria ser professora de Educação Física. Durante a graduação, os valores até então predominantes na educação física escolar, tais como: competição exacerbada, especialização precoce, disciplina rígida, tecnicismo, entre outros estavam sendo questionados e em seus lugares outros princípios ganhavam força. Destaco a perspectiva de educação física escolar que tem como conteúdo de ensino a cultura corporal.<sup>1</sup>

O meu interesse pelo futebol é fruto de diversas observações, leituras e diálogos com colegas da educação física. Inicialmente, chama-me atenção o alcance que o esporte ganha no Brasil, em detrimento de outras possibilidades de ação no âmbito da cultura corporal. E, dentre tantas opções que o esporte nos oferece como o voleibol, o basquetebol, o atletismo, o handebol, a natação, entre outros, verifica-se uma valorização centrada na prática do futebol, fato que permite afirmar a existência de uma autêntica monocultura esportiva.

No curso de Mestrado, quando resolvi estudar o futebol amador, fui percebendo que essa decisão traduzia uma demanda de natureza simbólica. "Investigamos temas que estão mobilizando processos internos, investigamo-nos." (Diógenes, 1998, p. 14). Quando comecei as observações, senti que, embora o ritual fosse outro, ali também, o jogo era pura festa social. Penetrar neste universo social foi uma experiência que me possibilitou compreender as tramas da minha própria subjetividade.

---

<sup>1</sup> Denomina-se de **Cultura Corporal** todo o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história exteriorizadas pela expressão corporal: esporte, jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, malabarismo, contorcionismo mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas. COLETIVO DE AUTORES (1992)

## Introdução

O que faz com que o futebol seja o esporte mais praticado, assistido, difundido e comercializado no Brasil ? Como o futebol consegue congrega ricos e pobres sob uma mesma bandeira ? Estas são algumas das questões que instigam pesquisadores interessados no tema. Uma das certezas correntes entre os cientistas sociais é a de que o futebol significa algo mais que um mero esporte com um conjunto de regras. Em outras palavras, o futebol, não é apenas a arte de chutar, correr, driblar, brincar, dançar, fazer gols.

O futebol envolve interesses diversos, ou seja, interesses de cunho ideológicos<sup>2</sup>, econômicos<sup>3</sup>, religiosos<sup>4</sup>, entre outros. ( Pimenta , 1997). O futebol no Brasil é a forma mais popular de lazer entre todas as classes sociais. Mas, não foi sempre assim. Inicialmente, o futebol só era praticado nos clubes considerados de elite. A década de vinte é considerada como um momento de ruptura deste padrão, época em que os times, já profissionalizados, passaram a incorporar jogadores remunerados e advindos das classes populares. Desde então, a prática profissional do futebol levou a construção de estádios nas grandes e médias cidades. A expansão do futebol profissional no Brasil não resultou no desaparecimento do futebol amador, que persiste, poderíamos dizer, tanto nas grandes, médias e pequenas cidades como também na zona rural. O futebol amador constituiu-se durante muito tempo em lugar privilegiado de aprendizagem para o futebol profissional, sendo reconhecido como "fábrica" ou "celeiro" de atletas.

Embora o futebol amador seja uma prática corrente em todo território brasileiro, ele é pouco conhecido. De um lado, porque não tem sido tomado como objeto de investigação e, de outro, porque "escondido" nas periferias urbanas e áreas rurais pouco se mostra para a produção de leituras menos formalizadas. Estas considerações não se verificam no que diz respeito ao futebol profissional, o qual, em épocas mais recentes, tem sido tema de pesquisas e tem adquirido visibilidade quase cotidiana no Brasil.

---

<sup>2</sup> Os interesses ideológicos mencionados abrangem as questões: a) do nacionalismo ( no que se refere à formação da identidade); b) da dominação (controle), considerando-o como sendo "o ópio do povo"; c) à questão da sua utilização como aparelho ideológico do Estado.

<sup>3</sup> Modernamente, não só o futebol como o esporte em geral move "grandes cifras".

<sup>4</sup> Vem sendo notado um aumento considerável de Atletas de Cristo nos times de futebol e no esporte em geral e, o que era profano anteriormente, hoje serve de marketing para atrair novos fiéis.

Tendo como referência aspectos organizacionais do futebol profissional e observações de modo assistemático destaco como principais características do mesmo o seguinte: a) estrutura complexa e hierarquizada envolvendo sujeitos distribuídos em distintas posições sociais; b) regras múltiplas e fixas relativas às distintas posições (jogadores, técnicos, dirigentes, etc.); c) as regras transcendem as equipes, isto é, são formuladas por órgãos mais amplos, de natureza internacional (FIFA)<sup>5</sup> e nacional (CBF)<sup>6</sup>; d) a forma de ingresso está subordinada a princípios dentre os quais o mais decisivo é o da "competência"; e) sujeitos envolvidos são remunerados. Embora o futebol profissional sirva de referência para o futebol amador, este apresenta-se de forma distinta do futebol profissional.

### 1. Trajetórias de um objeto de investigação

Ao chegar à praia do futuro, em Fortaleza, percebo uma longa faixa de areia dominada principalmente pelos jogadores de futebol. Embora não seja o meu "*locus*" de pesquisa, fico observando como os jogadores se comportam. Neste caso, falar de jogadores significa fazer referência ao gênero masculino: mesmo no ambiente democrático da praia, a mulher está excluída do jogo de futebol. Os contatos com os primeiros jogos e jogadores funcionaram como estudos exploratórios com o objetivo de tentar precisar e delimitar o foco de investigação. Buscava pistas que me ajudassem a compreender uma prática estranha às minhas experiências esportivas anteriores.

A pergunta que formulei para mim, tendo em vista as primeiras observações, colocou-se como campo central da investigação: como se expressa o cotidiano do futebol amador no que diz respeito a processos de interação social vividos pelos sujeitos no interior das equipes? Que sujeitos pertencentes a outros grupos sociais se relacionam com participantes e times do futebol amador?

Ao retornar a Juazeiro do Norte, campo empírico da minha pesquisa, continuei observando os jogadores de futebol amador: a forma como se organizam, a dinâmica dos jogos, como se relacionam entre si, a relação existente com outros membros da sociedade, ou seja, toda e qualquer informação que me ajudasse a construir uma cartografia do futebol amador em Juazeiro do Norte.

---

<sup>5</sup> **Federation International de Football Association.**

<sup>6</sup> **Confederação Brasileira de Futebol.**

As descrições do futebol amador em Juazeiro do Norte devem ser observadas levando-se em consideração o que imaginamos que seus jogadores e outros sujeitos envolvidos praticam a partir da maneira como eles se organizam para o jogo, o próprio jogo em si e as ações desenvolvidas na produção dessa atividade.

No entanto, isso não significa que as descrições representam uma expressão total e absoluta da dinâmica do jogo e de suas tramas de sociabilidade. As descrições são resultados de uma análise científica, mesmo que sejam elas mesmas interpretações de interpretações. Devo lembrar ainda que qualquer análise é desde o início incompleta, mesmo que seja profunda. “A antropologia, ou pelo menos a antropologia interpretativa, é uma ciência cujo progresso é marcado menos por uma perfeição de consenso do que por um refinamento de debate.” (Geertz, 1989, p. 39).

Assim, a pesquisa qualitativa apresentou-se como a mais adequada para as questões colocadas nesta investigação. A orientação antropológica é fruto da própria escolha do objeto de estudo, uma vez que é "muito difícil separar o que fazer do como fazer". (Gondim, 1999, p.19). A trajetória da investigação antropológica, com descrições detalhadas da situação investigada, difere do que se constata em outras ciências sociais. Frequentemente, os dados etnográficos antropológicos são alvos de reanálises, ou seja, "a reanálise de um corpo etnográfico é prova da adequação e qualidade da etnografia." (Peirano, 1995, p.56).

Qualquer generalidade que se pretenda alcançar é mais pelas suas pequenas distinções do que pela abrangência de suas abstrações. “O que é importante nos achados do antropólogo é sua especificidade complexa, sua circunstancialidade.” (Geertz, op. cit., p.33).

O estudo da memória como recurso metodológico se revelou de fundamental importância em todas as fases da pesquisa, mas principalmente no capítulo sobre as narrações acerca do futebol em Juazeiro do Norte. A memória individual dos narradores depende da relação que os mesmos tiveram com grupos, dos quais fizeram parte. O estudo da memória individual permite adentrar no pensamento do grupo ao qual pertence o indivíduo.

O futebol amador é uma prática que desloca-se em espaços múltiplos na cidade. Qualquer terreno baldio é um campo de futebol em potencial. Foi necessário assim, "exercitar um olhar descentralizado, em movimento, para fazer também nomadizar o esforço de investigação." (Diógenes, op. cit., p. 56). Também foi estimulante para mim, descobrir que o quase vazio existente em torno da temática do futebol amador, lançou-me no campo de investigação com poucas pistas. À medida que a pesquisa foi se desenvolvendo, senti necessidade de classificar o futebol amador em duas categorias, jogos "abertos" e jogos "fechados", as quais se projetaram como matrizes centrais de observação.

Após os vários contatos com os times e campos de futebol amador, escolhi três dinâmicas de jogos que podem ser consideradas como "casos exemplares" das categorias citadas acima. Assim, para representar os jogos "abertos", escolhi o "racha"<sup>7</sup> dos malucos, como caso exemplar. A disputa entre os times do Bragantino e do Fortaleza exhibe os elementos que compõem a trama dos jogos "fechados". Finalmente, apresento o treino do time Vila Alta, como exemplo de jogo "aberto" e de jogo "fechado". Estas escolhas construíram-se tendo em vista a percepção de "pontos invariantes de referência" (Geertz, 1989, p. 53) possibilitando assim, aprofundar a observação.

---

<sup>7</sup> Designação dada aos jogos de futebol amador sem nenhum caráter "oficial".

## **I - Batendo Bola, Batendo Cabeça.**

### **Narrações sobre a Memória do Futebol em Juazeiro do Norte.**

Discorrer sobre a origem do futebol em Juazeiro do Norte não é uma tarefa fácil. Os arquivos existentes acerca do futebol juazeirense são escassos. Para suprir tal lacuna abordarei aspectos relacionados à gênese desta prática social, tal como ela é narrada por dois sujeitos singulares, utilizando a memória como recurso metodológico.

Trabalhar com a memória permite articular a dimensão subjetiva do vivido com às interpretações que permeiam a vida dos sujeitos, ou seja, lembrar significa repensar o passado utilizando imagens, valores e representações do presente. Disso resulta que as visões do passado não são fixas, mas estão continuamente em reelaboração, da mesma forma que o presente se modifica. O recurso à memória permite que além das interpretações dos significados dos fatos objetivos, os sentimentos também venham à tona reavaliados sob a ótica do presente.

Um caso exemplar que permite reconhecer o espaço do campo de futebol como lugar de memória é encontrado na cidade de São Paulo. Ali o Parque do Povo, cuja história está vinculada à prática do futebol de várzea há mais de sessenta anos, foi tombado em julho de 1994. (Magnani & Morgado, 1994). O que permite afirmar que futebol de várzea, digo, futebol de poeira (este termo é mais apropriado para nossa região) também é patrimônio.

#### **1. Os Narradores**

Antes de iniciar a apresentação dos narradores, gostaria de explicar minha escolha. Os sujeitos em questão, tiveram participação ativa na vida futebolística na cidade de Juazeiro do Norte. Sendo os únicos, que têm memórias sobre o futebol amador e futebol profissional registradas em textos escritos. Por tais razões são reconhecidos por muitos como pessoas autorizadas a falarem sobre a "história" do futebol na cidade.

Dário Maia Coimbra, mais conhecido como Darim, nasceu em 12 de abril de 1932, vindo a falecer recentemente, aos 22 de julho de 2001. Foi um desportista, tendo sido campeão pelo seu clube, o Treze Sport Clube, nos anos de 1953, 1954, 1956 e 1960. Radialista e jornalista, trabalhou em vários jornais locais. Também foi juiz de futebol e

vereador em 1966, época em que tinha 34 anos. Integrou também o Tribunal de Justiça da Liga Desportiva Juazeirense. No Instituto Cultural do Vale Caririense, ocupava a cadeira N.º 33, patrocinada por Raimundo Quixadá Felício. Publicou no Boletim do Instituto Cultural do Vale Caririense N.º 09 de 1982, um artigo sob o título: Retrospecto Esportivo. Tem ainda dois livros de sua autoria: *Evocação ao Humor (1996)* e *Os construtores de Juazeiro(1999)*.

Vicente Ribeiro Sobrinho, conhecido como Senhorzinho Ribeiro, nasceu no dia 03 de Agosto de 1909, no sítio Pau Seco em Juazeiro do Norte. Atualmente, está com 91 anos. Filho de agricultor pobre, começou a trabalhar cedo, cursou somente até o 4º ano do primário. Ainda menino, inicia o ofício de sapateiro, trabalhando nessa arte até o ano de 1950. Neste mesmo ano foi eleito vereador, pela Legenda da União Democrática Nacional (U.D.N.). Foi jogador de diversos times de futebol amador da cidade de Juazeiro do Norte. Fundou o Maguary Futebol Clube, na referida cidade, e, posteriormente, foi técnico de futebol. Tem dois livros publicados, são eles *Juazeiro em Corpo e Alma (1992)* e *Juazeiro no Túnel do Tempo (1996)*. Ambos dedicam um capítulo ao futebol de Juazeiro do Norte.

Optei por trabalhar com o artigo do Senhor Dário Maia Coimbra que traz o título de *Retrospecto Esportivo*, publicado em 1982 pelo Boletim do Instituto Cultural do Vale Caririense. A escolha deu-se em virtude do citado artigo pretender fazer uma retrospectiva do futebol na cidade de Juazeiro do Norte, como o próprio nome sugere. Além de que o autor inicia o texto com a seguinte explicação:

"Apelando apenas para a memória, já que não temos arquivos do futebol Juazeirense antes de 1953, vamos expressar o que sabemos do fabuloso 'futebol de poeira', principalmente do futebol verdadeiramente amador que, por sinal, cobriu de glória esse setor da vida juazeirense" (Coimbra, 1982: 32)

Não satisfeita com os relatos escritos de ambos os narradores, entrevistei o Senhor Dário Maia Coimbra e o Senhor Vicente Ribeiro Sobrinho. Procurei concentrar-me no modo como cada um compunha e narrava suas memórias acerca da história do futebol na cidade de Juazeiro do Norte.

## 2. Da Bola de Meia a Bola de Couro

O autor do artigo, *Retrospecto Esportivo*, inicia afirmando que o trabalho foi feito "apelando apenas para a memória" e termina, retomando novamente a questão da memória, com um pedido de desculpas. "Que nos perdoem os não citados (em todas as fases deste trabalho). É que o mesmo foi feito totalmente de memória." (Coimbra, 1982, p.34). No entanto, o próprio autor reconhece que o texto tem lacunas e mostra-se disposto a dialogar com outros narradores:

"Quem discordar de nossa afirmativa poderá escrever em outra oportunidade seus conhecimentos mais profundos. E da discordância nascerá, sem dúvida, subsídio para se escrever a história do pebol<sup>8</sup> da Terra do Padre Cícero." (Coimbra, op. cit., p.32)

"Foi o que a memória nos possibilitou. Acreditamos que este nosso desprezioso trabalho possa ser completado por outras pessoas que como nós militaram no esporte cidadão, como torcedor, atleta, dirigente e locutor esportivo, o que seria oportuno." (Coimbra, op. cit., p.34).

Apesar de reconhecer lacunas e de reivindicar o uso exclusivo da memória para a construção do artigo, o autor estrutura uma narrativa como quem constrói "a" história do futebol: história elaborada segundo os critérios da prática científica. Isto é, busca "provar" suas verdades mediante a "apresentação" de fatos, sistematizando-os segundo uma seqüência cronológica e categorial (fase amadora, fase profissional e fase mista).

A linguagem adjetivada do texto nos passa a idéia de que o futebol em Juazeiro do Norte viveu períodos grandiosos. A este respeito, algumas frases são exemplares: "Esses atletas formavam a *força máxima* do nosso pebol."; "...cobriu de glória esse setor da vida juazeirense."; "E escreveram a *brilhante* tarefa: 48 vitórias consecutivas, ..."; "Entretanto, ninguém se aventurara a deixar '*a formidável máquina de fazer gols*', ..."; "Para aqui *afluíram craques* ..."; "...escreveu *gloriosa* jornada,..." (Coimbra, 1982). Grifos meu.

Assim, no relato das vitórias extraordinárias é traçada uma história de glórias que remontam as origens do futebol amador. Neste passado idealizado não se registram derrotas. Ou quando há algum relato de insucesso, o narrador apresenta atenuantes e expõe em seguida nova vitória. Por exemplo, no campeonato intermunicipal em 1939, quando o time do

---

<sup>8</sup> Pelada + futebol = pebol

Juazeiro, após vencer os adversários da região, perdeu para a seleção de Maranguape, por 3 a 2, o autor logo justifica que o jogo foi no período da noite e que a seleção de Maranguape "jogou com vários jogadores da 1ª divisão do futebol alencarino". O mesmo apresenta em seguida os nomes dos jogadores, batizados de "heróis", e o ano (1968), em que finalmente conquistaram o campeonato intermunicipal.

A glorificação do passado se revela também na contraposição que é construída entre nome dos jogadores e o relato de suas façanhas. Os nomes dos jogadores são recordados a todo momento. Como ainda hoje acontece, mesmo nas equipes profissionais, o nome dos jogadores ou os apelidos aparecem, na grande maioria, no diminutivo. Definindo homens comuns e até fracos, iguais as crianças, mas que se fazem "gigantes", através do sucesso do time. São alguns exemplos de nomes dos jogadores: Tichico, Ananias, Mascote, Chico Pequeno, Batatinha, Negrinho, Raimundinho, Toninho e Capotinho. Segundo João Batista Freire, "as atividades com as partes de baixo do corpo provocam envolvimento afetivos de ordem diferente do daqueles vivenciados com as partes de cima." (1991, p. 156)

"Exatamente pelo fato de o futebol ser jogado com os pés, o nível arcaico e irracional da emoção ativada é muito maior. É o fato de o controle da bola ter que ser feito com os pés, em momento de tão grande tensão, torna o controle das emoções na hora da jogada um feito realmente heróico do ponto de vista psicológico e até existencial." (Byngton, Apud Freire, 1991, p. 156)

O artigo *Retrospecto Esportivo* segue falando do futebol em Juazeiro do Norte, inicia relatando uma "fase verdadeiramente amadorista", depois uma outra fase marcada pelo profissionalismo, e ainda uma fase onde há uma mistura de amadorismo e profissionalismo. No final do texto o autor retoma a fase amadora para relatar "duas facetas do nosso futebol", quais sejam, a participação no intermunicipal em 1939 e a conquista do mesmo, no ano de 1968. É possível perceber que o autor idealiza o passado tomando-o como referência.

### 3. Memórias do Futebol

As entrevistas e o artigo analisado indicam que o percurso do futebol na cidade de Juazeiro do Norte encontra-se entrelaçado à própria trajetória da cidade. A história do futebol ajuda a construir a história da cidade. Senão vejamos, a inauguração do estádio de futebol Mauro Sampaio, "o romeirão", em 1º de Maio de 1970, representou um marco para a cidade.

Juazeiro do Norte ganhou destaque, não somente devido ao aspecto religioso, mas também devido ao seu futebol.

O primeiro time de futebol de Juazeiro do Norte foi o "Joazeiro Futebol clube" formado em 1927, de acordo com os relatos do Senhor Vicente Ribeiro.

"Formou-se um quadrozinho mais ou menos, não era um grande time de futebol mas dava pra quebrar um galho. Mas a primeira partida nós fomos derrotado pelo Crato por 2X0. Aí, dessa data em diante, começou a chegar jogadores, começaram ao futebol a evoluir. Mais a diante surgiu diversos times de futebol. O velho Araújo, saudosa memória, por nome João Araújo, o Brena falado, formou um time de futebol por nome Palestra, esse time era um time razoável tinha uns jogadores médios, mais tudo isso era amadorismo, não se tratava de profissional. Em 1935, ainda garoto com 15 anos de idade, o Mascote, formou o Treze. Esse Treze, eu fiz parte desse time de futebol. Mais adiante, formou-se diversos time de futebol. Formou-se um time por nome Ateniense, formou-se outro, por nome Botafogo, isso tudo era de rapazes novos que gostavam de jogar, uma média assim de 18 anos, 19 , 20. E assim era o futebol amadorista de Juazeiro. Tinha tempo que esse futebol era animado, outro depois, fracassava, era de temporada." (Ribeiro)

Porém mesmo antes da fundação do primeiro time de futebol de Juazeiro do Norte, já existiam jogos de futebol, conhecidos como peladas. Esses jogos aconteciam nos campos localizados nos diversos sítios existentes na época, e também em alguns campos espalhados pela cidade.

"Bem, esse futebol nas periferias da cidade sempre existiu mas era composto por jogadores descalços, não tinha chuteira, não tinha camisa chamava-se: pelada. ...agora aqueles times de pelada, aqueles times não tinha cotação, aqueles times não disputavam torneios, aqueles times não participava de partidas oficiais, aí não tinha valor, não tinha conhecimento. Não tinha diretoria, não tinha nada, jogador de pelada, jogavam ali onde é hoje o salesiano, era o campo do Pio XII , outros jogavam lá pra bandas da timbaúbas, outros pelos sítios caraís, pau seco, são José, esse sítios , baixo, esses sítios também formava seus timezinho de futebol, mas não era organizado, jogavam ali, eram homens da roça, homens que não calçavam nem chuteira, nem nada, não tinha diretoria, apenas faziam uma cota compravam uma bola e iam bater uma bolinha, pronto." (Vicente Ribeiro)

É possível perceber na fala dos narradores que a trajetória bem sucedida do time de futebol que representava a cidade de Juazeiro do Norte é transferida para a mesma. Ainda mais quando o time leva o nome da cidade como foi o caso do primeiro time de futebol amador de Juazeiro do Norte. O Reconhecimento das glórias do time equivale ao reconhecimento do prestígio da cidade, frente a outras do Ceará. Senão vejamos:

"... só porque era Intermunicipal (campeonato) e era uma coisa que propagava o nome de Juazeiro. Era a seleção de Juazeiro contra as cidades aqui da vizinhança, porque há uma coisa interessante no esporte, hoje não, que as cidades todas cresceram, e o futebol deixou de ser aquela bandeira da cidade. Mas antigamente, você ia jogar na cidade, por exemplo aqui em Mauriti. Lá eles tinham aquele jogo como uma guerra, é, tinha que ganhar. Você ia jogar em Brejo Santo, era a mesma coisa. No Cedro, nem se fala que até um tiro de revólver deram numa bola, uma ocasião em Cedro."  
(Coimbra)

Outro relato é apresentado pelo Senhor Coimbra, como "um dos grandes feitos do futebol de Juazeiro". Sobre o mesmo episódio, o Senhor Ribeiro relata como "a primeira façanha do Juazeiro". Refiro-me à participação do time do Juazeiro no campeonato intermunicipal em 1939.

"...então foi aí que houve a primeira façanha do Juazeiro, nesse tempo esses outros times tinham se acabado por completo. Mas em 1939, foi então disputado o primeiro Intermunicipal de futebol, se reuniu todos os times do interior. Nenhum da capital fez parte. Aí juntou-se os atletas daqui, outros que vinheram lá de fora, formou-se um time de futebol até bonzinho. Fomos disputar com o Crato, aquele que se classificasse pela chave do cariri, ia disputar em Fortaleza com o campeão daquela zona. Foi então que o nosso futebol apareceu em Fortaleza, pra trás ninguém sabia se aqui tinha time de futebol. Mas nós levamos um time 'prata de casa', legítimos jogadores como Valdemar, Tixico, Raimundo, Ananias, Mascote, Zé Araújo, Chico Pequeno, Beato, Alberico. Formou-se um timezinho até bom. Quando esse time chegou em Fortaleza, esse time foi mal sucedido, porque fomos apunhalado pelas costas. O Maranguape se apresentou com um time mesclado com jogadores até da escrete cearense." (Vicente Ribeiro)

Na construção da identidade do povo de Juazeiro, que diz-se um povo de fé, religioso, há também que considerar o futebol como um dos fatores que ajudaram a construir uma representação acerca do que é ser juazeirense. O futebol era o grande acontecimento que

mobilizava toda a cidade, os moradores iam à guerra, simbolicamente, através de seus jogadores.

Da mesma forma que o futebol funcionava como fator de convergência, aglutinador da população, quando o time ia jogar contra outra cidade, o futebol também instituiu segmentações entre sua própria população. Esta segmentação tinha como causa o aparecimento de diversos times de futebol na cidade de Juazeiro do Norte.

"Os times mais ou menos que jogava, disputava nos dias de domingo, tinha torcida foram esses: foram o Juazeiro Futebol Clube, o Treze Futebol Clube, o Maguari Futebol Clube, o Botafogo Futebol Clube, o Ateniense Futebol Clube, o Palestra Futebol Clube, o Floresta Futebol Clube e o União Artística."  
(Vicente Ribeiro)

Entre outros times que surgiram na cidade de Juazeiro do Norte, o Treze Sport Clube é muito citado pelos narradores, o que nos leva a pensar que o mesmo teve uma importância muito maior que os outros times fundados naquela época. A equipe do Treze Sport Clube fundada pelo Senhor 'Mascote' era conhecida como o "galo do Cariri", tendo sido eleita logo depois, a equipe mais querida do interior em pesquisa realizada por um jornal de Fortaleza. Vitória esta que só foi possível com a ajuda dos "filhos da terra" que moravam na capital. Os mesmos elaboraram uma tática: eles compravam os jornais, preenchiam os canhotos e guardavam, deixando para depositá-los somente na véspera da apuração. O que surpreendeu outros concorrentes. Outrossim, é recorrente em ambos os narradores fatos relacionados com o Treze como também com seu fundador.

"Eu cito muito o nome de Mascote aí, porque é meu irmão, mas é porque na realidade ele teve uma influência muito grande, teve influência na seleção de Juazeiro, teve influência no Palestra, teve influência no Treze, né. Como também na própria seleção já quando nós estávamos disputando o campeonato Intermunicipal, ele também fazia parte sempre daquela diretoria juntamente com Lauro Pereira, Luís de Souza e com outras pessoas que faziam parte da vida social de Juazeiro, sem obrigação, só porque era Intermunicipal e era uma coisa que propagava o nome de Juazeiro." (Coimbra)

O "galo do Cariri" ou o "galo de Mascote", como era conhecido o Treze, me faz lembrar aspectos relacionados ao futebol como uma atividade, vista pela maior parte da

população, como exclusivamente masculina. E leva-nos a pensar que o futebol representava a própria extensão do seu proprietário e conseqüentemente de toda a cidade.

Segundo os narradores, nas primeiras décadas do futebol em Juazeiro do Norte, não existia um futebol profissional, tal como nós conhecemos hoje. Ou seja, os jogadores não recebiam nenhuma remuneração para jogar futebol. No entanto, o jogador que exercia com competência sua arte, era considerado profissional. Assim, ser profissional significava ser o mais amador possível. E o jogador amador é aquele que ama, joga com amor, por amor a camisa que veste.

"Sei que os profissionais, que não eram propriamente profissionais, mas era a elite do futebol de Juazeiro, mesmo assim em três jogos, os campeões não chegaram a vitória sobre os amadores." (Coimbra)

"A seleção de Juazeiro que venceu ao Penarol e ao Fortaleza na capital, veio. E aqui, para mostrar como é que venceu, enfrentou a seleção, quer dizer, a que foi, foi praticamente a de profissionais e aqui ficou a turma amadora. Pois acontece que no jogo, no que eles envaidecidos com as duas grandes goleadas, pisando em sapato alto, nós chamamos isso de posse. Enfrentaram a seleção de amadores de Juazeiro nesse tempo com Valdemar, Tixico, Carolina, Ananias, Mascote, Pedro Duda, Batatinha etc. Então a vitória foi de dois a zero para a turma que tinha ficado em Juazeiro. Enquanto eles venceram lá de 6X0 e 6X1 perderam aqui para os reservas deles por 2X0." (Coimbra)

"Aqui são algumas informações que tenho que dar pelo futebol antigo, futebol amador, futebol de raça, futebol que o atleta suava dentro de campo. Carregava o coração na ponta da chuteira, se fosse possível, morria até dentro de campo. Hoje, não. Hoje, o nosso futebol, infelizmente virou profissionalismo se ganhar bem, se perder bem. Eu não dou valor a esse futebol, dou valor ao legítimo futebol que é aquele futebol que eu tomei parte, que eu dirigi, futebol amador em que os seus dirigentes não fazia questão por dinheiro. Hoje, o camarada assume a direção do clube é visando se candidatar a alguma coisa ou então se surgir um atleta revelação e ele vender por um bom dinheiro. Aí, desapareceu o verdadeiro esporte..." (Ribeiro)

A partir de um determinado período, o futebol de Juazeiro do Norte começou a receber atletas vindos de fora, que recebiam um salário para jogar. Porém, os jogadores "de casa" tinham mais credibilidade que os "de fora". Ainda sobre a questão do jogador

profissional e do jogador amador, o relato abaixo confirma a preferência pelo jogador que "sua a camisa".

"É exatamente uma diferença de grande modo, o amador joga pela camisa é o que acontecia com o Treze, enquanto o Treze formou com jogadores de casa, a vez que contou com profissionais tinha apenas quatro. O América que era seu adversário nesse tempo, o Icasa não era essa força, as forças eram Treze e América, isso na LDJ. O América tinha uns oito e mesmo assim não levou vantagem, com o Treze. O Treze ganhou todos os títulos que disputou com o América." (Coimbra)

O futebol em Juazeiro do Norte, era um espaço em que indivíduos de diferentes inserções na economia local acabavam relacionando-se.

"Porque sugeriram muitos clubes que tiveram vida efêmera, né. O Ateniense, por exemplo, foi um deles, de dono de sapateiro, né. Teve o clube que era dos chateados<sup>9</sup>." (Coimbra)

"O João Araújo é preciso ser falado com mais precisão na história do futebol do Juazeiro, porque ele era açougueiro, mas tinha uma verdadeira paixão pelo futebol. Criou o Palestra que se teve vida efêmera, mas mesmo assim com a vida efêmera, marcou sua presença na história do futebol puramente amador de Juazeiro do Norte." (Coimbra)

Segundo Jocimar Daolio, o futebol possui alguns aspectos que se relacionam com as características do povo brasileiro. "O primeiro ponto refere-se à busca da igualdade existente no futebol." (1997, p. 105). Apesar das diferenças existentes entre as equipes, os times têm as mesmas condições durante uma partida, ou seja, o campo de jogo é dividido igualmente entre as duas equipes, cada equipe inicia o jogo num tempo, sendo a primeira, escolhida por sorteio.

Finalmente, as regras foram elaboradas buscando oferecer esta igualdade, como exemplo temos ainda: o time que sofre um gol tem o direito de reiniciar a partida, o time que sofre uma falta tem o direito a um tiro livre direto ou indireto<sup>10</sup>, se a falta for cometida dentro da área o time tem direito a

---

<sup>9</sup> Trabalhadores que transportam mercadorias dos caminhões para as lojas ou supermercados.

<sup>10</sup> Tiro livre direto, pode se marcar um gol diretamente da sua execução. Tiro livre indireto, não pode marcar um gol diretamente da sua execução.

cobrança de uma penalidade máxima<sup>11</sup>. Quando a bola sai do campo, deve ser recolocada em jogo pelo time contrário ao que tocou na bola pela última vez, entre outras regras que buscam dar equilíbrio ao jogo.

"Não estamos afirmando que o futebol sempre ocorre num clima de igualdade, mas sim que as regras foram elaboradas visando esta igualdade. Igualdade essa que a massa torcedora sabe que não tem no seu trabalho, na sua cidade, no seu lazer, enfim, na sua vida fora dos estádios. No futebol, essa possibilidade de igualdade, por mais remota que possa ser na vida cotidiana, estaria sendo dramatizada, exercitada, enfim, atualizada pela população." (Daolio, 1997, p. 105)

O futebol instituiu uma igualdade momentânea entre os jogadores durante o período do jogo. A forma como os times se organizavam para os treinos em Juazeiro do Norte, indica que havia igualdade de condições também para os times.

"Na segunda, treinava o Volante, uma hipótese, na terça o Treze, na quarta era o Guarani, na quinta era o América e assim por diante. Cada um tinha seu dia de treinamento. Só que quando tinha um feriado no meio de semana, então fazia-se um sorteio para ver quem tinha o direito de aproveitar aquele feriado no meio de semana. A não ser também que, prevalecesse a razão que aquele dia já pertencia pelo rodízio dado pelo LDJ<sup>12</sup>, aquela equipe. Vamos dizer o Treze tinha a terça feira para treinar, se essa terça feira fosse um feriado municipal, então o Treze poderia em vez de treinar, aproveitar e fazer um jogo, porque o campo lhe pertencia. O mando de campo como nós chamávamos." (Coimbra)

Conforme relatos dos narradores, é possível afirmar que, após o término do jogo, a segmentação social voltava a existir entre os jogadores.

"Sócio do Treze era uma coisa, jogador do Treze era outra. Agora, havia casos em que a pessoa era as duas coisas, eu, por exemplo, jogava e era sócio. Ananias jogava e era sócio do Treze. Mas tinha jogador que não fazia parte do quadro social do Treze, fazia parte só da parte esportiva. Isso não era nenhuma discriminação, era uma questão do camarada mesmo se sentir sem aquela aptidão pra participar de festas etc. O negócio dele era bola, mas quando ele

---

<sup>11</sup> É o fato da equipe que se defende, cometer dentro da sua própria grande área, falta punível com tiro livre direto, a ser cobrado na marca do penalt.

<sup>12</sup> Liga Desportiva Juazeirense.

tinha uma condição social, como alguns que vinheram para cá, que chegaram mesmo até a diretor do clube, não era proibido mas não era muito usado." (Coimbra)

Existe uma característica no futebol, que precisa ainda ser analisada com rigor. É do conhecimento de todos que apreciam o referido jogo, é utilizado em situações negativas não esperadas, já virou adágio popular: é a zebra. A zebra no futebol significa um resultado não esperado, ou seja, quando um equipe favorita não consegue obter uma vitória, ou vice versa, quando uma equipe que não é favorita para ganhar o jogo, consegue um empate ou mesmo a vitória.

"O Treze nem tinha interesse de da no Icasa, porque sua rivalidade era com o guarani, nem tinha time para vencer. Mas como futebol tem suas coisas que ninguém entende, o Treze terminou vencendo por 2X1 e o Icasa consequentemente perdeu esse campeonato." (Coimbra)

Tomando como referência a memória individual de dois sujeitos que participaram da história do futebol na cidade de Juazeiro do Norte, percebe-se que os conteúdos revelam-se semelhantes, embora sejam distintos os narradores. O fato dos mesmos serem contemporâneos de uma mesma época e terem convivido com o mesmo grupo de pessoas, confirma o argumento do sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990) sobre as recordações serem construídas por grupos sociais. As idéias individuais são influenciadas pelos grupos os quais os indivíduos pertencem, assim como o conteúdo das memórias individuais é constituído a partir do contato social dos sujeitos.

A discussão do próximo capítulo tomará como referência o mapa traçado pelos campos de futebol amador em Juazeiro do Norte, mesmo os que já foram soterrados como também os campos emergentes. Finalmente, a partir dos times identificados durante a pesquisa, faço uma análise dos nomes dos mesmos. Passemos então ao próximo capítulo.

## **II - Campos Soterrados e Campos Emergentes. Cartografia do Futebol em Juazeiro do Norte.**

Conversando com sujeitos ligados ao futebol amador na cidade de Juazeiro do Norte, constatei que grande parte dessas pessoas, principalmente aquelas com mais de quarenta anos de idade, têm vários exemplos de campos de futebol amador que foram transformados em casas residenciais, na sua maioria. Subjacente aos exemplos dos campos que desapareceram existe a idéia que os mesmo estão sendo engolidos pelo processo de crescimento urbano da cidade, nos seus quase cem anos de existência, considerando a data de emancipação política do município. Esta argumentação tão comum se baseia na observação espontânea, que registra o desaparecimento dos campos de futebol da cidade de Juazeiro do Norte. Segundo dados do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Juazeiro do Norte, a referida cidade é hoje um dos maiores centros de romarias e religiosidade popular do Brasil, tendo ainda, a maior densidade demográfica do interior nordestino e a terceira do estado. A idéia de que os campos de futebol amador estão desaparecendo, devido ao crescente processo de urbanização de Juazeiro do Norte e a conseqüente dificuldade de espaço para a sua prática é algo recorrente nas falas cotidianas sobre tal fenômeno.

A simples idéia de que os campos de futebol amador de Juazeiro do Norte estão desaparecendo é falaciosa. O problema que se coloca é explicar como em uma cidade onde os campos de futebol que outrora existiam, hoje não existem mais, o futebol amador encontra espaços para a prática desta atividade.

Pois acontece que os campos de futebol amador não estavam simplesmente desaparecendo há décadas atrás, eles ainda estão desaparecendo - e estarão sempre desaparecendo. No entanto, os sujeitos envolvidos no futebol amador são responsáveis pela existência de uma dinâmica espacial que confere aos campos de futebol na cidade de Juazeiro do Norte uma mobilidade e um modo de resignificar seus "campos", seus personagens e as redes sociais que produzem.

Assim, apresento os campos soterrados e os campos emergentes. Como também, uma análise dos nomes dos times de futebol, identificados durante a pesquisa e que se encontravam em atividade neste período.

Para entender o mapa traçado pelos campos de futebol amador em Juazeiro do Norte é necessário conhecer também alguns aspectos da história, da evolução urbana e da dinâmica populacional da referida cidade. Vamos a elas.

### 1. História, Evolução Urbana e Dinâmica Populacional em Juazeiro do Norte.

A história do município de Juazeiro do Norte apresenta-se de modo muito singular em diversos aspectos. A religiosidade foi, aliás, o principal fator do desenvolvimento da cidade. O Padre Pedro Ribeiro, descendente dos primeiros povoadores, fundou em 1827, a capela de Nossa Senhora das Dores, no "Sítio Joaseiro", cuja finalidade era suprir a carência religiosa das famílias que já habitavam a região, vindas de municípios e estados vizinhos, e até estrangeiros, como também aos viajantes que paravam à sombra das três frondosas árvores que deram nome ao sítio, quando de sua passagem para as feiras do Crato.

"Foram estas árvores que deram nome ao Juazeiro. Os viajantes marcavam encontro ali. Programavam repousar "botar a baixo" as cargas dos burros e aproveitar a sombra acolhedora para então dar também repouso aos animais, que além de descansarem podiam ainda aproveitar a pastagem abundante, ali existente. E combinavam: "vamos descansar lá nos juazeiros". Veio logo a corrutela "vamos lá para o Juazeiro". (Oliveira, 1969, p. 25-26)

O núcleo urbano original de Juazeiro do Norte surgiu no brejo do Rio Salgadinho, em sua margem direita, no "sítio Joaseiro", em 1827. O sítio abrangia as terras do baixio do rio e um tabuleiro de terreno arenoso, chamado de Tabuleiro Grande. Caracterizou-se um arraial já em 1835. A expansão do núcleo deu-se no sentido do brejo para o tabuleiro.

Após a morte do Padre Pedro Ribeiro, o arraial de Joaseiro ficou sem capelão, recebendo visitas dispersas dos padres do Crato. Durante um desses períodos o Joaseiro conhece aquele cuja história confunde-se com a sua própria - O Padre Cícero Romão Batista.

"Quando o Padre Cícero chegou a Joaseiro em 1872, o povoado possuía apenas duas ruas - a Rua Grande, que mais tarde passaria a se chamar Rua Padre Cícero, e a Rua dos Brejos. Havia uma capela, uma escola e 32 casas, assemelhando-se ainda a uma fazenda de cana-de-açúcar. A população era de 2.000 habitantes, incluindo sitiantes que moravam mais afastados da capela." (Plano

Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Juazeiro do Norte)

De acordo com os relatos do livro "O Padre Cícero que eu conheci (verdadeira história de Juazeiro)" da escritora Amália Xavier de Oliveira (1969), o milagre da transmutação da hóstia no sangue de Cristo, na boca da Beata Maria de Araújo, foi realizado pelo Padre Cícero, em 1889, quando o mesmo ministrava-lhe a comunhão, após longas horas de vigília clamando por chuvas.

A partir de então o comércio ganha um grande estímulo com os artigos religiosos vendidos aos romeiros que peregrinam a Juazeiro. Os romeiros também deixam em Juazeiro recursos que são canalizados pelo Padre Cícero para obras sociais e empreendimentos modernos.

Em 1909, Juazeiro já contava com 17 ruas, quatro praças, três travessas, um beco e uma população de mais de 15.000 habitantes (censo de 1909). Croquis N° 01- Evolução Urbana.

Em 1907, começava a luta pela emancipação política em relação ao Crato, em 1911 Juazeiro é emancipado.

"Pela Lei n. 1028 de 22 de julho de 1911, foi criado o Município, tendo por sede a povoação de Juazeiro separado de Missão Velha pelo rio Carás no Alto da Jurema; do Crato pelo rio São José; de Barbalha pela Lagoa Sêca; e de São Pedro pelo riacho dos Carneiros." (Oliveira, 1969, p. 134)

Juazeiro do Norte destacou-se na história do Ceará e até do país em questões políticas, estando o Padre Cícero sempre à frente das decisões importantes. Exemplo disto foi o episódio que ficou conhecido como "Sedição de Juazeiro".

A primeira tentativa de realizar um planejamento urbano em Juazeiro do Norte partiu do Padre Cícero que incumbiu Pelúcio Correia de Macedo de fazer a demarcação das futuras ruas e praças. Como resultado foi esquematizado 46 ruas e 14 praças. No entanto menos de duas décadas depois, Juazeiro do Norte já contava com 52 ruas. ( Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Juazeiro do Norte, 2000).

Quando o Padre Cícero morreu, foi decretado luto oficial de três dias, não somente em Juazeiro do Norte, mas também na cidade de Barbalha e no Crato. Fato que mostra a influência do Padre Cícero, mas também indica um intenso intercâmbio político e econômico entre as três cidades mais importantes do Cariri e que hoje passam por um processo de

conurbação<sup>13</sup> sendo conhecido como núcleo CRAJUBAR (Crato/Juazeiro/Barbalha). Mapa Nº 01 - CRAJUBAR - Contexto Regional.

A igreja é a principal responsável pela promoção da urbanização não planejada em Juazeiro do Norte. Senão vejamos. A doação de terras, pelo Padre Cícero, foi determinante na expansão urbana do núcleo de Joazeiro. A construção da igreja do Horto, no final do século XIX, foi um vetor de expansão da Ladeira do Horto. Ainda em 1906, temos a transferência do cemitério para a Praça Nossa Senhora do Socorro. A construção da Capela de São Vicente de Paula, a doação do Sítio Santo Antônio e o início da construção da Capela das Palmeirinhas foram importantes para a expansão da cidade. Anos mais tarde, a Basílica de São Francisco e o Santuário do Sagrado Coração de Jesus também iriam cumprir esse mesmo papel. Outra forma de expansão que a cidade encontrou foi a doação, por parte dos juazeirenses mais abastados, de terrenos e loteamentos para que os romeiros se estabelecessem.

A partir da década de 70 e, principalmente, na década de 80 ocorre a explosão populacional em Juazeiro do Norte, trazendo junto a especulação imobiliária que logo transformaram a paisagem urbana da cidade.

O crescimento urbano da cidade tem orientação nordeste-sudeste / noroeste-sudeste, ou seja mais voltado para as imediações da cidade de Barbalha e do Crato. Mapa Nº 02 - Evolução Urbana de Juazeiro do Norte.

"Juazeiro do Norte cresceu praticamente para todos os lados que foi possível, né. Há um lado que cresce menos, é o lado do Rio Salgadinho, por causa do brejo, mas para todos os outros lados a cidade tem crescido bastante." (Daniel Walker)

Juazeiro do Norte apresenta incrementos populacionais sucessivos nas últimas décadas, o que indica que continuará a crescer, porém com taxas anuais decrescentes nas décadas seguintes, conforme mostram os dados a seguir:

---

<sup>13</sup> Conjunto formado por cidades reunidas, que constituem uma seqüência, sem, contudo, se confundirem.

TABELA Nº 01 - INCREMENTO POPULACIONAL

População (%)	1970/1980	1980/1991	1991/1996	1996/2000	2000/2005*	2005/2010*	2010/2015*
Total	0,03510	0,02268	0,01764	0,02607	0,01975	0,01799	0,01624
Sede Municipal	-	0,02356	0,01816	0,01901	0,01471	0,01241	0,01035

Fonte: IBGE.

- Projeção, com base no estudo de tendências de longo prazo.

De acordo com a tabela acima, a população de Juazeiro do Norte apresentou uma taxa decrescente entre 1970 e 1991; entre 1996/2000 a taxa de crescimento da população total apresenta discreta elevação; entretanto nos períodos seguintes o crescimento demográfico será caracterizado por taxas decrescentes.

A evolução populacional da cidade de Juazeiro do Norte, com base em dados do IBGE, foi a seguinte: em 1970 a população municipal totalizava 96.047 habitantes; evoluiu para 135.616 habitantes em 1980; em 1991, atingiu 173.566 habitantes; em 1980, a cidade tinha 129.503 residentes; em 1991, a população da cidade aumentou para 167.307 habitantes; alcançando em 1996, 186.460 habitantes. Hoje, a população é de 211.858 almas (Censo 2000 - IBGE). Lembrando que Juazeiro do Norte possui uma população flutuante de grande porte, que chega a duplicar a sua própria. Essa flutuação, motivada pelas romarias, atinge uma média de um milhão de pessoas por ano, durante quatro eventos principais: a festa da Padroeira Nossa Senhora das Dores (setembro), as datas de nascimento (24 de março) e morte do Padre Cícero (lembrado todo dia 20 de cada mês) e o dia de Finados (novembro). Estendendo-se ainda até o mês de fevereiro com a festa de Nossa Senhora das Candeias.

Juazeiro do Norte é um dos maiores municípios do interior cearense em população, sendo, no entanto, um dos menores do Estado do Ceará em área territorial, que é de 219 km<sup>2</sup>. Atualmente, o município de Juazeiro do Norte é conformado por três distritos. O distrito sede do município, o distrito Padre Cícero e o distrito do Marrocos. Os dados censitários do IBGE também evidenciam um fenômeno: a diminuição absoluta e relativa da população rural e, inversamente, o aumento da população urbana. Do total de habitantes, 96% residem na zona urbana da sede do município. A zona rural vai sendo incorporada à cidade, de forma fragmentada através dos loteamentos, gerando vazios urbanos entremeados por zonas altamente adensadas. Croquis Nº 02 - Mancha Urbana Atual de Juazeiro do Norte.

## 2. Os campos Soterrados.

Para identificar onde se localizavam os primeiros campos de futebol de Juazeiro do Norte é necessário propor um critério sobre o que vamos considerar, para efeito de investigação, campo de futebol. Porque, campos de futebol existiram muitos, espalhados pelos sítios e talvez, até próximo ao perímetro urbano da iniciante cidade de Juazeiro do Norte.

Assim, para orientar o estudo, proponho inicialmente, como critério de escolha sobre quais campos vamos considerar para traçar a cartografia do futebol amador, a condição dos mesmos terem sido palco de partidas "oficiais". No entanto, não posso deixar de considerar todos os outros campos que surgiram "espontaneamente" e que também fizeram parte da cartografia do futebol em Juazeiro do Norte.

Assim, inicialmente, apresento os campos que atendem ao critério de terem sido palco de partidas "oficiais" até a inauguração do estádio de futebol Mauro Sampaio, "o romeirão", construído especialmente para esse fim. Utilizando o referido estádio, como ponto de referência, apresento logo em seguida os diversos campos de futebol que surgiram "espontaneamente", sendo utilizados apenas para jogos não "oficiais". Lembrando que estes campos atendem a um critério básico de não existirem mais, ou seja, são campos soterrados.

### 2.1. Os Campos Soterrados - antes do "Romeirão".

O primeiro campo de futebol "oficial" de Juazeiro do Norte, surgiu junto com o primeiro time de futebol amador também "oficial", ou seja, o primeiro time que possuía camisa, blusas, meiões e chuteiras.

"...agora os times organizados que nós temos direitinho, com camisa, com chuteira, jogando nos campos, os times mais ou menos que jogava, disputava nos dias de domingo, tinha torcida, foram esses..." (Vicente Ribeiro)

"...outros jogavam lá pra bandas da timbaúbas, outros pelos sítios caraís, pau seco, são José, esse sítios, baixio, esses sítios também formava seus timezinho de futebol, mas não era organizado. Jogavam ali, eram homens da roça, homens que não calçavam nem chuteira, nem nada, não tinha diretoria, apenas faziam uma cota

compravam uma bola e iam bater uma bolinha, pronto." (Vicente Ribeiro)

O primeiro campo de futebol "oficial", data do mesmo ano em que foi formado o primeiro time de futebol "oficial" em Juazeiro do Norte, ou seja, em 1927, conforme já relatado. O campo situava-se em terreno cedido pelo Padre Cícero, onde, posteriormente, funcionou a Usina Bezerra de Menezes e hoje funciona a garagem da prefeitura da cidade.

"Tão logo foi formada a diretoria, os membros da mesma, em comissão, foram à casa do Padre Cícero solicitar-lhe um terreno para que fosse construído o campo. O terreno que generosamente foi doado pelo Padre Cícero para tal fim, localizava-se na Rua do Seminário, onde depois funcionou a usina Zé Bezerra de Menezes. No campo não havia muralha, o alambrado era de corda." (Ribeiro, 1992, p. 141)

Esse terreno foi apenas cedido para a realização das partidas de futebol. Depois, o mesmo foi solicitado para a construção de uma indústria. Sem campo para realizar as partidas "oficiais", os times improvisaram um campo a menos de quinhentos metros do primeiro.

"Ficou os times de futebol sem terreno para realizar suas partidas. Aí de frente aquela casa, na praça dos ourives, tinha uma quadra enorme. Não tinha aquelas outras ruas paralelas, ali era desocupado. Aí se formou uma quadra de futebol aberta, todo mundo jogava, todo mundo assistia o futebol, mas era como se fosse um futebol de rua. Ficou sem jeito." (Vicente Ribeiro)

No século XIX, a Ginástica científica negou o circo, os espetáculos de ruas e feiras, os funâmbulos, os equilibristas, os palhaços, as bailarinas, os contorcionistas entre outros personagens nômades e transitórios. (Soares, 1998). "A Ginástica científica se apresentava como contraponto aos usos do corpo como entretenimento, como simples espetáculo, pois, trazia como princípio a utilidade de gestos e a economia de energia." (Soares, op. cit., p. 23).

É possível perceber um caráter relacional entre o contexto mais geral apresentado acima e o futebol em Juazeiro do Norte. Lembro que o futebol, tal como é visto na atualidade, aflora para o mundo a partir do século XVIII, tendo como cenário, como se sabe, pioneiramente, a Inglaterra.

A gênese do esporte surge a partir da disciplinarização e da transformação de alguns jogos populares, sendo também parte integrante do processo de autopacificação em curso na Inglaterra. (Elias, 1985). A subordinação do esporte a um conjunto determinado de

finalidades e regras indica o seu caráter formal, sincronizado então, com a dinâmica que se desenvolvia ao seu redor, caracterizada, sobretudo, pelos componentes da racionalização, controle e institucionalização.

Não obstante, como isso se manifesta concretamente no espaço local ?

No início do século XX, em Juazeiro do Norte, também há uma recusa em relação ao futebol aberto, o futebol que "todo mundo jogava, todo mundo assistia" (Vicente Ribeiro). Ou seja, assim como a atividade livre e lúdica do século XIX, não era compatível com uma sociedade erigida pelo pensamento burguês, o futebol de "rua", como espetáculo, como arena pública em Juazeiro do Norte, no início do século XX, também não cabia em uma sociedade regida pelo "espírito capitalista".

De acordo com os relatos do Senhor Vicente Ribeiro, o Senhorzinho Ribeiro, o campo citado acima não era "oficial", pois era um campo aberto, sem alambrado, sem cerca. É possível afirmar que o modelo almejado pela sociedade capitalista iniciante de Juazeiro do Norte, não correspondia à espontaneidade da festa do futebol de rua, buscava sim, a disciplinarização, a disputa e a competitividade. Percebe-se uma tentativa de valorização do espetáculo institucional e uma crescente recusa as atividades descomprometidas, sem controle, imprevisíveis. Mas como delimitar os espaços de uma e outra ? A cerca, o uniforme e a chuteira foram os elementos que marcaram a diferença entre o futebol aberto e o futebol "oficial", e este, deixava evidente quem eram os jogadores e que eram os torcedores.

"Os campos que tinha as partidas oficiais, eram sempre os campos que tinha muro. O primeiro foi cercado de palha, para cobrar ingresso. E os outros era muro, murado, mas não tinha arquibancadas, não tinha nada, nem eram gramados. E aqueles ali, aqueles outros todos eram campos abertos, só servia mesmo para peladas." (Vicente Ribeiro)

A sociedade moderna é a sociedade do espetáculo. Essa vai ser dividida em palco e platéia, quem está em cena, quem adquire visibilidade e quem não está em cena. Porém, a platéia é tão importante quanto o palco, porque ela faz parte da cena social, ela produz o espectador como personagem "ativo", ou melhor participativo. (Diógenes, 1998). Daí a importância da cerca nos jogos "oficiais", ou seja, ela impõem um limite entre os jogadores e os torcedores, entre palco e platéia.

Em Juazeiro do Norte, o futebol de rua, aberto, sem hora para começar nem para acabar, sofre um refluxo, pois ele configura um não-disciplinamento do corpo. Em seu lugar,

busca-se uma racionalidade do uso do tempo, em detrimento da brincadeira, da fluidez do tempo. O futebol "oficial" em Juazeiro do Norte representava esse ideal de disciplinamento.

"As exibições de rua, os circos, libertavam o espontâneo que fora aprisionado pelo saber científico, faziam renascer formas esquecidas da inteireza humana. Exibiam o que se desejava ocultar e despertavam imagens adormecidas no coração dos homens. Eram dissonantes à sociedade que se afirmava no século XIX." (Soares, 1998, p. 28)

O segundo campo de futebol "oficial", não considerando este último, pois o mesmo não tinha cerca, foi o campo Presidente Vargas. Sobre esse campo é interessante notar que seu aparecimento marca em Juazeiro do Norte, a passagem do futebol amador para o futebol profissional, conforme relata Coimbra, num artigo de sua autoria.

"Passada a fase verdadeiramente amadorista, vamos entrar no profissionalismo. Em 1941/2, com o aparecimento do "Stadium" Presidente Vargas, (onde hoje ergue a majestosa Igreja de São Francisco), teve início uma fase profissional." (coimbra, 1982, p. 32)

É necessário informar que este futebol, o qual Coimbra se refere, não tem o mesmo sentido que é, hoje, atribuído ao futebol profissional. Essa questão, conforme já foi discutida, no item "Memórias do Futebol", indica que, naquela época, ser profissional significava ser o mais amador possível. Significa dizer, que nesse período, o futebol alcançou um grau de competência nunca antes visto, a julgar pelos relatos das vitórias, sendo portanto considerado como um futebol profissional.

Novamente, Juazeiro do Norte fica sem campo de futebol "oficial", pois o terreno do então "Stadium" Presidente Vargas é solicitado para a construção da Basílica de São Francisco, já na década de 50.

É quando se cria a Liga Desportiva Juazeirense (LDJ), e o campo de futebol "oficial" desloca-se para terreno de mesma denominação, também conhecido como campo do Santo Antonio. Sendo, este, o primeiro campo de futebol a possuir arquibancadas e cabina de transmissão dos jogos. Como todos os outros, não era gramado, nem contava com luz elétrica. Este campo transformou-se posteriormente em um conjunto habitacional chamado Vila Rica, sendo no entanto mais conhecido hoje, como o conjunto (de casas) da LDJ.

"Era um campo cercado de muro, mas o terreno não era, era um terreno cheio de altas e baixas. Se jogava futebol mas não tinha gramado nem nada." (Vicente Ribeiro)

"Onde era campo de futebol, hoje, terminou sendo conjunto habitacional. O exemplo mais típico que nós temos aqui é o antigo campo da LDJ, que foi o nosso principal campo de futebol, verdadeiro estádio, pode se dizer, era lá que se realizava os campeonatos locais. E hoje, é um bairro residencial, um conjunto chamado Vila Rica. Do passado do campo de futebol não resta praticamente nada. Esse é o exemplo mais típico de campo que foi aglutinado pela cidade." (Daniel Walker)

Para solucionar de vez a questão dos campos de futebol, é inaugurado em 1970, o estádio de futebol Mauro Sampaio, "o romeirão", cuja localização ajuda a consolidar os bairros circunvizinhos, são eles, o romeirão, o pirajá e o pio XII. Pode-se observar no Mapa Nº 03 - Evolução Urbana de Juazeiro do Norte/campos de futebol soterrados, que a localização e o período de surgimento dos campos de futebol mencionados até o presente momento, projeta-se de acordo com a evolução urbana da cidade. Significa dizer que os campos de futebol foram importantes na demarcação e ampliação do espaço da cidade.

## 2.2. Os Campos Soterrados - depois do "Romeirão".

A escolha do estádio de futebol Mauro Sampaio, "o romeirão", como ponto de referência para localizar no tempo o surgimento dos campos de futebol, deve-se sobretudo ao fato de que a presença do referido estádio elevou a cidade de Juazeiro do Norte a um nível de futebol profissional, da forma como entendemos o que é ser profissional, hoje.

Os campos apresentados a seguir, não são campos de futebol "oficiais", mesmo porque com a inauguração do "romeirão", este passa a ser o único reconhecido como campo oficial de futebol. No entanto, mesmo apresentando estes campos, como sendo, campos com origem posterior ao "romeirão", alguns deles surgiram juntos com os ditos campos "oficiais", já apresentados acima. Se os coloco aqui é porque eles eram campos de futebol amador, na verdadeira acepção da palavra.

Assim como os campos de futebol, que tiveram origem 'antes do romeirão', não existem mais, os campos de futebol que apresento neste momento, também foram soterrados.

A topografia de Juazeiro do Norte ajudou bastante na improvisação de campos de futebol, pois a cidade não apresenta grandes obstáculos físicos na sua geografia. De acordo com entrevistas realizadas, junto aos moradores mais antigos e pessoas ligadas ao futebol amador, existiram diversos campos de futebol "abertos" na cidade de Juazeiro do Norte. Eis aqui, alguns exemplos mencionados durante as entrevistas, dos campos de futebol que foram soterrados.

---

TABELA Nº 02 - CAMPOS DE FUTEBOL SOTERRADOS - DEPOIS DO ROMEIRÃO

---

<b>Nome do campo ou localização aproximada.</b>	<b>Construção existente no local do campo, hoje.</b>
1. Campo da feira do capim	Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte
2.Campo da aviação	2º BPM/ Estádio de futebol Mauro Sampaio
3.Campo do Prado	Colégio
4.Campo dos Macários	Casas Residenciais
5.Campo da Cavan	Mercado do Pirajá
6.Campo das Timbaúbas	Casas Residenciais
7.Campo do Areião	Cemitério Parque das Flores
8.Campo do Novo Juazeiro	Colégio
9.Campo do Prof. Valdir	Casas Residenciais
10.Campo da Irmão Neli	Casas Residenciais
11.Campo do Feijó de Sá	Industria
12.Campo do Verde Lima	FEBEMCE
13.Campo do Leiterão	Casas Residenciais
14.Campo da CAGECE	Sistema de distribuição da CAGECE
15.Campo - Rua são Pedro com Leão XIII	Mercado Nossa Senhora Santana
16.Campos dos Crentes	Colégio
17.Campo do Beira Rio	Colégio
18.Campo do Geraldão	Casas Residenciais
19.Campo do Pinheirão	Casas Residenciais
20.Campo do Cebolão	Casas Residenciais
21.Campo dos Estrelinhas	Rua Sr. do Bonfim

22.Campo da Fumaça	Casas Residenciais
23.Campo da Baixa das Raposas	Casas Residenciais
24.Campo da Praçinha	Memorial Padre Cícero
25.Campo do Bosque	Praça
26.Campo Estádio de futebol	Hospital São Lucas
27.Campo da Coca-cola	Casas Residenciais

O campo da aviação era assim conhecido, por situar-se no terreno que antes abrigava um campo de pouso de aviões. Era um terreno enorme que reunia mais de dez campos de futebol. Existia um campo de futebol com traves fixas, e os demais, eram formados de acordo com a chegada dos jogadores, que improvisavam as traves com tijolos. Alguns jogadores levavam duas ripas para fixar no chão e então puxavam uma corda por cima, para formar as traves. Uma pequena parte do espaço do campo da aviação ainda permanece ativa como campo de futebol. É que o estádio de futebol Mauro Sampaio, "o romeirão", foi construído numa parte do terreno que antes abrigava os vários campos de futebol do citado campo da aviação. Veja a localização dos campos soterrados - depois do "Romeirão", de acordo com a numeração apresentada na tabela acima, no Mapa N° 03 - Evolução Urbana de Juazeiro do Norte/ campos de futebol soterrados.

### 2.3. Os Campos Emergentes.

Atualmente, Juazeiro do Norte conta com vinte e nove (29) campos de futebol no perímetro urbano da cidade. Se considerarmos, zona urbana e zona rural, este número sobe para quarenta e nove (49) campos de futebol. Todos estes campos, identificados durante a pesquisa<sup>14</sup>, são campos de futebol amador, significando neste caso, que os mesmos não possuem área gramada, iluminação elétrica, nem cerca. Alguns campos, da zona urbana da cidade, estão localizados em terrenos da Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte, outros, a maioria, instalaram-se em terrenos particulares, com a prévia autorização do proprietário. Existe o caso de campos de futebol que encontram-se localizados dentro de instituições,

<sup>14</sup> Examinar, a cada referência relativa aos campos de futebol identificados durante a pesquisa, a relação em anexo.

exemplo disso é o campo do quartel e o campo do salesiano, que respectivamente fazem parte do 2º BPM de Juazeiro do Norte e do Colégio Salesiano São João Bosco.

O campo da boca das cobras é um caso único de campo de futebol na zona urbana que fica em terreno particular. O proprietário construiu o referido campo na década de setenta, com ajuda dos filhos e dos vizinhos. Nessa época, a área onde localizava-se o campo ainda era considerada como zona rural. No entanto, o crescimento urbano da cidade incorporou esta e outras áreas, antes tidas como áreas rurais.

"Tinha meus dois filhos, rapazes, que jogava, tinha eu que trabalhava também, né. Aí nós botamos na cabeça de fazer esse campo. Aqui era uma vargem, quando nós começamos no mês de maio, a fazer esse campo, a água dava aqui no meio da canela, e o mato era dessa altura assim. E meus meninos e os filhos de Seu Cícero Soares me incentivaram: Seu Odilom vamos fazer aqui um campo, aqui dar um campo. Aí eu disse: vamos. Aí rocemos o mato, abrimos levada, tiremos as águas, aí lá onde eu trabalhava na olaria tinha muita terra, eu fui trazendo na carroça, e fui aterrando. E hoje tá o campo aí." (Proprietário do campo da boca das cobras)

Na zona rural, os campos de futebol são construídos em terrenos particulares, sendo comum que o terreno onde o campo foi instalado seja de propriedade de algum "dono de time". Significa dizer que o referido time tem seu próprio campo para realizar os jogos, sendo isto, um motivo de prestígio para o time.

A questão que se coloca para que o futebol amador possa acontecer é o espaço do campo de futebol, porque times, há muitos. Os campos de futebol amador da zona urbana de Juazeiro do Norte, possui uma média de três times por campo. Na zona rural, o mais comum é cada time possuir seu campo de futebol. No entanto, para o futebol amador, não basta só o terreno. O que dá prosperidade ao campo, são as traves. Um campo sem traves é apenas um terreno baldio. Se um terreno possui traves, marca registrada de um campo de futebol, é porque ali é um espaço "sagrado", que não deve ser violado.

Os campos são nomeados segundo sua localização por bairros, sítios, por algum ponto de referência próximo ou ainda são nomeados com o nome, no aumentativo, de alguma personalidade do futebol da cidade. Exemplo de nomeação tendo como referência o bairro onde o campo está localizado são os campos do Tiradentes, do Novo Juazeiro, da Betolândia, entre outros. Todos os campos da zona rural são nomeados de acordo com o nome do sítio onde estão localizados, porém, alguns destes campos, possuem também, outro nome, no caso, o nome do seu proprietário, no aumentativo. A exemplo do que ocorre como os campos de

futebol profissional. Na zona urbana, temos o campo do Tonhãozão e do Praxedão, também como exemplos de homenagem prestada a determinada personalidade do futebol da cidade. Os campos da Micro empresa, do Ginásio e do Quartel são exemplos de campos cujo referencial para nomeação são os próprios marcos urbanos que dão nome ao campo.

Nos Mapas N° 04 e N° 05, é possível verificar como se encontra atualmente a distribuição dos campos de futebol na zona urbana e na zona rural da cidade de Juazeiro do Norte, respectivamente.

### 3. Análise dos nomes dos times de futebol em Juazeiro do Norte.

Os nomes dos times de futebol analisados<sup>15</sup> referem-se aqueles da zona urbana e da zona rural da cidade de Juazeiro do Norte, identificados durante a pesquisa. Lembrando que não é possível catalogar todos os times existentes, pois a todo instante times novos estão sendo formados. Os times que constam na relação em anexo, foram identificados com a ajuda do presidente da ASSEAJUNO - Associação de Apoio ao Esporte Amador de Juazeiro do Norte, dos próprios jogadores e de alguns "donos de times". Ao todo foram identificados cento e dez times, sendo oitenta e nove times localizados na zona urbana e vinte e um times pertencentes à zona rural.

Abaixo, apresento uma tabela dos nomes dos times de futebol amador de Juazeiro do Norte, segundo categorias de denominação e a quantidade de vezes que aparecem. A legenda pode ser utilizada para identificar na relação em anexo os times a que se refere.

---

TABELA N° 03 - CLASSIFICAÇÃO DOS NOMES DOS TIMES DE FUTEBOL

---

Legenda	Denominações	Quantidade
	Time Nacional	51
	Time Internacional	05
	Logradouros de Juazeiro do Norte	17

---

<sup>15</sup> Examinar, a cada referência relativa aos times de futebol identificados durante a pesquisa, a relação em anexo.

	Estabelecimentos Industrial/comercial	08
	Denominações de Santos	03
	Sítios do Município	08
	Denominações no Aumentativo	04
	Relativa ao Trabalhador	02
	Outros *	12
	TOTAL	110

\* A categoria "Outros" agrupa denominações problemáticas ou duvidosas.

Observando os nomes dos times, alguns aspectos me chamam a atenção, conforme a abordagem que se segue.

Em uma cidade reconhecida como centro religioso, a religião católica - assim como nenhuma outra - é referência para nomeação dos times, isto é, para a identificação dos times de futebol amador. Apenas, três deles têm nomes de santos. São eles, o *Nossa Senhora Aparecida*, o *Santo Amaro* e o *São Damião*.

A referência simbólica do futebol amador é construída tendo por base o futebol profissional. É expressiva a importância que têm as equipes profissionais, na construção da identidade dos times amadores. Dos cento e dez times catalogados, cinquenta e um têm nome de equipes profissionais dos diversos estados brasileiros e de todas as regiões do país. Vejamos alguns: o time *São Raimundo* faz referência ao time do Estado do Amazonas; o time do *Vila Nova* tem como referência o time do Estado do Goiás, ou também, do Estado de Minas Gerais; o time do *Paraná* e do *Coritiba* referem-se aos times do Estado do Paraná; o time com nome de *Potiguar* lembra o time de mesmo nome do Estado do Rio Grande do Norte; os times com os nomes de *Palmeiras*, *Corintias* e *São Caetano* são exemplos de times do Estado de São Paulo; os time com os nomes de *Fortaleza*, *River* e *Bahia* têm relação com times do Estado do Ceará, do Estado do Piauí e do Estado da Bahia, respectivamente.

Existe também, a apropriação de nomes de equipes internacionais. Vejamos: *Veneza*, *Parma*, *Lã Corunã* e *River*.

As pessoas que não compactuam com o universo do futebol, não conseguem fazer relações de algumas denominações dos times de futebol de Juazeiro do Norte com times do cenário nacional ou internacional. Exemplo disso, são os times com o nome de *Matonhense*,

*Central e Lã Corunã* que são respectivamente, times do Estado de São Paulo, da cidade de Caruaru - Pernambuco e da Europa.

É interessante também considerar que o futebol profissional é, por assim dizer, chamado a conviver no espaço do futebol amador por meio de um conjunto de palavras e flexões das mesmas. Regista-se, por exemplo, a existência de times nomeados de *Pinheirão*, *Rozarão*, *Panelão*, *Sufisão*. Como se sabe, no Brasil, desde início da década de setenta, generalizou-se nas grandes e médias cidades a construção de estádios para a prática do futebol profissional, dando origem aos nomes no aumentativo para designá-los - Castelão, Romeirão, Mirandão, Minerão, Arudão. No futebol amador de Juazeiro do Norte, onde o Estádio Mauro Sampaio é conhecido como romeirão, em homenagem aos romeiros do Padre Cícero, os times e alguns campos de futebol amador, também são batizados em "ão".

A utilização de nomes e expressões do futebol profissional no âmbito do futebol amador pode ser pensado como um recurso para conferir aos times amadores o prestígio que o futebol profissional alcança no Brasil, ou seja, quanto mais vitorioso aquele que "cede" seu nome, mais prestígio pensa obter a equipe que toma-o emprestado. Pode ser também uma maneira, não necessariamente consciente, dos jogadores do futebol amador sentirem-se mais próximos, no sentido de mais semelhantes ou em mesmo nível de igualdade, dos sucessos das equipes profissionais e de seus jogadores. As vitórias das referidas equipes profissionais, parecem figurar como fonte de utopias que orientam os processos de batismo dos times amadores.

São utilizados, também, para identificar os times de futebol amador na cidade de Juazeiro do Norte, nomes de logradouros da referida cidade e nomes de estabelecimentos comerciais e industriais. Se a vontade gestada, pelos times de futebol amador, na identificação com times nacionais e estrangeiros, deslocam os sujeitos de seu mundo concreto, a referência à cidade como fonte de identificação dos times remete os cidadãos-jogadores ao seu cotidiano, ou seja, ao bairro onde alguns moram, à fábrica e à loja onde outros trabalham e ao quartel, a partir de onde a vida pública é regulada.

Há exemplos de nomes de times do futebol amador em Juazeiro do Norte, que combinam o nome de equipes profissionais com lugares da cidade - *Vasco do Horto*, *Cruzeiro das Pedrinhas*, *Palmeiras do Arraial*. Neste caso, a esfera da utopia se funde e se confunde, através dos nomes das equipes profissionais, com a esfera da realidade, através dos nomes dos lugares da cidade.

### III - Etnografia do Futebol Amador.

#### 1. O Futebol amador em Juazeiro do Norte: descrição geral

A observação do futebol amador em Juazeiro do Norte levou-me necessariamente a identificá-lo não como uma realidade única, mas constituído de diferenças internas que permitiu-me, em princípio, compor dois tipos distintos de futebol amador. Para facilitar a reflexão sobre o tema apresento o futebol amador dividido em duas categorias, são elas: jogos "abertos" e jogos "fechados". Estas categorias foram construídas a partir das minhas observações, ou seja, não são encontradas nas falas dos sujeitos envolvidos.

As categorias de jogos "abertos" e jogos "fechados" devem ser entendidas como uma tentativa de agrupar características semelhantes em torno de cada uma delas, possuindo assim uma fluidez que nos permite encontrar jogos "fechados" com algumas características de jogos "abertos" ou vice-versa.

##### a) Jogos "Abertos"

Nos jogos "abertos" não há times previamente formados, os jogadores vão chegando, alguns do trabalho, outros de casa, alguns já se encontram na rua, eles vão surgindo como se tivessem marcado um encontro uns com os outros. É certo, o encontro foi marcado sim, porém os candidatos a jogadores somente ali, no momento imediatamente anterior ao jogo é que vão decidir quem irá jogar primeiro, ou em que times irão atuar. A escolha dos jogadores de cada time é feita da seguinte forma: os responsáveis pelo campo, ou, algum jogador veterano, escolhem alternadamente, quem vai compor o time e cada um, fica responsável por uma equipe. O jogador que faz a escolha dos demais jogadores para formar o time, comumente passa a ser responsável pelo time enquanto acontece o jogo naquele momento, sendo o único a ter o direito de fazer alterações no decorrer da partida.

Os jogos "abertos" acontecem durante a semana, ou seja, da segunda-feira à sexta-feira, mais precisamente no final da tarde, até às 18:00 h aproveitando os últimos vestígios da luminosidade natural do dia. A duração da partida é normalmente definida minutos antes do seu início, assim também como de que forma vai ser realizada a disputa, pois tem sempre

alguém ou outro time querendo participar também. O comum é estabelecer para a entrada de outro time, vinte e cinco minutos de jogo ou dois gols, o que acontecer primeiro. Se houver empate a partida será disputada nos pênaltis. Porém outras formas de disputa podem ser combinadas entre os participantes. O juiz pode ser um dos jogadores que aguarda a vez de jogar ou um dos expectadores do jogo. Há também jogos “abertos” sem juiz.

A vestimenta necessária pode ser a mínima possível, ou seja, apenas uma bermuda e um tênis ou chuteira. Imaginemos pois, 22 homens, seminus, suados, gritando e correndo atrás de uma bola, alguns com os pés descalços num terreno na maioria das vezes de chão batido, quase cimento, com relevo irregular e com possibilidades de pisar num carrapicho<sup>16</sup>. É verdade que na maioria das vezes metade fica sem camisa e a outra metade com camisa, pois esta é uma forma de distinguir o adversário. O juiz, para se diferenciar tanto de um time como do outro usa uma camisa amarrada na cabeça ou um boné.

Dependendo da localização do campo de futebol pode haver, não diria torcedores, mas espectadores, diferente dos que ficam "azarando" o jogo, pois os espectadores não desejam jogar, e os que ficam "azarando" estão só esperando a oportunidade ou o convite para jogar. A aceitação de novos jogadores para participar da partida em curso vai depender dos critérios utilizados pelos jogadores de cada campo de futebol. Comumente, há um consenso entre os jogadores sobre esses critérios. Como exemplo cito: a assiduidade do jogador, ou seja, tem prioridade o jogador que participa com frequência dos jogos. Outro critério é ser indicado por alguém do grupo, ou seja, conhecer um jogador do grupo pode facilitar a aceitação de um jogador pelos demais. Os jogadores que ficam “azarando” o jogo aumentam suas possibilidades de jogar quando se aproxima o final do jogo, pois, frequentemente, os jogadores que já estão jogando ficam cansados podendo ceder a vaga para outro jogador sem atender a nenhum critério específico.

O jogo "aberto" parece retomar a relação palco/platéia que vigorou até em meados do século XVIII, onde havia uma co-participação entre o palco e a platéia. Até 1750, havia uma mistura de atores e espectadores nos teatros. "A platéia estava disposta a interferir diretamente na ação de atores" (Sennett, 1988, p.101), depois há uma delimitação precisa entre palco e platéia. Nos jogos "fechados", encontramos essa delimitação entre palco e platéia, ou seja, entre quem joga e quem assiste. No jogo "fechado", não há interferência da platéia. Quem é jogador, é apenas jogador, quem vai para assistir ou torcer, não entra em campo.

---

<sup>16</sup> Espécie de planta do mato com espinhos por toda sua extensão.

## b) Jogos "Fechados"

Nos jogos “fechados” os times já se encontram formados anteriormente, tendo inclusive um nome. Existe uma pessoa responsável pelo time, conhecida popularmente como "dono do time", geralmente um ex-jogador, um aficionado por futebol. Pode ainda figurar como "dono do time", jogadores, embora não seja muito comum este caso, pois comumente o "dono do time" não joga. Ele é a pessoa responsável por agendar os jogos com outros times, comunicar a seus jogadores os horários e dias de jogo, buscar patrocínios, distribuir e recolher o uniforme do jogo, providenciar água durante a partida, entre outros encargos.

Os jogos "fechados" acontecem no final de semana ou feriados, geralmente nas tardes de sábado, manhãs e tardes do domingo. Os jogadores apresentam-se em campo com o uniforme do time, e todos usam a chuteira, que é o calçado apropriado para jogar futebol.<sup>17</sup> O juiz pode ser alguém convidado especialmente para esta função ou outra pessoa escolhida de comum acordo pelos "donos dos times" que irão jogar a partida. Geralmente o time de "casa", ou seja, o time que recebe, cede o juiz para apitar o jogo. Os jogos “fechados” que acontecem no final de semana obedecem a uma dinâmica em que os times são convidados a jogar fora do seu território, como também recebem times de "fora" para jogar em "casa". Nestas excursões os torcedores seguem juntos com os jogadores, utilizando ônibus ou caminhão. Alguns torcedores e/ou jogadores deslocam-se de moto, carro, bicicleta, entre outros meios de transportes. Tudo vai depender da distância a ser percorrida. Quando o local do jogo é muito longe o "dono do time" contrata um ônibus ou caminhão para levar seus jogadores. O dinheiro é arrecadado tanto entre os jogadores que se deslocam para o local onde vai acontecer o jogo como entre os jogadores do próprio local onde acontecerá o jogo, meio a meio. Por se tratar de uma posição que poucos querem ocupar, os goleiros são dispensados do pagamento da taxa.

"O goleiro fica lá parado, enquanto os outros estão correndo, ficando em forma e ele tá lá. Qualquer falha é fatal, e sempre a culpa é dele. Geralmente os goleiros são muito bonequeiros, faltam muito. Por isso que já tem assim: o goleiro não paga. E é difícil encontrar assim, um goleiro bom, geralmente ele acaba indo para o gol porque

---

<sup>17</sup> A chuteira possui travas nas solas para facilitar o deslocamento do jogador no campo gramado. As chuteiras usadas nos campos de futebol amador em Juazeiro do Norte, apresentam-se em grande parte sem as tais travas nas solas, pois os campos não são gramados, permitindo em alguns casos, até o uso de tênis.

o titular faltou ou não tem. Aí, se ele fechar bem o gol, já fica com a fama." (Dono do time do Bragantino)

Os jogos “fechados” podem também acontecer durante a semana, neste caso funcionam como treinos para o jogo do final de semana. Os jogadores não utilizam uniformes, a distinção dar-se-á como nos jogos “abertos”, ou seja, um time fica com camisa e o outro time sem camisa. O juiz pode ser o próprio “dono do time”. O momento do treino é uma ocasião em que o “dono do time” pode assumir o papel de juiz.

Nos jogos “fechados” cada time possui três quadros, isto é, cada time tem três subdivisões. O primeiro quadro é o time principal, o segundo quadro é o time intermediário e o terceiro quadro é o time de base, ou seja, o time dos garotos mais jovens. No final de semana, geralmente no domingo, o primeiro jogo, ou para utilizar a linguagem dos próprios jogadores em cena, o "terceiro quadro" começa às 14:00 h, seguido do "segundo quadro" e por último, o mais importante jogo do dia, o jogo do "primeiro quadro".

#### c) Relação entre os Jogos "Abertos" e os Jogos "Fechados"

A prática do futebol pressupõe níveis de organização, nem sempre simples ou imediatamente dados. Mesmo nos jogos "abertos" de crianças na rua ou em qualquer terreno baldio, é necessário uma bola ou algo que a substitua, como uma lata ou mesmo uma bola de meia. Nos jogos "abertos" e nos jogos "fechados", aqui analisados, a prática do futebol não é um acontecimento simples nem casual, e o encontro dos sujeitos envolvidos em tal prática, não se dá de forma imediata.

As diferenças entre os jogos "abertos" e os jogos "fechados" são resultantes das formas de organização, do que diz respeito ao tempo e ao local disponível para os jogos, à dinâmica dos jogos e a maneira de administração dos referidos jogos.

Os jogos "abertos", jogados durante a semana, são geralmente mais característicos da zona urbana. Os jogos "fechados" são mais recorrentes durante o final de semana ou feriados, podendo acontecer tanto na zona urbana como na zona rural.

A prática dos jogos "abertos" não é observada com frequência na zona rural devido a dificuldade de aglutinar os jogadores que moram distantes uns dos outros. Já na zona urbana o número de jogadores disponíveis é maior o que torna mais fácil formar dois times para o

"racha"<sup>18</sup>, chegando muitas vezes a formar times só com jogadores residentes num determinado trecho de uma rua.

No final de semana os jogos "fechados" acontecem tanto na zona rural como na zona urbana, indistintamente, pois os jogadores encontram-se liberados do trabalho ou de outros afazeres. Porém, os jogos "fechados" podem acontecer também durante a semana, apresentando-se neste caso, com mais frequência na zona urbana, sendo o objetivo, deste modo, treinar para o jogo do final de semana. Os jogadores não utilizam o uniforme do time, sendo assim não há como distinguir visualmente os jogos "fechados" que ocorrem durante o período da semana dos jogos "abertos", cuja característica principal é a formação dos times no momento anterior ao jogo.

No entanto, nos jogos "fechados" que acontecem durante a semana, apesar de já existir o time previamente formado, é comum faltar diversos jogadores devido à incompatibilidade do horário do jogo com o horário do trabalho ou por outros motivos diversos. Assim, outros jogadores que não fazem parte do time, passam a compô-lo naquele momento, somente.

Nos jogos "fechados", que ocorrem durante a semana, mesmo que todos os jogadores do time estejam presentes podem os mesmos jogar em times separados. É comum também o "dono do time" acrescentar mais jogadores em campo, além dos onze, chegando a jogar 15 x 15. Essa estratégia é utilizada para o time não ficar muito cansado para o jogo do domingo.

Percebe-se, a partir destas informações, que os jogos "fechados", que ocorrem durante a semana, assemelham-se com os jogos "abertos" já descritos acima. As categorias de jogos "abertos" e jogos "fechados" devem ser entendidas não como uma "camisa de força", mas como uma tentativa de agrupar características semelhantes em torno de cada uma das dinâmicas do jogo. Sendo assim vamos encontrar jogos "fechados" com algumas características de jogos "abertos" ou vice-versa.

Os jogadores podem transitar entre os jogos "abertos" e os jogos "fechados", ou seja, um jogador pode fazer parte de um time organizado por um "dono" e pode também jogar nos jogos "abertos".

---

<sup>18</sup> Designação dada aos jogos de futebol amador sem nenhum caráter "oficial".

## 2. Caracterização dos Sujeitos.

O jogador é o sujeito que está em evidência no jogo, é o corpo que aparece. Porém, o jogador não exemplifica a trama completa. Porque a trama do futebol transcende o campo, ela se constrói de forma complexa com outros sujeitos que não projetam, necessariamente, visibilidade ao seu corpo.

São inúmeras as pessoas envolvidas no futebol amador em Juazeiro do Norte, desde as mulheres que lavam os uniformes, passando pelos locutores esportivos que divulgam o horário dos jogos e comunicam os resultados, os vereadores que ajudam os times na compra de material esportivo até os torcedores que elaboram conceitos a respeito do jogo que ora acontece.

Os personagens que irei destacar estão relacionados com o jogo. É preciso lembrar que estes sujeitos não se apresentam isoladamente, mas são autores e atores de um mesma dinâmica, o futebol amador. Optei por identificar cada participante do jogo, mesmo sendo alguém que prepare a água para os jogadores e que não vai ao campo. Pois eles atendem a um critério que não é o campo, nem o momento do jogo. O critério adotado é a rede que se forma para que o jogo aconteça, para que o jogo ponha em movimento grupos sociais:

### a) Os Jogadores

Os jogadores são os atores principais deste tipo de acontecimento, ou seja, sem jogador não há jogo, não há resultado a ser divulgado, não há elaborações há serem formuladas. Tanto nos jogos "abertos" como nos jogos "fechados", os jogadores estão em primeiro plano. É o sujeito que está em evidência.

Nos jogos "abertos" os jogadores são meninos, rapazes e homens de diferentes faixa etária. Os meninos começam a jogar desde que conquistam, na família, o direito de estar nas ruas, juntam-se com outros moleques da mesma idade e o campo de futebol passa a ser o meio da rua, se não houver um terreno baldio perto. Em pequeno texto referido ao "futebol de rua" o autor faz uma distinção entre o futebol de rua e o futebol de terreno baldio:

"Pelada é o futebol de campinho, de terreno baldio. Mas existe um tipo de futebol ainda mais rudimentar do que a pelada. É o futebol de rua. Perto do futebol de rua qualquer pelada é luxo e qualquer terreno baldio é o Maracanã em jogo noturno. Se você é homem,

brasileiro e criado em cidade, sabe do que eu estou falando. Futebol de rua é tão humilde que chama pelada de senhora." (Veríssimo, 1978, p.11)

Estes meninos, do futebol de rua, podem ser vistos em bandos, sempre ao lado da sua companheira, a bola. É comum encontrá-los em pontos diversos da cidade. Sempre me surpreendo com a coragem e a ousadia de tais meninos, pois não importa se na rua o tráfego é intenso ou não.

Embora o foco da minha pesquisa não seja estes garotos, é importante destacar que a maneira como eles se organizam para brincar de bola corresponde ao que eu venho chamando de jogos "abertos". Neste caso, não existe juiz, o jogo é "cantado" pelos próprios jogadores.

Tornar-se jogador profissional é o sonho acalentado pela grande maioria dos meninos. Entre o sonho e a realidade existe o futebol amador, que passa a ocupar grande parte das horas livres dos ex-meninos.

O jogador de futebol amador em foco nesta pesquisa foi pois um desses meninos, hoje com idade variando entre dezoito e trinta e cinco anos, quarenta anos no máximo, em alguns casos. A tendência dos jogadores é passar dos jogos "abertos" para os jogos "fechados", ocasião em que irá fazer parte de um time organizado por um ex-jogador ou mesmo por um outro jogador mais experiente. Estou me referindo ao "dono de time" como é popularmente conhecido a pessoa responsável por um time de futebol amador.

#### b) O "Dono do time"

Nos jogos "abertos" a figura do "dono do time" está diluída entre os jogadores, ou seja, o "dono do time" pode ser qualquer um dos jogadores, ou todos ao mesmo tempo, isto porque, nos jogos "abertos" os times são formados momentos antes de iniciar o jogo.

Nos jogos "fechados" a figura do "dono do time" representa um papel de grande importância na dinâmica desses jogos. Poderíamos dizer que é ele o responsável pela formação do grupo como time organizado para a disputa com outros times. Assim, nos jogos "fechados", o "dono do time" é a pessoa responsável pela organização de um grupo de jogadores em torno de um mesmo objetivo que é explicitado pela utilização de uniformes idênticos, com as mesmas cores para todos os jogadores e também de um nome para designar o grupo de jogadores que formam desta maneira um time organizado. As responsabilidades do "dono do time" extrapola esse momento inicial de organização dos jogadores, vejamos:

marcar o dia, local e horário dos treinos e dos jogos com outros times, entregar e recolher o uniforme para os jogadores durante os jogos com outros times, providenciar água durante a partida, orientar tecnicamente os jogadores durante os treinos e principalmente nos jogos com outros times, arrecadar dinheiro dos jogadores para cobrir despesas, entre outros encargos.

O "dono do time" é visto como alguém em quem os jogadores e principalmente as mães dos jogadores podem confiar.

"Em cima do meu caminhão, quando eu vou pra jogo, vai na faixa de trinta crianças, e tudinho as mães se confia. Também quando chega no sítio que tem banho de açude, essas coisas, nenhuma eu deixo pra ir tomar banho. Se vai, vai comigo, se eu num vou, mando um ou dois responsáveis ir com eles tomar banho. Mas na hora que termina o jogo vem tudinho. Em cima de caminhão meu, moleque de menor não senta na grade, senta tudo em baixo. Sempre graças a Deus comigo, até hoje, nunca aconteceu um jogador dizer assim, um moleque dizer assim arrancou uma unha em cima de um caminhão meu, eu digo que é mentira, graças a Deus toda vida eu tive sempre tive cuidado." (Dono do time do Vila Alta)

O "dono do time" também se reconhece como possuidor de uma liderança junto aos "seus" jogadores.

"É tipo uma associação porque o cabeça sou eu, se eu disser vamos fazer isso, eles fazem." (Dono do time do Bragantino)

O "dono do time" é muitas vezes solicitado a atuar em assuntos fora da esfera do futebol, isto é, assuntos familiares, financeiros, de saúde, entre outros. Assim dito, temos que o futebol amador é o pano de fundo para as teatralizações dos personagens em cena.

Na maior parte das vezes o "dono do time" não joga. Mas há um exemplo de um jogador que tendo discutido com o "dono do time" do Havaí, no qual atuava como jogador, saiu do referido time acompanhado por outros jogadores, para formar um outro time. Desse modo ao criar outro time, o Bragantino futebol Clube, esse jogador passou a ser o "dono do time", mas também continuava sendo jogador. Este Senhor criou o referido time para poder continuar jogando, assim ele relata:

"Aí para explicar, eu só fiz o time pra mim jogar. A verdade é essa. Agora quando eu tô jogando, quem toma de conta do time é meu irmão, é Chagas. Ele é quem é o treinador, eu não mexo em nada, apenas eu sou um jogador, depois que eu visto a camisa, ali eu deixo de ser dono de tudo. Porque eu fui o fundador do time, tudo que passa é em minhas mãos. Não sou tipo Eurico Miranda, não. Mas,

porque o pessoal gosta muito de mim, mas né como o pessoal tem abuso de Eurico. Depois que eu visto o terno, aí eu passo a ser jogador." (Dono do time do Bragantino)

### c) As Mulheres

Não é comum encontrar a figura feminina no universo do futebol, espaço quase exclusivamente masculino. No entanto elas estão presentes de diversas formas. Sua participação é mais evidente nos jogos "fechados" que nos jogos "abertos".

A presença de moças nos jogos "fechados" é significativa, mesmo que sejam motivadas menos pelo esporte em si do que pela movimentação criada em torno do jogo, momento que agrupa pessoas conhecidas da comunidade e desconhecidas de outras localidades.

Algumas esposas dos "donos-dos-times" acompanham os jogos "fechados" que acontecem no domingo. Outras, além de acompanharem os jogos "fechados", ainda assumem funções tais como merendeira, que é uma espécie de responsável pela distribuição do lanche para os jogadores ao final de cada jogo. O lanche oferecido pelo "dono do time" aos seus jogadores, são pipocas, din-dins<sup>19</sup> ou laranjas.

Existem as mulheres que lavam os uniformes dos jogadores dos jogos "fechados", estas são contratadas pelo "dono do time" e recebem uma remuneração por este serviço. Há um caso de uma mulher que guarda a água na véspera do jogo para os jogadores à pedido do "dono do time" que ao chegar ao local do jogo, no sítio, acrescenta somente o gelo que ele mesmo traz da sua casa na cidade.

No caso dos jogos "abertos" a participação feminina existe de uma maneira mais encoberta, ou seja, quem senão a esposa, mãe, avô ou a empregada doméstica lava os meiões, os shorts e as camisetas dos jogadores? Existem bem poucos casos de jogadores que assumem esta tarefa. As mulheres, neste caso, não recebem nenhum pagamento pelo serviço, e o fazem protestando pelo estado demasiado sujo que geralmente se encontram as vestimentas dos jogadores.

Mulher não paga! Nos jogos "fechados" é sabido que quando um time vai jogar em outro campo distante o "dono do time" contrata um ônibus ou caminhão para levar seus

---

<sup>19</sup> Refresco congelado num saco estreito com a abertura fechada por um nó. Para degustá-lo é necessário rasgar o saco, com o dente, e chupar o líquido que vai derretendo aos poucos.

jogadores, familiares e torcedores, entre outros. A mulher, comumente, não paga a taxa do transporte cobrada pelo "dono do time". O que determina se a mulher paga ou não paga a taxa do transporte são as condições financeiras do "dono do time" e dos jogadores deste time.

"Tem time que, quando o dono do time é forte a mulher não paga, agora quando é um time fraco até a mulher paga. Time fraco é assim devido ao ambiente onde a gente vai buscar é mais..., o salário é mais pouco, tem que cobrar das mulheres que é pra inteirar o frete, né." (Motorista de Ônibus)

A presença das mães se manifesta de várias maneiras. São elas personagens privilegiadas de intervenção por parte de dois "donos de times" entrevistados. Senão vejamos. O "dono do time" do Bragantino confessou o desejo de realizar um sorteio para todas as mães que comparecessem no campo onde seu time joga, justo no dia em que seu time completaria aniversário, data que coincide exatamente com o dia das mães. Outro "dono de time" realizou uma festa em que a entrada era um quilo de alimento, pago indistintamente por homens e mulheres. Alimentos que seriam posteriormente doados às mães mais carentes do bairro. Tal atitude assistencialista tem como pressuposto "a delimitação das diferenças internas, em termos materiais, escalonando-se no interior da *pobreza* na qual todos se incluem, os *mais pobres e mais carentes*." (Guedes, 1998, p. 93). Concluímos que as mães são consideradas pelos jogadores, entre tantos carentes, como as mais merecedoras de ajuda.

A outra maneira que as mães se manifestam no espaço do futebol amador em Juazeiro do Norte é através das recriminações feitas aos seus filhos pelo fato dos mesmos jogarem bola. As mães não gostam que os filhos joguem bola pelo medo que lhes instaure uma possível fratura, contusão ou outro tipo de problema que possa comprometer a saúde deles. Pois com a saúde afetada é necessário gastos extras com a compra de medicamentos, podendo ainda representar menor produtividade no trabalho ou mesmo total ausência neste. Algumas mães também não querem ver o seu filho associado com a prática do futebol amador, pois consideram que o futebol de rua é coisa de malandro, de quem não tem o que fazer. Contudo existem mães que preferem que o filho se ocupe em jogar bola do que com outras atividades.

d) O Motorista do ônibus

Nos jogos "fechados", quando os times vão jogar em outro campo o "dono do time" aluga um ônibus ou um caminhão para levar os jogadores, os torcedores e familiares. O motorista do ônibus ou do caminhão já tem sua cota de trabalho durante a semana. Transportando passageiros de linha, no caso do motorista de ônibus ou pegando frete e demais serviços, no caso do motorista de caminhão. Somente no final de semana ou feriado é que os times podem contratar os serviços destes motoristas. Não só porque eles trabalham durante a semana, mas principalmente porque os jogos "fechados" que solicitam transporte, realizam-se nos finais de semana ou feriados.

"Os jogadores eu levo mais no domingo. Agora, o resto da semana é só aluno. Porque os ônibus é do meu pai, eu sou o motorista dele. Aí, ele me dá as viagens dos jogadores, as viagens do enterro, viagens extra eu faço. Aí, eu boto dez por cento de óleo e o resto fica pra mim. Eu trabalho pra ele, ele diz: ô meu filho se aparecer viagem final de semana é seu. Durante a semana eu trabalho com ele. Durante a semana se aparecer alguma viagem de banho, alguma coisa eu vou. Agora, se não aparecer eu fico só na linha, mesmo. Que a linha dele, roda dois ônibus fica um de reserva."  
(Motorista de ônibus)

No ônibus, o motorista não necessita da ajuda de um cobrador durante as viagens com os jogadores, a exemplo do que acontece durante a semana, em que o motorista é auxiliado por um ajudante, conhecido popularmente como "o trocador". Isto porque o motorista recebe o frete diretamente do "dono do time", sem intermediários. No caminhão, o "dono do time" também paga o frete integralmente para o motorista.

Verifica-se que cada time tem preferência por um determinado motorista. Os times dos sítios costumam contratar o motorista do ônibus que já faz a linha para aquela localidade.

"O pessoal chama mais eu, lá pela aquela região todinha. A preferência eles dão para mim, não sei porque é. Eu acho que é porque eu ando pra lá ... e outra coisa eu vou mais barato. Procura mais eu, que eu sou da linha. Dão preferência. O importante não é ser carro velho ou carro novo, o importante é chegar. Porque se fosse assim..." (Motorista de ônibus)

Dependendo do número de pessoas que acompanham os jogadores, o "dono do time" têm que contratar um ônibus maior, mesmo que seja mais caro. Quando não, costuma-se

buscar o transporte mais barato. O motorista de caminhão cobra mais barato que o motorista do ônibus. Porém, alguns times dão preferência ao ônibus, por supor ser mais seguro que o caminhão.

"Caminhão é mais barato que o ônibus. Já tem uns que prefere o ônibus, que o caminhão é muito perigoso. Vai mulher, criança em cima da carroceria. Ali, pra cair é bem ligeirinho. O ônibus não, ele é fechado. Só cai se pular a janela." (Motorista de ônibus)

O pagamento do transporte é rateado entre os dois times que jogam neste dia. Para arrecadar o dinheiro cada "dono de time" cobra uma taxa dos seus jogadores.

"O negócio é o seguinte, eles vão, freta o carro, o de lá que é o que a gente vai visitar, eles dão metade. E o daqui, completa com a metade do frete, aí paga. Eu só recebo o dinheiro quando termina o percurso, eu deixo eles. Eles, me pagam." (Motorista de ônibus)

Há times que a mulher não paga a taxa do transporte cobrada pelo "dono do time". Outros, já cobram a taxa das mulheres. O motorista do ônibus apresenta duas justificativas para a cobrança da taxa das mulheres, a primeira é a própria condição financeira do time, que não permite abonar a taxa das mulheres, a segunda justificativa, leva em consideração o local do jogo. Vejamos:

"Time fraco é assim devido ao ambiente onde a gente vai buscar é mais..., o salário é mais pouco, tem que cobrar das mulheres que é pra inteirar o frete, né. Que nem o caso das bocas das cobras ali, né. O caba cobrou até das mulheres, um Real, mas também pra ir lá pra Suza, tomar banho lá e jogar lá, é bom, além de jogar é um domingo de lazer." (Motorista de ônibus)

Quando algum time vai jogar na Suza<sup>20</sup>, é necessário que o "dono do time" cobre uma taxa de todos os jogadores e também das mulheres, pois neste caso, o time da Suza, não colabora com o frete. Isto porque, além do jogo de futebol que normalmente acontece, o referido time oferece um espaço para que o time visitante desfrute de um dia de lazer, junto com seus familiares. Neste espaço há mesas distribuídas em baixo das árvores, uma bica e um restaurante. Comumente, o time visitante leva sua própria comida, um mungunzá ou um arroz mais galinha com farinha, são as opções preferidas. No restaurante compra-se o refrigerante e

<sup>20</sup> "Suza", como é conhecida pelos jogadores, é na verdade o clube da Usina de Açúcar de Barbalha.

alguma cerveja, pois a cachaça é a bebida mais consumida pelos jogadores, devido ao seu baixo custo.

Indagado sobre o comportamento dos jogadores, o motorista do ônibus informou que antes da viagem, já faz as recomendações sobre os cuidados que todos devem apresentar com o transporte.

"Quando eles fretam o carro eu digo logo: se for pra nós ir direito, nós vamos, se for pra bagunçar eu paro o carro no meio da estrada, desce tudinho e eu volto pra casa e o cara tem que pagar o frete. Que a gente arruma o frete barato, o caba querer bagunçar pra quebrar o carro, aí não tem condição, ou vai direito ou então eu não vou. Mas, graças a Deus, tudinho é bom. Eles grita e tal, isso é normal eu não quero é quebrar o carro." (Motorista de ônibus)

Dentro do ônibus, os jogadores apresentam comportamentos diversos. Há times que gostam de batucar, outros preferem ouvir o som do rádio do ônibus, e ainda há os que ficam em silêncio.

"O time do União é mesmo que tá carregando uma comissão de padre, de primeiro eles cantava, eles brincava, mas agora tão tudo calado. Não sei se é porque o dono do time passou a lei de crente. Antigamente era charanga, era triângulo, era tudo, mas agora. Tem outros que leva charanga, tem outros que não quer a charanga quer é o rádio do carro. O time dos Porções são mais ligado no rádio do que em negócio de batucada. Outros já prefere a batucada, eu desligo o rádio. Quem manda é eles, né ?" (Motorista de ônibus)

#### e) Os Torcedores

Nos jogos "abertos" não existe propriamente torcedores, mas espectadores que ficam à beira do campo assistindo o jogo e comentando-o, alguns chegam a jogar. Não existe uma torcida nem por um time nem pelo outro, os "torcedores" gostam de comentar o jogo e o desempenho dos jogadores em campo, fazem piadas, riem das falhas cometidas, gozam dos que não tem intimidade com a bola, reclamam do governo, das esposas que reclamam deles, dos filhos, fumam um "troço"<sup>21</sup>, etc. Tudo isso sem nenhuma ordem fixa, podendo também acontecer o silêncio. Os comentários que surgem durante e depois dos jogos, recebem dos

---

<sup>21</sup> Cigarro feito com folhas secas de maconha.

jogadores o nome de "resenha". É durante a "resenha" que muitos jogadores ganham apelidos, contam casos engraçados que aconteceram nos jogos ou em outras ocasiões.

A resenha é também o nome dado, as comemorações que acontecem depois dos jogos "fechados", quando um time consegue vencer uma determinada partida. Neste caso, a resenha é planejada pelo "dono do time" junto com seus jogadores. A forma destas comemorações é basicamente uma só: reunir os jogadores e torcedores mais "chegados" para beber cerveja ou cachaça junto com algum petisco, mais conhecido pelo nome de "tira gosto".

Nos jogos "fechados" os torcedores ficam mais evidentes. Se o jogo é em campo adversário, sua presença é menor do que quando os jogos são realizados em "casa". A explicação para tal situação é encontrada no fato de que nem sempre é possível reunir um número significativo de torcedores para acompanhar seu time por ocasião dos jogos em outros campos adversários. Já quando o jogo realiza-se em campo próprio e quando este campo situa-se próximo a comunidade de moradores do time em jogo, a torcida do referido time comparece em maior número. Não é possível estabelecer distinções entre os torcedores dos time que participam do jogo, pois eles não se apresentam como os torcedores do futebol profissional, isto é, eles não vestem a blusa do seu time e não utilizam bandeiras com as cores do time. Algumas torcidas levam instrumentos de música que juntos são conhecidos como charanga. A festa, a vibração e a algazarra, são comuns em alguns jogos, principalmente naqueles onde disputam-se o título de campeão do torneio ou de um campeonato. Para alguns jogadores, a presença da torcida é fundamental. De acordo com o depoimento de um jogador, "dá mais emoção jogar com a casa cheia".

#### f) Os Vereadores

Durante a campanha eleitoral para prefeito municipal e vereadores no ano de 2000 em Juazeiro do Norte, um dado chama minha atenção. As camisas utilizadas para promover a campanha de um candidato a reeleição ao cargo de vereador, trazem em suas cores, textura e desenhos, formas que lembram uma camisa de jogador de futebol profissional, como as que eu costumo ver na televisão, por ocasião dos jogos de futebol profissional. Estas citadas camisas contrastam com as tradicionais camisas de algodão branca, que tradicionalmente são utilizadas durante as campanhas eleitorais, trazendo estampada a foto ou o número do candidato. Ao ser indagado, o candidato a vereador, cujas camisas de campanha eleitoral lembram camisas de jogadores de futebol profissional, assim justifica:

"Na minha primeira campanha, como a torcida maior era a do Icasa, nós lançamos a camisa do Icasa. Este ano como a torcida maior era a do Juazeiro, nós lançamos a nossa camisa de campanha com as cores do time Juazeiro que representa a cidade e as cores do município." (Vereador em Juazeiro do Norte)

Se o futebol profissional serve de inspiração para a campanha, não são os jogadores profissionais os alvos da referida campanha, são sim, os jogadores e as diversas pessoas ligadas ao futebol amador da cidade de Juazeiro do Norte.

O futebol amador em Juazeiro do Norte é um espaço onde os vereadores ou candidatos a vereadores atuam para firmar o nome junto a uma parcela do eleitorado.

A atividade esportiva, de um modo geral, tem forte apelo popular, e no caso brasileiro, especialmente o futebol. Considerando este dado da realidade, candidatos e detentores de cargos públicos de natureza política atam os fios da engenharia política aos do futebol, incluindo as práticas amadorísticas. O estudo do problema demonstra as afinidades e interações entre os dois campos e permite visualizar a inserção do mundo político no futebol amador. No entanto, se a dinâmica do futebol amador é vivida como algo cotidiano, sendo acionada a cada jogo, a cada semana, o mundo político, ao contrário, aparece como algo episódico, que acontece apenas de tempos em tempos.

Em Juazeiro do Norte, o financiamento de entidades desportivas e de campeonatos dos times do futebol amador, neste caso dos jogos "fechados", recebe algumas vezes, a "colaboração" de personagens e agrupamentos políticos, que utilizam a mediação do poder público para alavancar os recursos necessários para pagamento de árbitros, aquisição de indumentárias e garantia de premiação como medalhas e taças.

Os atores políticos envolvidos com as atividades acima indicadas, de um modo ou de outro, procuram se desvencilhar de comentários e informações mais precisas sobre a dinâmica dessas relações. A "colaboração" dos mesmos se dá mediante diversos meios: verbas públicas, dinheiro advindo dos proventos dos parlamentares e contribuições de empresários. Um vereador, em seu depoimento, afirma que usa de sua "amizade" para obter *"apoio junto as empresas buscando incentivos e apoio publicitário"*.

Uma questão, contudo, é instigante. O vereador acima citado reproduz uma prática muito comum entre os seus pares: nega a existência de relações entre o campo político e as atividades políticas. Nas suas próprias palavras: *"Acho que esporte é que faz parte do município, e logicamente que você não tem nada que vincular esporte com política. Eu sou esportista, e eu sou político, e amanhã eu não sou político, mas continuo esportista"*.

As relações, no entanto, existem e fluem com certa visibilidade. Isso explica porque muitos "donos de times" consideram absolutamente normal e necessário, praticamente uma obrigação e um afazer do vereador, a contribuição para viabilizar a compra de bolas, ternos e prêmios. Legisladores que não adotam tal prática encontram enormes dificuldades para explicar a não adesão a esse comportamento que os jogadores do futebol amador de Juazeiro do Norte, de um modo geral, adotam como uma prática razoável e padrão. Tais componentes desconstituem "a tese" de interdito e isolamento entre os dois campos - o político e o esportivo - preconizada, entre outros, pelo vereador citado no parágrafo anterior. Esse ponto de vista não encontra sustentação no campo empírico.

g) A Diretoria da ASSEAJUNO

Fundada em 09 de novembro de 1987, a ASSEAJUNO - Associação de apoio ao esporte amador de Juazeiro do Norte, é a entidade que reúne os times de futebol amador da referida cidade. De acordo com o presidente, a associação possui mais de 90 times filiados para o campeonato de 2002. Há ainda, muitos times que não tem condições financeiras para se filiar.

A ASSEAJUNO organiza os campeonatos da zona urbana e da zona rural de Juazeiro do Norte. A entidade possui somente o 1º quadro e o 2º quadro, o 3º quadro que comumente é utilizado nos jogos "fechados", não é empregado nos campeonatos promovidos pela associação. Ao final do campeonato da 1ª divisão, ou seja, do 1º quadro, são classificados vinte times, sendo os quatro últimos rebaixados para a 2ª divisão, ou 2º quadro. E os quatro primeiros classificados no campeonato da 2ª divisão, são elevados ao 1º quadro. Assim o 1º quadro da ASSEAJUNO tem sempre um número fixo de vinte times. Já na 2ª divisão não há limite de times, ou seja, quem não é da 1ª divisão, faz parte do 2º quadro.

Para realizar os jogos, a diretoria faz um orçamento e apresenta para a Prefeitura de Juazeiro do Norte, quando esta não colabora, o campeonato não acontece. Foi o que sucedeu com o campeonato da zona rural de 2001, que não se realizou. Mesma que a despesa fosse dividida entre os jogadores da zona rural, não seria possível realizar os jogos, pois segundo o presidente da ASSEAJUNO "sai muito caro e o pessoal não tem condições." Para o campeonato da zona urbana, a prefeitura colaborou com uma quantia que só deu para comprar a premiação, ou seja, os troféus e as medalhas. O campeonato da zona urbana de 2001 realizou-se com a colaboração dos jogadores.

"O campeonato da zona urbana foi bancado pelos próprios jogadores. Hoje o quadro de árbitro custa 50,00 Reais, aí vem a marcação de campo e mesário então uma rodada de cada campo, sai por 65,00, 10,00 para o marcador e 5,00 para o mesário. Então pra cada equipe sai por 16,25 centavos isso até o quadrângular, quando chegar nas semi-finais vai aumentar para 17,50. Não é nada, mas 16,25 que um pai de família tira do bolso porque gosta do esporte vai fazer muita falta numa feira dele." (Presidente da ASSEAJUNO)

Como cada time tem seu campo próprio ou pelo menos um campo onde costuma realizar seus jogos, as partidas do campeonato organizado pela ASSEAJUNO são realizadas em campos neutros. De acordo com o presidente da ASSEAJUNO, alguns jogadores dos times que estão na 2º divisão da associação, "só querem ir se for ganhando uma ajudazinha, um par de chuteira, uma coisa e outra." Quando um time desce da 1º para a 2º divisão, o "dono do time" tem que gastar mais dinheiro para recolocar o time novamente entre os vinte primeiros.

"Em certo momento tivemos uma participação mal no campeonato, descemos para a 2º divisão. Eu me chateei com os diretores e resolvi andar com o barco. Quiseram me botar para fora e eu disse não, vou entregar o Comercial na 1º divisão. Fizemos um trabalho de base, à altura, fomos campeão da 2º e hoje estou aqui na 1º. Futebol não é mole, pra onde a gente vai é gastando. Futebol amador é caro. Na média eu gasto 60,00 Reais por semana. Já teve rodada que lourão, Presidente da ASSEAJUNO, bancou, porque o clube não tinha os 16,25. Não é para todo mundo, não, o gasto. Você faça a conta de oito jogos e mais a resenha." (Dono do time do Comercial)

Já o jogador que está na 1º divisão "ele se empolga, é um negócio bem visto, todo mundo quer tá na 1º divisão." (Presidente da ASSEAJUNO)

A sede da associação funciona numa sala do prédio da Guarda Municipal de Juazeiro do Norte. A esposa do presidente da ASSEAJUNO é também sua secretária. Na sede da associação estão guardadas as fichas dos times cadastrados, desde da fundação da entidade. "A ASSEAJUNO hoje é como se fosse a minha casa, é uma família que eu tenho." (Presidente da ASSEAJUNO). De fato, é na casa do presidente da associação, onde podemos encontra-lo com mais frequência e onde os "donos dos times" vão tratar de questões relacionadas aos jogos dos campeonatos, do futebol amador entre outros assuntos. Muitos times não se encontram na ativa, isto é, possuem o cadastro mas não participam dos

campeonatos promovidos pela entidade. Estes times podem reivindicar a atualização do cadastro mediante o pagamento da anuidade dos referidos times e de seus jogadores.

Há exemplos de times que mudaram de "dono". O valor estipulado vai depender do patrimônio do referido time, ou seja, uniformes, bolas, inscrição na ASSEAJUNO entre outros bens. Alguns novos "donos de times" conservam o nome da equipe, já outros, preferem a mudança de nome.

"Ele teve tanto trabalho, fundar uma equipe, registrar. Para com certos tempos depois ele vender por uma mincharia de dinheiro, uma coisa que ele fundou com tanto gosto. Flamenguinho hoje é de outra pessoa que ele vendeu por sessenta Reais, será que vale a pena ? O cara vende por sessenta Reais uma coisa que ele fez com tanto gosto. Eu acho que ele nunca gostou desse time. É a mesma coisa de a pessoa pegar um filho e entregar para qualquer pessoa tomar conta, desprezar, ele não tem amor aquele filho. Eu acho que um cara faz uma equipe de futebol porque gosta daquele nome, ele quer zelar pelo patrimônio, de repente ele vende por uma mincharia de dinheiro que se acaba que nem fogo. Eu acho que ele não tem amor aquele time, não. Ele fez aquilo para se divertir, eu acho que time de futebol depende muito do comando." (Presidente da ASSEAJUNO)

O time de futebol, é visto pelo Presidente da ASSEAJUNO, como algo em que se investe tempo, dinheiro e principalmente dedicação e amor, ou seja, deve ser zelado e respeitado.

#### h) O locutor de Rádio

Os jogos "fechados" põe em movimento sujeitos de diversas localidades da cidade de Juazeiro do Norte e até de outros municípios. Como agendar os jogos com outros times e como saber dos resultados dos jogos do domingo nos vários campos de futebol amador espalhados pela cidade ? É para isso que serve o "dono do time". Porém, o mesmo, conta com um aliado poderoso nesta tarefa de divulgar o time e seus resultados. São os locutores esportivos que através das emissoras de rádio, são responsáveis pela divulgação do futebol amador na programação da emissora.

Além de divulgar os horários dos treinos, os jogos e seus resultados, as notas que são entregues nas rádios podem conter avisos diversos, como nos relata um locutor:

"Agora é muito engraçado, com relação a essa parte assim, as vezes eles mandam algum aviso, por exemplo: atenção sítio Barro Vermelho pedimos ao diretor do Palmeiras que, por gentileza, devolva a bola que a gente esqueceu, tá entendendo." (Locutor de Rádio)

O "dono do time" é o responsável pelo envio das notas para as emissoras de rádio. Todavia, algum jogador ou ajudante do "dono do time" pode se incumbir de tal tarefa, pela facilidade que esta se apresenta para o referido jogador ou ajudante. As notas são deixadas em várias emissoras de rádio, independente da preferência que os jogadores e o "dono do time" possam apresentar por determinada emissora em particular.

"Então geralmente o diretor, ou até mesmo o atleta, aquele que trabalha próximo a emissora, ele se encarrega de ir deixar. Tem pessoa que sai entregando de rádio em rádio a nota, muitas das vezes ele não tem tempo suficiente de fazer todo dia a notinha, aí ele manda a nota e coloca lá em baixo observação: favor repetir até sábado, ou até sexta. Porque não tem tempo, né, trabalha diariamente." (Locutor de Rádio)

No horário de cada programa "ir ao ar", as pessoas envolvidas com o futebol amador, procuram uma forma de escutarem todas as emissoras que fazem este serviço de divulgação dos jogos, dos resultados e dos treinos do diversos times de futebol da cidade de Juazeiro do Norte. A divulgação, feita pelas emissoras de rádio, do nome do time e de seus jogadores ajuda a construir ou manifestar a identidade dos mesmos frente a outros times de futebol amador.

"Então basicamente todas as emissoras têm, algumas evidentemente que conseguem obter um maior índice de audiência, mas todas têm o seu espaço, todas tem o seu público. O pessoal que faz o futebol amador, por incrível que pareça, esse pessoal dá um jeito de se ligar em todas. Eles têm uma certa preferência por uma determinada emissora, isso é natural, mas eles procuram ouvir todas as emissoras, porque quer queira ou não o motivo de sair a nota de seu time por exemplo: atenção jogadores do União Progresso o diretor Pedro Jorge pede a presença de todos abaixo relacionados no treino que será realizado logo mais às 16 horas no campo do 2º BPM, os atletas convidados são os seguintes..., aí você cita os nomes dos atletas. Então pra esses atletas o nome deles tá saindo assim no rádio é motivo de muita satisfação. Porque geralmente o futebol amador é feito por pessoas simples, pessoas que residem assim nos bairros mais afastados, pessoas do comércio, e há uma receptividade muito boa." (Locutor de Rádio)

A divulgação do futebol amador nas emissoras de rádio permite que o mesmo ganhe proporção ainda maior que o verificado nesta pesquisa, abrangendo outros municípios e até outros Estados vizinhos.

"Esse intercâmbio é tão positivo, porque a gente geralmente cita o amistoso intermunicipal, interestadual, o pessoal vai à Paraíba, vai ao Estado do Pernambuco, Cedro. E vem esses times também de outros estados pra jogarem aqui em Juazeiro do Norte." (Locutor de Rádio)

As notas divulgadas pelas emissoras de rádio não custam absolutamente nada aos bolsos do "dono do time", pois este serviço é uma maneira que as emissoras de rádio encontram para ampliar o noticiário esportivo.

" A gente não cobra nada, porque quem cobre as nossas despesas são os patrocinadores. Toda a despesa ela é retirada dos patrocinadores. E com relação ao futebol amador eu me lembro que uma época que chegou aqui um companheiro de trabalho, que foi contratado pela rádio Progresso, ele veio de Natal. Aí ele achou estranho: ôxe, vocês não cobram...aí ele chegou aqui e disse: rapaz vamos cobrar pelo menos cinquenta centavos. Agora você imagina, você cobrar cinqüenta centavos de uma nota, o cara manda a nota diariamente. Para o futebol amador que já é uma coisa que não tem o apoio devido, o pessoal gasta do próprio bolso, não tem sentido cobrar de jeito nenhum, se a gente não cobra de Icasa X Guarani, não cobra de outros, assim importante, que tem uma condição, porque que vai cobrar do futebol amador, não tem sentido nenhum. Tanto é que quando ele veio com a idéia o pessoal daqui, as pessoas responsáveis, não pelo amor de Deus: você tá é maluco, foi descartado assim imediatamente, rápido, rápido." (Locutor de rádio)

Os jogadores do futebol amador, principalmente os dos "jogos fechados", depositam muita confiança nos locutores esportivos. Quando há alguma jogada duvidosa ou quando a decisão do juiz não agrada ambas as partes, os jogadores fazem um relato do ocorrido e aguardam a opinião do locutor esportivo.

"Eles mandam o caso, aconteceu isso, isso, o juiz atuou desta forma, tomou a seguinte posição. E eles depositam muita confiança na gente, né, na gente assim, o pessoal da imprensa esportiva de um modo geral. Quando a gente dá o parecer, aí aquilo pra eles é um ultimato, né." (Locutor de rádio)

Além da confiança oferecida aos locutores de rádio pelos jogadores, há outros valores envolvidos, cito como exemplo a admiração e a gratidão que um "dono de time" desenvolveu por um locutor de rádio a partir do contato estabelecido através do futebol amador.

"Ele foi lá pra conhecer a gente: rapaz vim conhecer, e ele era torcedor do guarani, eu admiro muito você toninho vieira porque você é do guarani. Meu time também é guarani, aquela coisa toda, aí começou a vir. O pessoal também sempre traz uma lembrança pra você, um queijo, uma galinha, é legal que só. Ele disse: eu tenho um menino lá e você vai ser o padrinho desse menino. E quando ele trouxe o menino a primeira vez, Cícero, aqui cicim meu filho, ai trouxe. Oh ! o maior prazer. Você vai mesmo ? Vou ! Olhe que você não vai. Eu disse vou. E fui né, crismar o menino. Só que quando foi na época da crima o menino tava maior do que eu. E ele ficou assim tão satisfeito, tão empolgado. Se tornou uma pessoa amiga, meu compadre. O pessoal de lá, sempre que a gente se encontra diz: mas rapaz Tércio só fala em você, que é seu compadre, aquela coisa toda. Teve um dia, o menino crescendo, eu achei interessante, ele chegou lá na rádio pra fazer uma visita e disse: compadre Toninho. Eu: diga compadre Tércio. Sabe o que Cicinho mandou dizer, seu afilhado ? Não, diga aí. Ele disse que quando crescer, quando completar dezoito anos, vem servir o tiro de guerra, jogar no Guarani e morar com o compadre Toninho. Eu digo: mande. (Risos) Há legal." (Locutor de rádio)

#### i) A Arbitragem

Nos jogos "abertos" não existe o juiz, tal como acontece nos jogos "fechados", ou seja nos jogos "abertos" o juiz pode se fazer representar por um jogador ou um expectador ou ainda pode ocorrer não ter juiz, conforme exposto na descrição geral do futebol amador em Juazeiro do Norte.

Nos jogos "fechados" é necessário a presença do juiz para arbitrar as partidas. Se os jogos fazem parte de um campeonato envolvendo vários times, a presença do trio de arbitragem (o juiz e dois bandeirinhas) é muito importante.

Um juiz deve arbitrar de forma imparcial para garantir as mesmas condições para os dois times. É bastante comum quando um dos times ou mesmo os dois times ficam insatisfeitos com alguma decisão do juiz. Nesse caso o jogo pode ter vários desfechos, desde a finalização prematura do jogo, com ou sem briga, até uma finalização do jogo com direito a um veredicto final dado pela imprensa esportiva, conforme foi relatado acima.

No futebol amador em Juazeiro do Norte, questões envolvendo a arbitragem são pontos passíveis de vir a desencadear problemas mais sérios, ou seja, que irão solicitar a presença de força policial.

"Porque são pessoas, a maioria é composta por pessoas que não tem um nível, um grau de instrução mínimo, não tem, tá entendendo ? Então muito das vezes, no futebol amador, nós já tivemos problemas aqui em Juazeiro, no próprio campo do 2º BPM. De árbitro ser agredido por atleta, o comandante já chegou ao ponto de: não, também não vamos mais liberar o campo para a ASSEAJUNO, e tal... porque vocês só querem brigar. Depois com muito jogo de cintura, o pessoal vai lá chama um, chama outro, mas acontece." (Locutor de rádio)

j) O Dono do Bar

É interessante como os jogadores conseguem narrar uma jogada que aconteceu há dias ou meses com o mesmo entusiasmo e com tanta fidedignidade. O bar é um dos locais mais procurados pelos jogadores para exercitarem tal prática, como também para comemorar as vitórias do time.

O dono do bar estimula esse tipo de ação para obter lucro com a venda de bebidas e "tira-gostos". Algumas vezes o dono do bar chega a combinar com o "dono do time" um campeonato ou um torneio prometendo o "tira-gosto" para o time, em caso de vitória, contanto que os jogadores façam a festa no bar de sua propriedade. É comum cada time ter o bar de sua preferência, para comemorar as vitórias ou mesmo para se encontrarem a despeito do futebol. O dono do bar também costuma oferecer descontos para o time que lhe é fiel.

Desse modo, o dono do bar, com efeito, é também sujeito social do processo, ou dito de outra forma, é parte constituinte do jogo, ainda que não participe diretamente de sua realização. Por outro lado, a sua intervenção provoca a extensão da atividade esportiva para além das fronteiras do campo. O jogo se estende além do tempo de bola e se expressa em bate-papos e balanços informais, tornando o bar um complemento do campo, e, portanto, ampliação do seu raio de ação.

#### **IV - Etnografia dos Processos de Sociabilidade.**

##### 1. O "Racha" dos malucos: Um caso exemplar de jogo "aberto".

A turma dos malucos ficou assim conhecida pelos próprios jogadores de futebol amador da cidade de Juazeiro do Norte, devido ao uso da maconha por parte de alguns de seus jogadores. Outros, com o pretexto de assistir ao jogo, iam mesmo era fumar um "troço" do lado de fora do campo. A naturalidade deste tipo de ação é possível num ambiente como o do futebol amador somando-se ainda o fato do jogo não ter um caráter "oficial", ou seja, é um jogo "aberto". Ao ser indagado sobre qual era o nome do time, um dos responsáveis pelo jogo respondeu que não tinha nome, pois eram apenas um grupo de pessoas que se reuniam para "rachar", "bater uma pelada". São conhecidos como a "turma do malucão".

Os jogos acontecem sempre às terças-feiras e quintas-feiras. Os jogadores começam a chegar a partir das 16 horas, quem chega mais cedo fica aguardando a chegada dos demais jogadores ou pelo menos um número suficiente que permita iniciar o jogo. Enquanto isso não acontece eles se apresentam em um único grupo, porém com a chegada de outros jogadores formam-se diversos grupos pequenos onde os jogadores ficam conversando entre si. Os primeiros a chegar são os que dispõem de um horário mais flexível no trabalho, geralmente quem trabalham por conta própria, quem é estudante ou quem encontra-se desempregado. O número de jogadores vai aumentando a medida que o tempo vai passando, não existe um horário padrão para todos. Os jogadores têm a possibilidade fazer seu próprio horário de acordo com as suas necessidades. Os últimos chegam sempre com a pressa de quem espera ainda aproveitar o máximo do jogo. Pelo entusiasmo e euforia dos jogadores, tem-se a impressão que o jogo poderia continuar noite a dentro. Porém a última partida termina por volta das 18:15 h, não mais que isso, pois o campo não tem iluminação elétrica.

O campo onde se reúne a turma do "malucão", localiza-se à beira de uma rodovia asfaltada que segue em direção ao horto, onde se encontra a estátua do Padre Cícero. O campo não fica no mesmo nível da rodovia, há uma inclinação em profundidade na margem da mesma, cerca de três metros, sendo a distância que separa a rodovia do campo tem cerca de cinco metros. No mesmo horário que acontece o jogo, existe um grande número de pessoas fazendo caminhada, correndo ou mesmo voltando para suas casas. Assim a rodovia é

bem movimentada, sem contar com o habitual número de veículos que circulam por ali. O futebol integra-se à paisagem dos que trafegam naquele local.

Este campo, conhecido como campo da micro empresa, pela proximidade que tem com o Palácio da Micro Empresa<sup>22</sup>, foi deslocado do seu espaço inicial devido a construção do Fórum de Juazeiro do Norte e também de uma torre em comemoração ao terceiro milênio. O campo, que possuía uma outra localização, teve que ser transferido para onde se encontra hoje. Contudo o nome do campo não foi alterado, pois a mudança ocorreu nas imediações do Palácio da Micro Empresa. Para os jogadores a mudança foi positiva, pois as condições do campo hoje são melhores do que no passado. Segundo os mesmos, o campo anterior apresentava uma quantidade maior de pedras soltas dentro do campo prejudicando, desta forma, o andamento do jogo.

Nos jogos "abertos" não existe a figura do "dono-do-time", conforme foi relatado na descrição do mesmo, contudo há uma, duas ou mais pessoas responsáveis pelo "racha". Indagado sobre esta situação um jogador assim relatou:

"...aqui não é o time, é só o racha da amizade, né! Então tem que ter o pessoal pra tomar de conta, pra não virar gandaia, né? Confusão aqui não tem, quando tem confusão eu digo logo: ô, quer brigar vá pra casa, então vá brigar com a polícia. Aqui é assim, aí eu tomo a frente, eu faço cota pra comprar bola, quando eles não tem eu arranjo o dinheiro, eu compro, que eu tenho mais uma condiçãozinha, tá entendendo ? Aí assim por isso que eu tenho mais uma moralzinha...porque eu...eu quem organizo aqui e boto moral. Porque se não avacalha, né?" (Jogador do Campo da micro empresa)

Esse jogador que se intitula organizador do "racha da amizade"<sup>23</sup> justifica sua interferência entre os demais jogadores, pelo fato do mesmo, apresentar "mais uma condiçãozinha" o que lhe dá a possibilidade de comprar a bola quando os outros jogadores não reúnem condições financeiras para tal empreendimento. Contudo há outros jogadores que também atuam como organizadores ou responsáveis pelo jogo. Neste caso eles legitimam sua atuação pelo longo tempo de permanência no jogo do campo da micro empresa.

Existe uma outra situação em que os jogadores mais antigos possuem privilégios em relação aos jogadores novatos, é quando se define quem vai começar jogando, neste caso os

<sup>22</sup> Designação dada ao prédio que abriga o SEBRAE - Serviço de apoio às micro e pequenas empresas.

<sup>23</sup> Denominação dada pelos jogadores aos jogos que acontecem no campo da micro empresa nas tardes de terça-feira e quinta-feira.

jogadores veteranos levam vantagem em relação aos novos, sendo assegurado aos jogadores veteranos o direito de jogar primeiro.

"...aqui vindo, joga todo mundo. Não tem essa sabe ? Não tem esse pessoal escolhido. Joga qualquer pessoa. Agora que joga primeiro os veteranos, aí depois os novos." (Jogador do campo da micro empresa)

O jogo inicia com onze jogadores de cada lado, o tempo de jogo é combinado entre os próprios jogadores. No jogo do campo da micro empresa o tempo estipulado é de vinte e cinco minutos ou o tempo de um dos times marcar dois gols, o que acontecer primeiro. O número de jogadores presentes no campo é suficiente para formar três times. Inicia-se o jogo entre os dois primeiro times e o terceiro time fica aguardado o resultado do primeiro jogo para poder tomar o lugar do time que perdeu. Ao final do primeiro jogo, o time que perdeu cede o seu lugar para o outro time jogar, e assim sucessivamente. Se o time que for entrar não estiver completo, jogadores que já estavam jogando permanecem no campo, para completar os onze.

Os jogadores não usam uniformes, pois trata-se de um jogo "aberto". Para diferenciar os adversários em campo, os jogadores combinam entre si, qual o time que vai jogar sem camisa. No jogo do campo da micro empresa, existe uma preferência pelo jogador calçado, seja tênis ou chuteira. Jogador descalço, joga, mas só se for para completar o time, ou seja, se realmente não tiver outro jogador calçado que possa entrar naquele momento. A preocupação não é com o jogador que descalço, possa se machucar, mas com a falta de empenho que este pode representar para o time que o acolher. Vejamos o que diz um jogador ao se referir a outro que não usa tênis ou chuteira:

"E a gente vê logo que ele não pode colocar o pé na bola. A gente já não coloca que ele fica pipocando, né ? Aí ninguém coloca o cara no time pra ele pipocar, não por o pé na dividida, tá entendendo ? Colocar o pé e tirar. " (Jogador do campo da micro empresa)

No jogo "aberto" do campo da micro empresa, o juiz pode ser um dos próprios jogadores que não se encontra jogando naquele momento ou algum espectador do jogo. Sendo ele, o juiz, escolhido minutos antes de iniciar a partida. Para diferenciar o juiz dos jogadores com camisa e dos jogadores sem camisa faz-se necessário que ele, o juiz, coloque uma camisa amarrada na cabeça ou um boné.

Existe um código de finalização do jogo, ou seja, mesmo ao final do tempo de vinte e cinco minutos o juiz espera a bola sair do limite do campo para dar o apito final. Fato que leva os jogadores do time que está perdendo a utilizarem uma tática para não deixar a bola sair, prolongando desta forma o tempo de jogo na busca de um gol. A tática é passar a bola de forma mais lenta e com segurança para os companheiros do mesmo time, tentando evitar a interceptação desta pelos adversários. No caso do time estar ganhando, os seus jogadores procuram chutar a bola para fora o mais rápido possível, para garantir a vitória e continuar em campo. Ao time que está do lado de fora, aguardando a vez de entrar, cabe fiscalizar para que seja garantido o tempo de jogo, ou seja, para que este não ultrapasse os vinte e cinco minutos. Assim, caso já tenha completado o tempo de jogo e o time que esteja ganhando não queira, por qualquer que seja o motivo, encerrar logo a partida tentando jogar a bola para fora das linhas do campo, os jogadores que estão do lado de fora, denunciam o fato e exigem dos jogadores a conclusão rápida da partida.

Ao final do tempo de jogo se o mesmo terminar empatado a disputa vai para os pênaltis. Cobrados um a um, ou seja, cada time cobra uma penalidade de cada vez, seguindo pelo outro time. Se os dois times convertem suas cobranças em gol, tem-se uma nova rodada de cobrança de pênaltis, até chegar a um vencedor.

No referido jogo, joga-se o futebol amador mais ou menos como o futebol profissional, mas com algumas modificações, além das que já foram relatadas. Vejamos: o lateral<sup>24</sup> é cobrado de qualquer jeito, ou seja, o jogador pode levantar o pé do chão e pode, ainda, jogar a bola só com uma mão. Quando o time sofre gol, seus jogadores já saem jogando a partir da trave, ou seja, não é necessário recomeçar o jogo a partir da linha central do campo, como exige a regra. O impedimento<sup>25</sup> não é marcado. O escanteio<sup>26</sup> não precisa ser cobrado exatamente no local certo, só as faltas mais graves são marcadas. O número de jogadores em campo pode ser alterado, para mais ou para menos, dependendo da necessidade.

---

<sup>24</sup> Quando um jogador chuta a bola para fora do campo pela linha lateral, a mesma é recolocada em jogo através do arremesso lateral, feito por um jogador da equipe contrária que colocou a bola para fora.

<sup>25</sup> O jogador está impedido quando ele se encontra mais próximo da linha de fundo do adversário do que a bola no momento do passe. A não ser que: a) esteja no seu próprio campo; b) receba a bola de um tiro de meta, de um tiro de canto, de um arremesso lateral ou de um adversário; c) o jogador tenha entre ele e a linha de fundo do adversário o mínimo de um adversário, estando ao mesmo tempo ao lado do segundo adversário.

<sup>26</sup> Quando um jogador chuta a bola para fora do campo pela sua própria linha de fundo, esta é recolocada em jogo através de um tiro de canto (escanteio) por um jogador da equipe adversária.

"Aqui é o seguinte...é...rachão, né? Não tem a regra assim...aquele negócio certo. Não tem problema aqui, não tem essa. É parecido só. As faltas, lógico que tem, né? Mas se for falta assim bestinha, a gente deixa rolar. (Jogador do campo da micro empresa)

Não é possível informar o número exato de partidas jogadas numa tarde, devido à forma como se determina o tempo de jogo, ou seja, vinte e cinco minutos ou dois gols, o que acontecer primeiro, e ainda, devido à forma de desempate que leva a disputa para os pênaltis. Fato este que não acontece necessariamente em outros campos de futebol amador em Juazeiro do Norte, sendo o desempate resolvido no cara ou coroa, ou ainda, no par ou ímpar. Entre um jogo e outro não existe intervalo, para os jogadores descansarem. Joga-se ininterruptamente, parando somente o tempo necessário para a troca entre os times.

Entre os jogadores há jovens na faixa de 18 a 25 anos, a maioria aparenta estar na faixa etária entre 26 a 37 anos. Jogadores novatos imiscuem-se entre jogadores experientes. Jogadores mais antigos podem influenciar bastante aqueles que vêm a seguir, explicando assim como o futebol amador se mantém idêntico, no campo da micro empresa, ao passo que seus jogadores se alteram. O campo da micro empresa enquanto território de permanência dos jogadores também contribui para a manutenção dessa unidade em torno do futebol amador.

No campo da micro empresa há também a presença de um jogador que já fez parte do futebol profissional e que hoje encontra-se afastado desse tipo de futebol. Porém o referido jogador encontrou no futebol amador a maneira de continuar jogando bola quando a idade não lhe permitia continuar no futebol profissional. Os desavisados podem se surpreender ao ver um senhor com uma barriga bem avantajada jogando futebol. Foi o que me aconteceu ao vê-lo pela primeira vez entre os demais jogadores. Portanto eu vos digo: não se enganem. Aquele baixinho, gordinho que está parado próximo a linha lateral é reconhecido pelos demais jogadores como o narrador do jogo, ou seja, é um jogador experiente, que grita o jogo, isto é "canta" a jogada antes dela acontecer, é quem orienta os lances. Outro jogador vem em meu socorro:

"Não precisa nem correr, porque não importa se é o que corre mais, tem que pensar mais." (Jogador do campo da micro empresa)

No jogo do campo da micro empresa a maior parte dos jogadores também participa de outras equipes de futebol amador, assim, jogadores de vários times organizados se encontram para o "racha da amizade". Desta forma os jogadores do campo da micro empresa participam

do jogo "aberto" que acontece no referido campo da micro empresa como também fazem parte de times organizados que jogam no final de semana. Neste caso, essas equipes de que os jogadores também tomam parte, classificam-se dentro do que eu venho chamando de jogo "fechado". De acordo com a caracterização dos jogos "fechados", já apresentado anteriormente, estes acontecem no final de semana ou ainda durante a semana como forma de treinamento para os jogos do final de semana.

Indagado sobre a razão de não existir um time organizado, composto pelos jogadores do campo da micro empresa, um jogador apresentou a seguinte explicação:

"Não, não, a gente nunca pensou nisso não, porque a maioria joga noutras equipes, né ? Aí se for formar daqui não dá. Porque a maioria joga numa equipe. Eu joga numa, outro joga noutra, aí não adianta, aqui é só o racha mesmo. Só terça e quinta. Aqui é o encontro assim... a reunião, né ? Mas cada um tem a sua equipe. Todo final de semana um vai pra um canto, outro vai pra outro, tá entendendo ? Cada um joga numa equipe." (Jogador do campo da micro empresa)

O jogo do campo da micro empresa congrega vários jogadores de diferentes times. A dinâmica instituída entre os jogadores, a maneira como eles se organizam para o jogo, o tempo de jogo, as regras, enfim o próprio futebol e a sociabilidade entre estes jogadores apresenta-se de forma aberta.

## 2. Um exemplo de jogo "fechado": Bragantino X Fortaleza.

O campo do time do Bragantino fica localizado no sítio Porções, a 6 Km da cidade de Juazeiro do Norte. A via de acesso não é asfaltada, no entanto o estado de conservação da estrada é razoável, isto é, não há tantos buracos no percurso. O campo também é conhecido como campo dos Porções, ou ainda, como campo do Zé Ivan. A justificativa para tal variedade de nomes para o campo, é o seguinte: o campo fica localizado na propriedade da família do dono do time do Bragantino, o senhor Zé Ivan, cuja propriedade localiza-se no sítio Porções, e não há outro campo no referido sítio. Assim, o campo, é o campo do Bragantino, é o campo do Zé Ivan, ou ainda é conhecido como o campo dos porções. Todas essas denominações refere-se ao mesmo campo.

O campo do Bragantino, que é como eu vou denomina-lo daqui por diante, é considerado o melhor campo da zona rural de Juazeiro do Norte. Mas não foi sempre assim, no início da construção do campo, era um campo pequeno com orientação leste/oeste<sup>27</sup>, tinha muita areia e pedra. No entanto, seu proprietário conseguiu uma promessa na campanha política para prefeito de Juazeiro do Norte: caso o seu candidato ganhasse as eleições, o campo seria melhorado. E assim, todo comício lá estava o dono do campo do Bragantino, para lembrar a promessa feita. Eleição ganha: campo melhorado.

"Eu pensei que eles iam fazer só uma limpeza, sabe. Aí quando eu vi: foi o destroço deles aí fazendo limpeza de tudo, medindo. Aí eu disse: vai ser um campo é grande. Então foi cortado mais do que, uns três ou quatro metros, foi aterrado onde era baixo, pra fazer o campo. Foi muito serviço, não foi pouco, não. Veio uma pessoa com aqueles equipamentos, fez a medida e disse que assim dessa maneira( norte/sul) era melhor." (Dono do campo e do time do Bragantino)

Hoje, o campo apresenta uma orientação norte/sul, com relação ao seu comprimento. E mede 100 metros de comprimento por 76 metros de largura, medidas estas que se aproximam das medidas oficiais<sup>28</sup> estabelecidas na regra do futebol de campo. O campo possui também dois abrigos para os jogadores. A construção dos abrigos foi idéia do pai do Senhor Zé Ivan, dono do time do Braganino, pois, ao lado de uma das laterais do campo passa um estrada que dá acesso aos sítios Espinho e Taquari, a partir da outra lateral do campo o terreno é de propriedade de outras pessoas, não sendo possível plantar árvores ao seu redor para que estas ofereçam sombra. A construção rústica dos abrigos, feitos com a palha seca de palmeiras, permite aos jogadores um local de descanso durante as tardes de domingo, geralmente quentes. O abrigo dos jogadores visitantes fica atrás de uma das traves do gol. O abrigo dos jogadores, do Bragantino, fica do lado direito do campo, para quem vem de Juazeiro do Norte.

O time do Bragantino foi fundado no dia 08 de maio de 1995. A idéia de formar um time surgiu a partir de uma discussão entre os jogadores do time do Havaí, que ofendidos com a atitude do dono do Havaí, se organizaram e sugeriram ao Senhor Zé Ivan, também

---

<sup>27</sup>De acordo com os padrões de qualidade, as instalações esportivas, sejam campos de futebol, quadras ou piscinas, entre outros, devem possuir orientação norte/sul, com relação ao seu comprimento, para evitar o olhar direto para o sol, seja no período da manhã ou no período da tarde.

<sup>28</sup> As medidas oficiais do campo de futebol são 120X90, 110X75 e 100X64. Sendo a medida 110X75 considerada como a oficial ideal.

jogador do Havaí, a criação de um outro time. Indagado sobre essa discussão que o levou a criar outro time, o Senhor Zé Ivan respondeu que não tinha sido uma discussão com agressão, mas que o "dono" do Havaí tinha lhe humilhado ao dizer "o time é meu!". Essa mensagem soou como algo do tipo: saia da minha casa: a casa é minha! Assim, o campo é tomado como sendo o prolongamento da casa do "dono do time", permanece quem tem autorização para ficar, quem é bem vindo. O "dono do time" exerce um papel que lhe confere poder, é ele quem determina as regras do jogo. O Senhor Zé Ivan justifica a criação do time como uma estratégia para continuar jogando futebol: "Aí para explicar, eu só fiz o time pra mim jogar. A verdade é essa."

O terreno onde foi construído o campo pertencia ao avô do dono do Bragantino, já falecido. O mesmo foi deixado como herança para a mãe do dono do Bragantino que a pedido deste cedeu-o para a construção do campo de futebol. Com a construção do campo e a criação do time do Bragantino a rotina de toda a família do Senhor Zé Ivan foi alterada. O pai que nunca havia jogado futebol, hoje, não deixa de assistir aos jogos no domingo, há não ser que haja algum velório marcado naquele dia. No entanto, todos os seus filhos são jogadores de futebol. É comum ver a esposa e os filhos do dono do Bragantino acompanhando-o nos domingos de futebol. Mesmo a comunidade residente no sítio dos porções, a qual possui laços de parentesco com o Senhor Zé Ivan, também viu-se envolvida no ritual do futebol.

Na véspera do jogo do domingo, o Senhor Zé Ivan, solicita a uma moça do sítio que a mesma guarde água nas vasilhas de leite, para saciar a sede dos jogadores após o jogo.

"Eu trago a vasilha, pego aqui, o pessoal já deixa no ponto. Tem uma menina que eu pago ali, pra ela colocar água dormida de um dia pra outro. Aí, pego gelo, boto bastante gelo, água na geladeira, faz gelo, trago." (Dono do time do Bragantino)

Esta água serve tanto os jogadores do time do Bragantino, como também aos jogadores do time visitante. Durante o intervalo do jogo, o pai do "dono do time" do Bragantino, distribui laranjas já descascadas, neste caso somente para os jogadores do time do Bragantino.

"A gente aqui, os times visitantes, a gente sempre acolhe, faz o possível por eles. Agora em termos da laranja, agora a laranja a gente só dar aos da gente. O dos outros eles comprem, mas os meus eu dou, a laranja eu dou. E a água, agora a água é pra todos, sabe os jogadores que vem jogar aqui. Não vou dar a todos os torcedores, porque se eu for dar, não dar pra meus jogadores.

Quando termina eu digo: ô tem uma água, aqui. Aí já vai, chega lá coloca o gelinho dentro da água. Quando termina o terceiro quadro vai todo mundo, termina o segundo quadro vai todo mundo, e assim vai indo até chegar." (Dono do time do Bragantino)

A marcação das linhas do campo, com cal, é feita no dia anterior ao jogo, por moradores encarregados de tal tarefa. A manutenção dos dois abrigos, o abrigo dos jogadores da "casa" e dos jogadores visitantes é também uma tarefa que envolve diversas pessoas da comunidade do sítio Porções. É necessário também o auxílio dos moradores para a colocação das redes nas traves dos goleiros.

Há ainda as mulheres que ganham dinheiro para lavar os uniformes do time, o senhor que cede sua casa para a realização das festas do time, o dono do bar onde também acontece as festas de comemoração das vitórias e a própria torcida que se formou para torcer pelo Bragantino.

No domingo os jogos tem início por volta das 14:00 h indo aproximadamente até às 18:00 h. No campo do Bragantino sempre há jogo no domingo, ocasião em que o time do Bragantino recebe outro time para a disputa, time este que pode ser de um sítio, da cidade de Juazeiro do Norte ou mesmo de outras cidades vizinhas. No entanto, o dono do Bragantino, considera importante que o seu time jogue em outros campos também, para não ficar acostumado a jogar somente em campo próprio. Porém, como o campo do Bragantino é considerado o melhor campo da zona rural, não faltam times candidatos ao jogo no domingo. A única exigência do dono do Bragantino é com relação ao uso do cigarro de maconha pelos jogadores e torcedores do time visitante, quando ele, o dono do Bragantino, sabe que o time é reconhecido pelos demais como usuário da erva. Vejamos:

"Eu procuro o dono do time: ô leva as pessoas boinha, e se quiserem fazer, fazer lá..., num vá fazer no meio do povo não, que ninguém lá num usa isso não. Aqui não usa não. Os meninos daqui joga, pra você ter uma idéia eu nunca nem vi maconha. Você mesmo ver: fica no aceiro do campo só menino, num usa não. Rural ainda é um canto sadio, pra essas coisas. Agora deu pertinho da rua, o bicho pega." (Dono do Time do Bragantino).

A partir do relato acima é possível perceber que existe uma visão idealizada da zona rural como um lugar privilegiado que não foi contaminado pelos problemas da cidade. A

prática do futebol amador também é tomada como uma atividade ideal, ou seja, o futebol é visto como um espaço onde não há conflitos.

"Futebol é uma coisa tão boa, é uma diversão tão boa, porque você pode ter um atrito em campo, na hora que terminar o jogo todo mundo é amigo. É a única coisa que ainda tá tendo amigo, é o futebol. Porque você briga, xinga, dá uma cotovelada, uma coisa, terminou o jogo o cara vem na mão, dá a mão a você, já saiu amigo dentro de campo. Por isso que ainda é viável, ainda fazer alguma coisa por futebol, porque já pensou num forró você leva uma tapa, você vai querer é matar o cara. E num jogo você leva uma cotovelada, leva uma cabeçada, um chute e quando termina: rapaz desculpa ai, tá desculpado. Ainda tem essa coisa, ainda no mundo que dispensa alguma coisa é o futebol." (Dono do time do Bragantino).

A idéia que prevalece entre os jogadores do futebol amador de Juazeiro do Norte é a seguinte: as brigas ou discussões que acontecem durante o jogo, terminam com o jogo. Fato verdadeiro, porém não totalmente. O jogo Bragantino X Fortaleza demorou quatro anos para acontecer depois de um desentendimento entre seus donos. Assim relata o dono do time do Fortaleza:

"Porque nesse jogo que eu joguemos aqui e vencemos dele e ele ficou com raiva. O juiz expulsou três do melhor sem precisão e eu digo: não Zé, assim não. Ele disse: depois tire seu time vá embora. Eu digo: não tiro, porque a covardia é minha, nós joga só com oito e vocês inteiro com onze. E balancemos, e o meu fez um a zero e sustentou e findou o jogo e num empatarô. Foi, parece que foi mesmo uma coisa, ele com os onze e nós com oito e ele não empatou. Aí ele com tanta raiva mandou o dinheiro da cota por outro jogador. Não foi. Eu procurei: cadê ele ? Disse tá com uma raiva danada lá. Eu disse: tá bom. Aí fomos s'imbora, aí pronto. Risos. Aí agora se Deus quiser tamo fazendo as pazes." (Dono do time do Fortaleza)

Durante o período de quatro anos, os dois times não se confrontaram, no entanto o diálogo continuava a existir entre seus donos. Parecia haver uma certa curiosidade sobre com quem cada time tinha jogado no domingo, mas não marcavam nenhum jogo entre si. Segundo nos conta o dono do time do Fortaleza, a situação foi contornada pelo pai do dono do time do Bragantino:

"Eu dizia onde joguei, e quem jogou lá ele dizia. Mas de dizer vamos tratar uma, não. Mas o pai dele sempre vai à missa na matriz, todo domingo, cinco hora e eu também vou. Aí nós sempre se conversa, quando finda a missa, que a gente vem: aonde o senhor vai jogar hoje, eu dizia. Eu dizia: quem vai pra lá. Aí eu acho que ele disse: homem, você só chamando Seu Madalena que se não, se for pra ele falar, ele não fala, não. Pra ir jogar lá, ele não se oferece. Oferecia não, passava cem anos." (Dono do time do Fortaleza)

O time do Fortaleza possui em torno de dezessete anos de existência, sendo dezesseis anos sob o comando do Senhor Madalena. A justificativa para tal situação é que o time do Fortaleza foi comprado de um vizinho que após uma derrota resolveu vender os uniformes. No entanto o nome do time já era Fortaleza e assim foi mantido pelo seu atual dono, o Senhor Madalena. Apesar do time ter mudado de dono, o mesmo não mudou de nome. Utilizar o mesmo nome da capital do Estado do Ceará no time revela-se como uma maneira de conferir poder ao time. O Senhor Madalena justifica:

"É já começemos Fortaleza, inda hoje é. Era do outro e eu continuei. Tem gente que diz: homem muda o nome, mudo não, é Fortaleza. Que eu digo Fortaleza é a capital do estado. As vezes quando nós lá fora eu digo: vocês sabem que Fortaleza é a capital do estado, tem que obedecer." (Dono do time do Fortaleza)

O time do Fortaleza não possui campo para treinar a exemplo do time do Bragantino. Devido a esta situação o treino acontece de oito em oito dias, justamente durante o próprio jogo no domingo. O campo mais próximo do bairro das Malvas, onde reside a maior parte dos jogadores do Fortaleza, é o campo da micro empresa, o qual é utilizado quando o time do Fortaleza marca o jogo de volta com outros times. Neste caso é necessário combinar previamente com os outros times que também utilizam o campo da micro empresa.<sup>29</sup>

Durante os jogos, o dono do Fortaleza conta com o apoio da esposa, que distribui a cada jogador um din-din, uma pipoca, um xilito ou um pastel. Neste momento é estabelecida uma relação comercial entre o dono do Fortaleza e sua esposa, ou seja, a merenda distribuída pela esposa do dono do Fortaleza é posteriormente paga pelo referido dono do time do Fortaleza a sua esposa que fica com o lucro da venda. É necessário lembrar que cada jogador só tem direito a um único lanche, sem direito a repeti-lo. A não ser que este compre com seu próprio dinheiro.

---

<sup>29</sup> Examinar a relação entre os times e os campos de futebol em anexo.

Há também o irmão do Senhor Madalena que é como uma espécie de auxiliar do dono do time. É ele quem fica orientando os jogadores à beira do campo, avisa aos jogadores durante a semana sobre o local do jogo no domingo e é responsável também pela entrega das notas nas emissoras de rádios para divulgação dos resultados dos jogos e o local do próximo jogo. No caso da divulgação dos resultados dos jogos do domingo, o dono do Fortaleza explica que só manda a nota se o time tiver conseguido alguma vitória.

Os jogos do domingo precisam ser agendados entre os times. O comum é cada time possuir três quadros, ou seja, três divisões. Mas não foi sempre assim, o terceiro quadro é uma criação recente dos próprios "donos dos time" de Juazeiro do Norte. É possível verificar nesta ação uma alternativa de sobrevivência dos próprios times de futebol amador. Pois o futebol amador demanda uma certa quantidade de dinheiro para o transporte, compra de uniformes e bolas, gastos com a lavagem dos uniformes, entre outros, que sozinho o "dono do time" não tem como financiar. Assim com a ampliação do número de jogadores ficou mais fácil e barato para todos. Segundo um antigo "dono de time" de futebol amador, "futebol amador é tudo de gente pobre." Esta afirmação não corresponde hoje a realidade do futebol amador, que apresenta entre seus jogadores, representantes de diversas classes sociais.

Porém é importante ressaltar que jogar futebol é ainda hoje considerado como uma das principais formas de lazer entre a classe baixa de Juazeiro do Norte, isto porque sua prática é facilitada fora dos clubes, em áreas livres, nos campos de poeira, permitindo assim uma maior participação popular.

Para participar dos jogos "fechados" os jogadores colaboram financeiramente com o "dono do time".

"Em termos de dinheiro todos pagam, aqui pagam pra jogar. Por incrível que pareça, aqui todo mundo dar um real, um e cinquenta, dois reais, todo domingo, os meus jogadores. Porque o time que vem de fora, a cota é vinte reais que a gente dar a eles pra ajudar no caminhão. Amanhã, vem o time, é vinte reais que a gente paga a eles pra vim jogar com agente aqui, aí eu não posso tá tirando eu sozinho. Porque tem vinte reais do caminhão pra ajudar o time e tem dez que paga pra lavadeira lavar o terno. Quer dizer que você tem que tirar trinta reais. Então eu cobro deles. É difícil dá prejuízo, sempre eles cooperam." (Dono do time do Bragantino)

Caso algum jogador não tenha dinheiro para pagar sua cota naquele domingo, os demais jogadores dão a cobertura financeira necessária para completar com o valor estipulado.

"É um, um e cinqüenta, aqueles que a gente sabe que tem mais condições dá dois, aqueles que tem menos condições, que eu conheço todo mundo, né. Eu recebo um real, um e cinqüenta, então termina todo mundo pagando, ou se não pague, que não tem também, não deixa de jogar, não. Não tendo o dinheiro não é por isso que ele vai deixar de jogar não, os amigos cobre o dele sabe, já cobriu. No caso o que deu dois, cobriu aquele que entendeu ?"  
(Dono do time do Bragantino)

Geralmente as pessoas que se encarregam da tarefa de organizar um time de futebol amador, fazem por livre iniciativa e sem esperar nenhuma recompensa financeira, é mais fácil ocorrer o contrário, ou seja, prejuízo. Quem não consegue manter um time de futebol amador, acaba tendo que desfazer-se do investimento, como uniformes e bolas, não levando vantagens sobre esta negociação. Para Duvignaud, "O principal obstáculo para a compreensão da festa, em todos os seus aspectos e escalas, havia sido distorcido por uma percepção social inteiramente dominada pelas noções de funcionalidade, de utilidade e, evidentemente, pelo espírito da rentabilidade que caracteriza o Ocidente industrializado." (1983, p.22). Deste modo, considerando o aspecto econômico, o futebol amador em Juazeiro do Norte, não implica qualquer outra finalidade senão ele mesmo.

"Se sobrar alguma coisa que é difícil sobrar, mas quando sobra, eu já deixo junto ali. Que eu não quero nada do time, assim de termos financeiro. Eu tenho minha renda. Já pra comprar uma bola, que a política só dar de quatro em quatro anos. Quando a gente vai compra uma bola, aí eu faço cota do jeito do jogo: ô nós vamos comprar uma bola, tal dia, é dois pra cada um, se for dois. Vocês tem até esse dia pra dar, pode dar de cinqüenta, eles dão e eu anoto aqui, fulano deu tanto, e assim vai. É tipo uma associação porque o cabeça sou eu, se eu disser vamos fazer isso, eles fazem." (Dono do time do Bragantino)

No entanto, do ponto de vista da política é sabido que os vereadores ou candidatos a vereadores se utilizam do futebol amador em Juazeiro do Norte, como espaço onde os mesmos atuam para firmar seus nomes junto a uma parcela do eleitorado.

Os sujeitos envolvidos com o futebol amador, também retiram e imprimem nessa manifestação, algo que não é comercializado e que "não está inscrito em nenhum código nem em qualquer lugar do espaço oficial". (Duvignaud, op. cit., 64). São valores, crenças, sentimentos e outros sentidos imateriais que compõem o futebol amador.

Embora o time tenha um "dono", na percepção de parte dos jogadores o time é de todos.

Cada corpo de jogadores do time do Bragantino enfrenta o quadro correspondente ao time do Fortaleza. Os jogos acontecem de acordo com a tabela abaixo:

---

TABELA N° 04 - RELAÇÕES DE TEMPO NO JOGO FECHADO

---

Hora	Ordem	Quadro	Tempo de Jogo	Intervalo
14:00 h	1° Jogo	3°	25 X 25	10 min
15:00 h	2° Jogo	2°	30 X 30	5 min
16:00 h	3° Jogo	1°	40 X 40	10 min

O 1° quadro joga no melhor horário, ou seja, no final da tarde, horário menos quente que o horário do primeiro jogo. Essa hierarquia na ordem dos jogos revela-nos algo importante, qual seja, no 1° quadro encontram-se os melhores jogadores tanto do Bragantino como do Fortaleza ou de qualquer outro time de futebol amador de Juazeiro do Norte. No entanto, se é possível afirmar que o 1° quadro apresenta-se de forma única para todos os times de futebol amador na referida cidade, o mesmo não ocorre com a organização interna dos demais jogadores distribuídos nos outros quadros dos times em questão.

No caso do time do Fortaleza, o critério adotado pelo "dono do time " para a distribuição dos jogadores no 2° e 3° quadro, é a idade dos jogadores.

Os jogadores mais novos, com idade entre 12 e 14 anos, compõem o 3° quadro. Os jogadores que estão na faixa etária de 15 a 17 anos preenchem o 2° quadro. No 1° quadro estão os melhores jogadores, conforme já foi explicado anteriormente, são os jogadores que possuem idade acima de 18 anos.

É comum o jogador do 3° quadro passar para o 2° quadro, tão logo ele complete a idade necessária. Assim também acontece com o jogador do 2° quadro, que passará para o 1° quadro ao atingir a idade de 18 anos. Os jogadores do 1° quadro, comumente, permanecem no time por um longo tempo, até que por algum motivo abandona-o, possibilitando assim a ascensão dos demais jogadores. Porém, esse critério não é rígido, existem vários fatores que podem interferir na aplicação destas condições. Cito como exemplo o caso de um jogador de 20 anos que ainda joga no 3° quadro, a explicação dada pelo "dono do time" para esse fato é que o jogador em questão não apresenta habilidades técnicas para ocupar um lugar no 1° quadro, porém como o mesmo é "racheiro" antigo do time, este permaneceu no 3° quadro,

supostamente o mais fraco. Se formos analisar detalhadamente os demais jogadores é possível encontrar diversos casos que não se enquadrariam nos critérios de classificação descritos acima. Porém o que nos interessa é saber como o "dono do time" diz orientar esta classificação, por mais negligenciada que ela seja na prática.

No time do Bragantino a orientação dada pelo "dono do time" é diferente da orientação encontrada no time do Fortaleza. No 1º quadro do time do Bragantino é onde encontramos os melhores jogadores, nenhuma surpresa até aqui, já que esse critério prevalece em todos os times de futebol amador do Juazeiro do Norte.

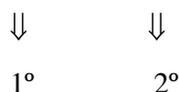
No entanto, do início da pesquisa até o momento de elaboração final da dissertação, algumas mudanças aconteceram no que diz respeito aos jogadores do 1º quadro do time do Bragantino. Inicialmente, o "dono do time" preenchia o 1º quadro com jogadores que residiam na cidade e com alguns jogadores do sítio Porções, onde localiza-se o campo de futebol. Entre os jogadores da cidade, encontravam-se alguns parentes do "dono do time" do Bragantino. Recentemente, ao procurar o Senhor Zé Ivan, para saber sobre o time do Bragantino, o mesmo me informou que no momento o time do Bragantino se apresentava somente com os jogadores do sítio Porções. Esta mudança aconteceu devido às dificuldades que existiam para os jogadores da cidade participarem dos treinos que acontecem nos sábados a partir das 15:00 h. Neste mesmo período que procurei o dono do Bragantino, o 1º quadro do referido time havia conquistado o título de campeão num campeonato organizado com outros times de futebol amador em Juazeiro do Norte. Segundo o dono do Bragantino, a maior alegria além da conquista do campeonato, foi o fato de haver conquistado-o somente com a participação dos jogadores do sítio Porções.

Ainda sobre a organização interna do time do Bragantino é importante destacar como o "dono do time" seleciona os jogadores para o 2º e 3º quadro. O 3º quadro é a base do time, ou seja, é onde inicia-se a maioria dos jogadores com idade a partir de 12 anos. Um jogador do 3º quadro passa para o 2º quadro, como acontece no time do Fortaleza, a diferença aqui no time do Bragantino é que sendo um jogador com habilidades técnicas e táticas, ele passa direto para o 1º quadro. No 2º quadro do time do Bragantino encontramos os jogadores que ascenderam do 3º quadro, conforme foi explicado, mas também aqueles jogadores do 1º quadro que por uma questão de idade, ou seja, os jogadores com idade acima de 35 anos, não suportam o ritmo forte dos jogos do 1º quadro.

É possível perceber uma distinção na maneira como o time do Fortaleza e do Bragantino dispõem internamente seus jogadores. Enquanto no time do Fortaleza o critério mais forte é a idade, no time do Bragantino a idade é apenas um dos fatores, prevalecendo a

habilidade técnica e tática do jogador. A organização interna do time do Bragantino permite afirmar que há uma preocupação em manter o jogador no time, mesmo quando este não apresenta tanta resistência física como os jogadores mais novos.

No time do Fortaleza como a ascendência dos jogadores dar-se linearmente, ou seja,  $3^{\circ} \Rightarrow 2^{\circ} \Rightarrow 1^{\circ}$ , teoricamente não há muita escolha para o jogador que já chegou ao 1º quadro. No time do Bragantino, a dinâmica dos jogadores também ocorre linearmente, porém com algumas distinções:  $3^{\circ} \Rightarrow 2^{\circ} \Rightarrow 1^{\circ}$



ou seja, o 1º quadro não é a última etapa para o jogador, pois ele, o jogador, pode retornar ao 2º quadro e assim permanecer mais tempo no time.

### 3. O Treino do Vila Alta e do Vasco do Horto: Jogo "aberto" e jogo "fechado".

O treino do time Vila Alta acontece às quartas-feiras e às sextas-feiras no campo do chafariz das 16:00 h até um pouco depois das 18:00 h. O jogo constitui-se num jogo treino, ou seja, os jogadores já foram escolhidos previamente pelo "dono do time", o qual está fazendo também a função de juiz da partida. A referida partida inicia-se com o grupo de jogadores e estes permanecem até o final do tempo de jogo, cerca de uma hora de duração. Não há time de fora para alternar com os que já estão jogando. O que pode acontecer é a troca de alguns jogadores, ou seja, os jogadores que estão jogando cedem seu lugar a outro jogador do mesmo time que ainda não jogou. O jogo treino tem como objetivo preparar os jogadores para o jogo do domingo. Os jogadores sabem que seu desempenho ali pode determinar a sua escalação ou não para o jogo de domingo. O jogo treino é dividido em dois momentos, na primeira hora treina os jogadores mais jovens, e no segundo momento treina os jogadores do time principal, ou seja, os do 1º quadro.

O time do Vasco do Horto treina no campo da Boca das Cobras, o qual foi construído na propriedade do Senhor Odilom, ainda na década de setenta, quando este era dono do time do Olarias.

"Aí nós botamos na cabeça de fazer esse campo. Aqui era uma vargem, quando nós começamos no mês de maio, a fazer esse campo, a água dava aqui no meio da canela, e o mato era dessa

altura assim. E meus meninos e os filhos de Seu Cícero Soares me incentivaram: Seu Odilom vamos fazer aqui um campo, aqui dar um campo. Aí eu disse: vamos. Aí roçamos o mato, abrimos levada, tiremos as águas, aí lá onde eu trabalhava na olaria tinha muita terra, eu fui trazendo na carroça, e fui aterrando. E hoje tá o campo aí." (Dono do campo da Boca das Cobras)

Hoje, o campo da Boca das Cobras continua a servir de palco para os jogos de futebol amador na cidade de Juazeiro do Norte. Vários times treinam neste campo, nos dias de sexta-feira é a vez do time Vasco do Horto treinar. Só os jogadores do 1º quadro treinam neste dia, para os jogadores do 2º e 3º quadro, o treino é o próprio jogo aos domingos. Além dos jogadores, há espectadores que vão somente assistir ao jogo. Há também os que ficam aguardando serem chamados para completar o time, quando alguém estar cansado, quando sobra um vaga, ou quando já próximo do término do jogo alguém cede seu lugar para estes que estão do lado de fora. Há ainda os moleques que ficam jogando bola ao lado do campo.

Como estamos no início do período das chuvas o campo já apresenta algumas poças d'água. Em determinados locais do campo, por causa das chuvas, nasceu uma graminha rala, contudo, no verão, é só poeirão. Quando chove muito o campo não reúne condições de jogo. De vez em quando o jogo é paralisado, para tanger os jumentos que ameaçam invadir o campo. Como o campo fica num espaço mais aberto é possível aproveitar até os últimos vestígios do sol. Assim os jogo prolonga-se além das 18:00 h. Ao término da partida, os jogadores contam ainda com a gentileza do dono do campo, que permite que os mesmo tomem um banho com a água da cacimba que também fica em propriedade sua.

O time Vila Alta e o time Vasco do Horto transitam entre os jogos "abertos" e os jogos "fechados". Durante a semana, nos treinos, apresentam-se aparentemente como jogo "aberto", embora tenham uma organização de jogo "fechado" que se evidencia durante os jogos do domingo.

## V - Futebol Amador: Lazer, Estilo de Vida e Campo Social.

O futebol amador constitui-se como uma das mais importantes expressões culturais do lazer das comunidades de baixa renda da cidade de Juazeiro do Norte.

"Porque futebol amador é tudo de gente pobre, né. Aí, uma pessoa pobre que nem eu, ou outro na minha marca, não dar pra levar um futebol, né. A não ser que seja com ajuda de todo mundo, aí. Todos eles que gostam de jogar bola." (Proprietário do campo da Boca das Cobras)

"Porque, geralmente o futebol amador é feito por pessoas simples, pessoas que residem assim nos bairros mais afastados, pessoas do comércio." (Locutor de Rádio)

"O campeonato da zona rural não deu pra fazer, porque sai muito caro e o pessoal não tem condições. Não é nada, mas 16,25 que um pai de família tira do bolso porque gosta do esporte, vai fazer muita falta numa feira dele. A entidade Asseajuno tem quase 4.000 associados, fora os diretores. Tem muitos time que não tem condição para se filiar. Para o campeonato de 2002 vai ter uma faixa de 90 clubes. (Presidente da ASSEAJUNO<sup>30</sup>)

"O lazer é você tá com uma bolsa de material na beira do campo, uma bola velha com cinco, seis buracos, sem condição de comprar outra. Encher ela de vez em quando para jogar dentro do campo, é o lazer porque Juazeiro não tem outra forma de lazer. Em Juazeiro não tem e se tem é caro demais, o verde vale é caro demais. Quando meu time não tá jogando eu vou assistir outros times jogando. É só campo, poeira na testa." (Dono do time do Comercial)

"Tá com 12 anos que eu mexo com futebol mas sempre assim: quando eu quero, eu não tiro dinheiro do meu bolso para sustentar time, eu não tenho condições. Não vou mentir que eu não tenho condições. Mas quando eu faço, quando eu sustento o meu time, quando eu vou pro sítio, frete um caminhão, lá eles me dão a metade da cota, eu cobro a cada um jogador, eu cobro à um real." (Dono do time do Vila Alta)

---

<sup>30</sup> Associação de Apoio ao Esporte Amador de Juazeiro do Norte.

O futebol amador em Juazeiro do Norte, principalmente para os sujeitos envolvidos, não é apenas uma maneira de passar o tempo, não se resume num momento de divertimento durante o período de não-trabalho, "*como se fosse uma mercadoria consumida em algumas poucas horas.*" (Toledo, 1996, p. 114). Embora o tempo dos sujeitos ligados ao futebol amador seja basicamente o tempo do não-trabalho, o futebol amador ocupa um espaço significativo na vida dos sujeitos envolvidos, fugindo da dicotomia tempo de trabalho/tempo livre.

Atualmente, a tendência que se verifica entre os estudiosos do lazer é no sentido de considerá-lo tendo em vista dois aspectos - tempo e atitude. (Marcellino, 2000). De acordo com o autor, para considerarmos uma atividade como lazer, ela tem que atender o aspecto tempo, ou seja, é necessário que esta atividade esteja no tempo livre, fora do tempo de trabalho do indivíduo. Porém, o aspecto tempo deve vir associado ao aspecto atitude, ou seja, é necessário que o indivíduo também encontre satisfação naquilo que está envolvido, no seu tempo livre.

Embora o lazer seja resultado das reivindicações dos trabalhadores, o que se verifica atualmente é a necessidade de considerar o lazer não como um apêndice do processo de trabalho ou como um subproduto do processo de industrialização. "O fenômeno do lazer deve ser entendido como uma esfera autônoma diante de outras atividades que preenchem o tempo liberado (não-trabalho), tais como ocupações familiares, atividades políticas, religiosas etc." (Toledo, 1996, p. 116).

Analisando o espectro do tempo livre proposto por Nobert Elias (1985) é possível afirmar que apenas uma parte do tempo livre pode ser voltado para as atividades de lazer. O quadro de classificações que indica as principais atividades de tempo livre na nossa sociedade auxilia-nos a não mais, equacionar o tempo livre enquanto atividades de lazer. O fenômeno do lazer deve ser entendido como uma das possibilidades diante de outras que preenchem o tempo livre. Vejamos:

## **O espectro do Tempo Livre**

### **1. Rotinas do Tempo Livre**

- a) Provisão rotineira das próprias necessidades biológicas e cuidados com o corpo.
- b) Governo da casa e rotinas familiares.

### **2. Atividades Intermediárias.**

- a) Trabalho particular (não-profissional) voluntário para outros.

- b) Trabalho particular (não-profissional), antes de tudo, para si próprio, de uma natureza relativamente séria e com frequência impessoal.
- c) Trabalho particular (não-profissional), antes de tudo, para si próprio, de um tipo mais ligeiro e menos exigente.
- d) Atividades religiosas.
- e) Atividades de formação de carácter mais voluntário, socialmente menos controlado e com frequência de carácter accidental.

### **3. Atividades de Lazer.**

- a) Atividades pura ou simplesmente, sociáveis.
- b) Atividades de jogo ou "miméticas".
- c) Miscelânea de atividades de lazer menos especializadas, com o carácter vincado de agradável destruição da rotina e com frequência multifuncional.

Para Norbert Elias, o esporte é uma ocupação de lazer que autoriza a fruição livre dos impulsos, afetos e emoções, num ambiente construído especialmente para esse fim, e diferente das rotinas públicas ou privadas, que exigem das pessoas um perfeito domínio das suas emoções. Enquanto a excitação é reprimida nas chamadas atividades sérias da vida, "... muitas ocupações de lazer fornecem um quadro imaginário que se destina a autorizar o excitação, ao representar, de alguma forma, o que tem origem em muitas situações da vida real, embora sem os seus perigos e riscos." (Elias, 1985, p.70). As regras têm um papel importante dentro deste quadro, sua função é basicamente uma: manter essas práticas sob controle.

Com o objetivo de ordenar o espectro do tempo livre, o quadro proposto por Elias (1985) acaba por estacionar determinadas práticas sociais que, podem adquirir múltiplas significações, como é o caso do futebol amador em Juazeiro do Norte. Assim, como classificaríamos o enorme dispêndio dos "donos de times" na coordenação, organização e acompanhamento dos jogos "fechados" de seus times ? Se a adesão dos sujeitos na atividade do futebol amador sugere uma satisfação pessoal, por outro lado, sua participação, principalmente nos jogos "fechados", implica também um dispêndio na realização desse tipo de atividade. O emprego da classificação formulada por Elias, não corresponde, em grande medida, as práticas desenvolvidas pelos sujeitos do futebol amador em Juazeiro do Norte, pois esta atividade agrupa características de diversas classificações.

É necessário observar o contexto em que é desfrutado o futebol amador, como se apresenta a fruição do futebol amador, buscando revelar que significados os sujeitos atribuem

à prática do futebol amador. O futebol amador em Juazeiro do Norte é uma prática social que para além do desfrute de parte do tempo livre, os sujeitos vivenciam uma maneira particular de gostar do futebol, como algo constitutivo de suas vidas, um estilo de vida. O gosto pelo futebol não é o único elemento que define o estilo de vida dos sujeitos envolvidos. Outras práticas e disposições, além do gosto pelo futebol, permitem apontar para o estilo de vida dos sujeitos envolvidos no futebol amador, resultando assim, em práticas de diferenciação frente a outras pessoas que circunstancialmente façam parte do futebol amador.

Os sujeitos envolvidos no futebol amador em Juazeiro do Norte investem tempo e dinheiro, expõem-se a conflitos, geram expectativas. De acordo com a pesquisa realizada, foi possível identificar os significados mais evidentes como divertimento, sociabilidade (conflito e cooperação), fruição, entretenimento, lazer e a dimensão da festa.

"Porque, pra mim, é o maior lazer que eu tenho na minha vida, é jogar bola. Eu sei que logo, logo, eu tô deixando, por idade. Porque você tá com 36 anos, eu racho<sup>31</sup> porque me preparo, não sou aquele cara desleixado, sempre na semana tô dando uma andada, uma corridinha. Mas se fosse uma pessoa que não, se eu não gostasse da coisa, já tinha deixado. Mas eu acho que futebol, só vou sair um dia, quando nosso senhor me chamar." (Dono do time do Bragantino)

"No futebol profissional a gente tem uma responsabilidade muito maior, é o trabalho, aqui no futebol amador é mais descontraído, mais solto." (Ex-jogador profissional)

O que se obtém do futebol amador, não está inscrito em nenhum regulamento. Mobiliza uma energia que dá sentido a existência. É festa.

"O ano passado eu fiz quatro festas lá nessa chacarazinha nossa, um quilo de alimento, veio um som, o somzinho veio pra mim de graça, não vou dizer que foi pagado que eu tô mentindo, veio de graça. Ai eu cobreí cada uma pessoa, meus jogadores me ajudaram pra não ter bagunça, eu fiz quatro festas, pra cada pessoa que entrar, tanto faz ser mulher como homem levar um quilo de alimento." (Dono do time do Vila Alta)

"Eu fazia até festa aqui em minha casa, era os pessoal dos times que vinham e vinha muita gente da rua, mulher, passava a tarde

---

<sup>31</sup> "Eu racho" tem o mesmo sentido de "eu jogo".

todinha dançando aí. Uns dançava, outros assistiam jogo. Aqui era animado, era tempo bom. Quando vinha time da Aurora jogar aqui, com o meu. Aqui, a radiola era aberta até 10:00 hora da noite, quando era 10:00 hora, 11:00 hora da noite, aí eu fechava, eles pegavam o carro e iam se imbora. Era animado, era muito animado. Nessa época que eu tinha o meu futebol aqui, o bar era na minha casa mesmo. Eu fazia festa, né." (Ex-dono do time do Olaria e proprietário do campo Boca das Cobras)

"Quando o time tá ganhando eu solto um bombinha, pra alegrar e comemorar a vitória." (Dono do time do Fortaleza)

No campo Boca das cobras, os jogadores contam com a generosidade do proprietário do campo, que permite que os mesmo tomem banho, logo após o jogo, com a água da cacimba<sup>32</sup> que também fica em sua propriedade.

"Aqui só brinca mais os meus amigos mesmo, né. Quem me considera, me considera e eu considero eles. Aí não cai não, e quando é um bate boca, acaba, chega aparta, pronto, acabou-se. Ali é tudo na amizade, né." (Ex-dono do time do Olaria e proprietário do campo Boca das Cobras)

Nos jogos "fechados", quando os times vão jogar em outros campos de futebol amador, os jogadores e outras pessoas da comunidade tem a oportunidade, talvez a única, de conhecerem diversas localidades da cidade de Juazeiro do Norte, outros municípios vizinhos e também de desfrutarem dos recursos naturais da região, tais como os açudes.

"Quando chega no sítio que tem banho de açude, essas coisas, nenhuma eu deixo pra ir tomar banho. Se vai, vai comigo, se eu num vou mando um ou dois responsável ir com eles tomar banho." (Dono do time do Vila Alta)

Noções como obrigação, dever e devoção também estão presentes.

"Quando eu compro um material pra mim (time) e tá pra três, quatro dias pra eu cobrir aquela, pagar aquela promissória, eu faço um quadrangular, eu faço um bingo, eu faço uma rifa. Aí eu tiro o dinheiro pra cobrir aquela promissória." (Dono do time do Vila Alta)

---

<sup>32</sup> Poço cavado até um lençol de água.

"Ele (jogador) no caso ele se empenhou por meu time, eu não tenho como pagar, sabe, eu sabia que ele merecia um pagamento. Aí eu não tinha como pagar financeiro, na espécie, aí eu dizia assim: rapaz quer tomar um leite, tal, quero. Muitas vezes ele chegava e quanto é ? Não deixe pra lá. Mas não é forma de pagamento, porque ali não se paga. É só a forma de gratidão, a palavra certa é essa. Ele tá me servindo, ao meu time e não tinha outro meio de fazer, o meio que eu tinha era esse, então eu tinha que ajudar é de qualquer forma." (Dono do time do Bragantino e vendedor de leite)

"Esse negócio (festa) eu fazia quando chegava. Durou, foi mais ou menos uns dez anos. Aí sempre tinha uma cachaça...e uma cajuinazinha e um miúdo de galinha. Toda chegada em casa era assim. Tinha gente dona, que as vezes acompanhava e dizia: o time tá perdendo que quando o senhor chega em casa dá cajuina, cachaça. Eu digo: eu já compro pra eles no sábado, e dou a eles mesmo, não vou ficar..." (Dono do time do Fortaleza)

Quando o "dono do time" do Fortaleza não consegue combinar nenhum jogo para o domingo, todos sentem falta da movimentação que o jogo promove, desde os jogadores até sua esposa.

"É o jeito tá em casa, mas é ruim é uma tarde comprida. A mulher fica também, acha ruim, diz: ô homem, sem jogo. Eu digo: é isso mesmo. Não conseguiu a gente arrumar. As vezes acontece a gente falhar um domingo. Mas eu sempre faço por onde, é difícil falhar um." (Dono do time do Fortaleza)

Em uma única partida de futebol, participam no mínimo vinte e duas pessoas, permitindo assim, a formação e o fortalecimento de laços de amizade. O espaço do futebol amador, especificamente o campo de futebol, é um "campo social" que permite a promoção da sociabilidade entre os sujeitos envolvidos.

"O projeto do escritório em andar aberto leva ao extremo o paradoxo da visibilidade e do isolamento, um paradoxo que pode também ser enunciado inversamente. As pessoas são tanto mais sociáveis quanto mais estiverem entre elas barreiras tangíveis, assim como necessitam de locais específicos, em público, cujo propósito único seja reuni-las." (Sennett, 1988, p. 29)

Percebe-se nos times a preocupação em ter um campo próprio, sem o que o time se sente moralmente diminuído. O campo de futebol é um espaço destinado originalmente ao futebol, mas pode-se dizer também que é um "campo social", ou seja, os sujeitos o concebem "como um espaço onde aqueles que não participaram da elaboração das regras de comportamentos da sociedade, impõem as suas próprias." (Schifnagel, 1979, p. 118)

"Essa manifestação cultural e popular em que se constitui o futebol jogado nos campos da periferia da cidade tem, de certa forma, mantido elos de identidade local que permitem a reunião de pessoas que compartilham, no mesmo espaço, formas de atuação coletiva e comunitária, modos de viver que trazem, nos tempos atuais, uma necessária experiência de solidariedade e de cidadania." (Eustáquio de Paula, 1999, p. 1120)

O futebol amador é um modo de coesão da comunidade e uma forma simbólica de resistência ao processo de exploração a que estamos submetidos. É necessário reconhecer que entre o Estado e o indivíduo isolado, outras instâncias de poder se organizam social e esportivamente. As ações que envolvem o futebol amador e que acontecem independente da ação do Estado, apontam para o fato de que, para além da ação do Estado, a comunidade organiza suas formas próprias e autônomas para a prática esportiva.

Multiplicar os espaços da prática do futebol amador e preservar as áreas já existentes é essencial para que tal atividade possa continuar existindo, principalmente quando sob alguma ameaça de extinção. Políticas públicas claras e conseqüentes, destinadas especialmente as camadas baixas da população, podem aprender algumas coisas com as redes de sociabilidade existentes em torno do futebol amador.

## VI - Referências Bibliográficas

- ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. O Futebol na Fábricas. In: Dossiê Futebol, revista USP. N. ° 22, Junho/Julho/Agosto/94.
- BARROS, José Mário de Almeida. Futebol: porque foi e porque não é mais. Rio de Janeiro. Sprint, 1990.
- BOSI, Alfredo. Cultura brasileira: temas e situações. São Paulo. Ática, S/D.
- BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças de Velhos. São Paulo: T.A. Queiroz ed., 1983.
- BOURDIEU, Pierre. Coisas Ditas. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- \_\_\_\_\_. O Poder Simbólico. Lisboa: DIFEL, 1989.
- CALDAS, Waldenyr. Aspectos Sóciopolíticos do futebol Brasileiro. In: Dossiê Futebol, revista USP. N. ° 22, Junho/Julho/Agosto/94.
- COIMBRA, Dário Maia. Retrospecto Esportivo. Boletim do Instituto Cultural do Vale Cariense, Juazeiro do Norte, n. 9, p. 32-34, 1982.
- COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.
- COSTA, Francisco. O Futebol na Ponta da Caneta. In: Dossiê Futebol, revista USP. . N. ° 22, Junho/Julho/Agosto/94.
- DA MATTA, Roberto; FLORES, Luiz Felipe B. N.; GUEDES, Simone & VOGEL, Arno. Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro. Pinakhoteque, 1982.
- DA MATTA, Roberto. Explorações: ensaios de sociologia interpretativa. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- \_\_\_\_\_. Antropologia do Óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. In: Dossiê Futebol, revista USP. N.° 22, Junho/Julho/Agosto/94.
- DAOLIO, Jocimar. Cultura: educação física e futebol. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- DE CERTEAU, Michel. A invenção do Cotidiano: Artes de Fazer. Rio de Janeiro, Vozes, 1996, 2ª ed.
- DIÓGENES, Glória. Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.

- DUMAZEDIER, Joffre. A revolução Cultural do Tempo Livre. São Paulo, Studio Nobel, 1995.
- DUVIGNAUD, Jean. Festas e Civilizações. Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983.
- ELIAS, Norbert. A Busca da excitação. Lisboa, Difel, 1985.
- FREIRE, João Batista. Educação de Corpo Inteiro. Teoria e Prática da Educação Física. 2ª Ed. São Paulo: Editora Scipione, 1991.
- FELDMAN-BIANCO, Bela. (org.) Antropologia das sociedades contemporâneas. São Paulo: Globo, 1987.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIL, Gilson. O Drama do “Futebol-Arte”: o debate sobre a seleção nos anos 70. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. Nº. 25, ano 9, Junho/94.
- GONDIM, Linda Maria de Pontes. Pesquisa em Ciências sociais: o projeto de dissertação de mestrado. Fortaleza. UFC edições, 1999.
- GUEDES, Simone Lahud. O povo brasileiro no campo de futebol. Rio de Janeiro, Museu Nacional (datilo).
- \_\_\_\_\_. O Futebol Brasileiro: instituição zero. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1977.
- \_\_\_\_\_. Subúrbio: celeiro de craques. In. DAMATTA, FLORES, GUEDES & VOGEL. Universo do Futebol – Esporte sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.
- \_\_\_\_\_. O Brasileiro no Campo de Futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: EDUFF, 1998.
- HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Vértice/ Ed. dos tribunais, 1990.
- LABORATÓRIO DE ANÁLISES DE SOCIABILIDADE CONTEMPORÂNEA – LASC. Sociabilidades. São Paulo, outubro de 1996. (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO).
- LINS, Daniel (org.). A Dominação Masculina Revisitada. Campinas: Papirus, 1998.
- LIZÄRRAGA, Antônio. Anatomia do Gol In: Dossiê Futebol, revista USP. N.º 22, Junho/Julho/Agosto/94.
- LOPES, José Sérgio Leite, MARESCA, Sylvain. A Morte da “Alegria do Povo”. In. Revista Brasileira de Ciências Sociais. N. 20, ano7, Setembro/92.
- LOPES, José Sérgio Leite. A Vitória do Futebol que Incorporou a Pelada: a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. In: Dossiê Futebol, revista USP. N.º 22, Junho/Julho/Agosto/94.
- LYRA FILHO. Introdução a Sociologia dos Esportes. Rio de Janeiro, 1973.

- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Festa no Pedaco: Cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.
- MAGNANI, José Guilherme, MORGADO, Naira. Futebol de Várzea Também é Patrimônio. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. São Paulo, 1994.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. Estudos do Lazer. Uma Introdução. 2ª Ed. Campinas: Autores Associados, 2000.
- MARIO FILHO. O Negro no Futebol Brasileiro. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1964.
- MÁXIMO, João. Memórias do Futebol Brasileiro. In: Revista Estudos Avançados. Vol. 13, Nº 37, Setembro/Dezembro/99.
- MOTTA, Joaquin Zailton Bueno. Homorivalidade: a base emocional da violência no futebol. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Vol. 19, Nº 2, Janeiro/1998.
- MORAES FILHO, Evaristo de (org). Simmel - Sociologia. São Paulo, Ática, 1983.
- MORIN, Edgar. Cultura de Massa no século XX. V. 1: Neurose. Rio de Janeiro: Forense, 1990.
- MURAD, Maurício. Dos Pés a Cabeça: elementos básicos de sociologia do futebol. Rio de Janeiro: Introdução Cultural, 1996.
- OLIVEIRA, Amália Xavier de. O Padre Cícero que eu conheci. Verdadeira História de Juazeiro. Rio de Janeiro, 1969.
- OLIVEN, Ruben George. Violência e Cultura no Brasil. 2 ed. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1983.
- PAULA, Heber Eustáquio de. Aspectos sócio-históricos do processo de crescimento urbano da cidade de Belo Horizonte e o seu impacto sobre as comunidades e grupos sociais envolvidos com a organização do futebol de várzea na região metropolitana da cidade. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Nº 21 (1), Setembro/99.
- PEIRANO, Mariza. A favor da etnografia. Rio de Janeiro: Relume- Dumará, 1995.
- PEREIRA, Flávio M. Dialética da Cultura Física: introdução à crítica da educação física, do esporte e da recreação. São Paulo: Ícone, 1988.
- PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Torcidas Organizadas de Futebol. Violência e Autoafirmação: aspectos da construção das novas relações sociais. Taubaté: Vogal, 1997.
- PLANO DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO URBANO DO MUNICÍPIO DE JUAZEIRO DO NORTE. Juazeiro do Norte. 2000. Relatório de Questões / Módulo Conceito. Juazeiro do Norte: Governo do Estado do Ceará, 2000.
- PRADO, Decio de Almeida. Tempo (e Espaço) no Futebol. In: Dossiê Futebol, revista USP. N.º 22, Junho/Julho/Agosto/94.

- RAMOS, Ricardo. A Palavra é... Futebol. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- REIS, Heloísa Helena Baldy dos. Futebol e Sociedade: as manifestações da torcida. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Vol.20, Nº.1, Setembro/98.
- ROBERTO, Zé. Futebol: a dor de uma paixão. 2 ed.. Rio de Janeiro: Guanabara, s/d.
- RODRIGUES, N. A pátria em chuteiras: Novas crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ROSENFELD, Anatol. Negro, Macumba e Futebol. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- SCHIFNAGEL, Betty. Caracterização do futebol de várzea como atividade popular de lazer. In: Revista do Centro de Estudos Rurais e Urbanos. Nº. 12. São Paulo, 1979.
- SENNETT, Richard. O Declínio do homem público: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SEVCENKO, Nicolau. Futebol, Metrôpoles e Desastinos. In: Dossiê Futebol, revista USP. N.º 22, Junho/Julho/Agosto/94.
- SOARES, Carmen Lúcia. Educação Física: raízes européias e Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 1994.
- \_\_\_\_\_. Imagens da educação no corpo: estudos a partir da ginástica francesa no século XIX. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.
- SOARES, José Raimundo. A Arte do Futebol. Edições UFC: Fortaleza, 1997.
- SOUZA, Marcos Alves de. A "Nação em Chuteiras": raça e masculinidade no futebol brasileiro. Brasília, 1996. (dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília).
- TOLEDO, Luiz Henrique. Transgressão e Violência entre Torcedores de Futebol. In: Dossiê Futebol, revista USP. N.º 22, Junho/Julho/Agosto/94.
- \_\_\_\_\_. Torcidas Organizadas de Futebol. Campinas: Autores Associados/ANPOCS, 1996.
- \_\_\_\_\_. No País do Futebol. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- VERISSÍMO, L. F. Futebol de rua. In: O Rei do Rock. Porto Alegre: Globo, 1978.
- WACQUANT, Loïc. Putas, Escravos e Garanhões: Linguagens de exploração e de acomodação entre boxeadores profissionais. In: Mana - Estudos de Antropologia Social. Vol. 6. Nº 2. Outubro/2000.

## VII - Anexos

1. Relação dos times e dos campos de futebol amador de Juazeiro do Norte identificados durante a pesquisa.

	<b>1.</b>	<b>Campo do Chafariz</b>	<b>Urbano</b>
	1-	Vila Alta	
	2-	1º de Maio	
	3-	CSA	
	4-	Potiguar	
	5-	Comercial	
	6-	Soberano	
	7-	Panelão	
	<b>2.</b>	<b>Campo do Ginásio</b>	<b>Urbano</b>
	8-	Coritiba	
	9-	Flamenguinho	
	10-	América	
	11-	Stª Cecília	
	12-	Stª Cruz	
	13-	Sport	
	14-	Marrocos	
	15-	Bopil	
	<b>3.</b>	<b>Campo da Micro empresa</b>	<b>Urbano</b>
	16-	Vila Três Maria	
	17-	Fluminense	
	18-	Rozarão	
	19-	Stª Cecília	
	20-	Flamengo da Vila Fátima	
	21-	Pinheirão	
	22-	Norcal	
	23-	Fortaleza	
	<b>4.</b>	<b>Campo do Tiradentes</b>	<b>Urbano</b>

	24-	Stª Cruz do Tiradentes	
	25-	Povo Atlético	
	<b>5.</b>	<b>Campo do Quartel</b>	<b>Urbano</b>
	26-	Stª Clara	
	27-	União Esporte	
	28-	2º BPM	
	29-	Novo Horizonte	
	30-	Matonhessen	
	31-	Veneza	
	32-	Campinense	
	33-	União Progresso	
	<b>6.</b>	<b>Campo do Tonhãozão</b>	<b>Urbano</b>
	34-	Palmeiras	
	35-	Corintias	
	36-	Verde Lima	
	37-	Paraná	
	38-	CC Romeirão	
	39-	Nossa Srª Aparecida	
	<b>7.</b>	<b>Campo do Praxedão</b>	<b>Urbano</b>
	40-	João Cabral	
	41-	Juaza	
	42-	Bahia	
	43-	Parma	
	44-	Escolinha do Capoeira	
	45-	São Caetano	
	46-	Cabralzinho	
	47-	Portuguesa	
	48-	Tabajara S. C.	
	<b>8.</b>	<b>Campo do Novo Juazeiro</b>	<b>Urbano</b>
	49-	Limoeiro	
	50-	Sport Clube	
	51-	Novo Juazeiro	
	52-	Naútico	

	<b>9.</b>	<b>Campo do Flamengo</b>	<b>Urbano</b>
	53-	Lã Corunã	
	<b>10.</b>	<b>Campo Boca das Cobras</b>	<b>Urbano</b>
	54-	Vasco do Horto	
	55-	Olária	
	56-	Fluminense	
	<b>11.</b>	<b>Campo do Vasco do Horto</b>	<b>Urbano</b>
	57-	Vasco do Horto	
	<b>12.</b>	<b>Campo do Salesianos</b>	<b>Urbano</b>
	58-	Flumaster	
	59-	Alvorada	
	60-	América	
	61-	Aliança	
	62-	Vila Fátima	
	63-	Angélica Calçados	
	64-	Campo Grande	
	65-	Deomiro Gouveia	
	<b>13.</b>	<b>Campo Parque Antonio Vieira</b>	<b>Urbano</b>
	66-	Stº Amaro	
	67-	Força Jovem	
	68-	Independente	
	<b>14.</b>	<b>Campo São José</b>	<b>Urbano</b>
	69-	Onzeveloz	
	<b>15.</b>	<b>Campo do Mutirão</b>	<b>Urbano</b>
	70-	São Damião	
	71-	Vila Nova	
	72-	Mutirão F. C.	
	73-	Esquina Verde	
	<b>16.</b>	<b>Campo das Pedrinhas</b>	<b>Urbano</b>
	74-	Cruzeiro das Pedrinhas	
	<b>17.</b>	<b>Campo José</b>	<b>Urbano</b>
	75-	São José	
	<b>18.</b>	<b>Campo do João Cabral</b>	<b>Urbano</b>

	76-	Portuguesa	
	77-	Itapipoca	
	<b>19.</b>	<b>Campo Betolândia 1</b>	<b>Urbano</b>
	78-	Botafogo	
	<b>20.</b>	<b>Campo Betolândia 2</b>	<b>Urbano</b>
	79-	Cruzeiro	
	<b>21.</b>	<b>Campo Brejo Seco</b>	<b>Urbano</b>
	80-	Palmeiras	
	<b>22.</b>	<b>Campo do Morenã</b>	<b>Urbano</b>
	81-	Veterano dos Comerciaros	
	<b>23.</b>	<b>Campo da Singer</b>	<b>Urbano</b>
	82-	Singer	
	<b>24.</b>	<b>Campo do Náutico</b>	<b>Urbano</b>
	83-	Náutico	
	<b>25.</b>	<b>Campo do F. C.</b>	<b>Urbano</b>
	84-	Sufisão	
	85-	F. C. E. C.	
	<b>26.</b>	<b>Campo do Pelo Sinal</b>	<b>Urbano</b>
	86-	Stª Cruz	
	<b>27.</b>	<b>Campo do Logradouro</b>	<b>Urbano</b>
	87-	Sobrita	
	<b>28.</b>	<b>Campo Vila São João</b>	<b>Urbano</b>
	88-	União São João	
	<b>29.</b>	<b>Campo do São Damião</b>	<b>Urbano</b>
	89-	São Damião	
	<b>30.</b>	<b>Campo da Baixa da Onça</b>	<b>Rural</b>
	90-	Flamengo	
	<b>31.</b>	<b>Campo Sítio Stª Rosa</b>	<b>Rural</b>
	91-	Stª Rosa S. C.	
	92-	S. C. Stª Rosa	
	<b>32.</b>	<b>Campo Gavião 1</b>	<b>Rural</b>
	93-	Gavião	
	<b>33.</b>	<b>Campo Gavião 2</b>	<b>Rural</b>

	94-	Corintias do Gavião	
	<b>34.</b>	<b>Campo do Touro</b>	<b>Rural</b>
	95-	Vila Nova	
	<b>35.</b>	<b>Campo Espinho</b>	<b>Rural</b>
	96-	Clube Regata Espinho	
	<b>36.</b>	<b>Campo Taquari</b>	<b>Rural</b>
	97-	Taquari	
	<b>37.</b>	<b>Campo Popô</b>	<b>Ruaral</b>
	98-	Cruzeiro dos Popô	
	<b>38.</b>	<b>Campo Amaro Coelho</b>	<b>Rural</b>
	99-	Amaro Coelho	
	<b>39.</b>	<b>Campo São Gonçalo</b>	<b>Rural</b>
	100-	Central	
	<b>40.</b>	<b>Campo do Sabiá</b>	<b>Rural</b>
	101-	Sabiá Esporte Clube	
	<b>41.</b>	<b>Campo dos Porções</b>	<b>Rural</b>
	102-	Bragantino	
	<b>42.</b>	<b>Campo do Pau Seco</b>	<b>Rural</b>
	103-	River	
	<b>43.</b>	<b>Campo do Catolé</b>	<b>Rural</b>
	104-	Grêmio	
	<b>44.</b>	<b>Campo Umari</b>	<b>Rural</b>
	105-	Carais	
	<b>45.</b>	<b>Campo Marrocos</b>	<b>Rural</b>
	106-	S. C. Marrocos	
	<b>46.</b>	<b>Campo do Munquém</b>	<b>Rural</b>
	107-	São Raimundo	
	<b>47.</b>	<b>Campo do Cipó</b>	<b>Rural</b>
	108-	Flamengo do Cipó	
	<b>48.</b>	<b>Campo do Arraial</b>	<b>Rural</b>
	109-	Arraial de Cima	
	<b>49.</b>	<b>Campo do Arraial de Baixo</b>	<b>Rural</b>
	110-	Palmeiras do Arraial	

